



**CULTURA ESCOLAR E CULTURA POPULAR: PERSPECTIVAS
DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Manoel Augusto Miranda Dourado

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - ÁREA INOVAÇÃO PEDAGÓGICA



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

FUNCHAL | 2014

UMa

Cul

T/M UMa
37
DOU cul
Ex. 1

75685
K0HA

UNIVERSIDADE DA MADEIRA
BIBLIOTECA



UNIVERSIDADE da MADEIRA

Centro de Ciências Sociais
Departamento de Ciências da Educação
Mestrado em Ciências da Educação – Inovação Pedagógica

Manoel Augusto Miranda Dourado

**Cultura escolar e cultura popular: perspectivas de inovação
pedagógica**

Dissertação de Mestrado

FUNCHAL - 2014

Manoel Augusto Miranda Dourado

Cultura escolar e cultura popular: perspectivas de inovação pedagógica

Dissertação apresentada ao Conselho Científico do Centro de Competência de Ciências Sociais da Universidade da Madeira, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação.

Orientadores : Professor Doutor Carlos Manuel Nogueira Fino

Professora Doutora : Emanuela O. C. Dourado

FUNCHAL – 2014

RESUMO

A narrativa foi o que conduziu esta dissertação, que tem como título “Cultura Escolar e Cultura Popular: perspectivas de Inovação Pedagógica”. O presente trabalho teve como objetivo principal analisar como estas culturas se relacionam, de que forma o diálogo pode contribuir para melhoria da educação e quais as perspectivas de inovação pedagógica. O estudo foi realizado numa comunidade quilombola cujos habitantes são descendentes de escravos. Através dum estudo de caso etnográfico, fez-se uma análise dos discursos de vários setores da cultura popular como: a capoeira, religião, música, representantes comunitários e pessoas da comunidade. E da cultura escolar, como a direção da escola, a coordenação, professor e aluno. Por se tratar de um estudo de natureza qualitativa, houve a possibilidade de alteração do percurso, de flexibilização de tempo e espaço para que fosse possível alcançar os objetivos propostos. É possível destacar também importância das referências teóricas como: Lapassade, Yin, Toffler, Benedith, Papert, Freire, Macedo, Fino, Sousa, dentre outros, que contribuíram bastante para o estabelecimento do diálogo produtivo e construção de juízo de valor. Sabendo que a escola é o local menos apropriado para se encontrar inovação pedagógica, a pesquisa insistiu na garimpagem procurando compreender como a Cultura Escolar interage com a Cultura Popular, num locus onde estas características estão presentes e tendo como perspectiva a inovação pedagógica. O trabalho com dados etnográficos foi produzido, com uso de elementos como: entrevistas e observação participante. Procurei entender ainda a dinâmica de elementos essenciais para que haja inovação pedagógica: A escola, o ensinar e o aprender, e outros como Cultura Escolar e Cultura Popular. Foi possível constatar a dificuldade de estabelecer diálogo entre estas duas culturas, o que acarreta num entrave para a inovação pedagógica e, como consequência, para a melhoria da aprendizagem.

Palavras-chave: Cultura Escolar; Cultura Popular; Estudo de caso etnográfico; Inovação Pedagógica

ABSTRACT

The narrative was leading this dissertation, which is entitled "School culture and popular culture: perspectives of pedagogical innovation". This study aimed at analyzing how these cultures are interrelated, how dialogue can contribute to improving education and what perspectives are for pedagogical innovation. The study was conducted in a "quilombola" community whose inhabitants are descendants of slaves. Through an ethnographic case study, an analysis was made of the speeches from various sectors of popular culture, such as: Capoeira, religion, music, community representatives and community members. And from the school culture, such as: the board, coordination, teacher, and student. As this is a qualitative study, it made possible the change of route, the flexibility of time and space in order to achieve the proposed objectives. It is also possible to highlight the importance of theoretical references as: Lapassade, Yin, Toffler, Benedit, Papert, Freire, Macedo, Fino, Sousa and others who have contributed enough to the educational establishment of productive dialogue and the building of value judgment. Knowing that school is the least appropriate place to find pedagogical innovation, research insisted on mining, trying to understand how school culture interact with popular culture at a locus where these characteristics are present and having prospects for pedagogical innovation. The work with ethnographic data was produced with the use of elements such as interviews and participant observation. I still looked forward to understanding the dynamics of essential elements for the pedagogical innovation: The school, teaching and learning, and others, such as School Culture, and Popular Culture. It was possible to observe the lack of dialogue between these two cultures, which causes a barrier to pedagogical innovation and, as a result, the improvement of learning.

Keywords: School culture, popular culture, ethnographic case study, pedagogical innovation.

RÉSUMÉ

Le récit a conduit cette dissertation, qui est intitulée «La Culture de l'école et la Culture populaire: perspectives d'innovation pédagogique». Cette étude envisageait l'analyse de la façon dont ces cultures se concernent, comment le dialogue peut contribuer à améliorer l'éducation et quelles sont les perspectives pour l'innovation pédagogique. L'étude a été menée dans une communauté "quilombola" dont les habitants sont des descendants d'esclaves. À travers une étude de cas ethnographique, on a fait une analyse des discours de divers secteurs de la culture populaire, telles que: la Capoeira, la religion, la musique, les représentants et d'autres membres de la communauté. Et de la culture de l'école: la direction, la coordination, professeur et étudiant. En tant qu'une étude qualitative, on a permis la modification de l'itinéraire, la flexibilité du temps et de l'espace pour qu'il soit possible d'atteindre les objectifs proposés. Il est également possible de mettre en évidence l'importance des références théoriques telles que: Lapassade, Yin, Toffler, Benedith, Papert, Freire, Macedo, Fino, Sousa et d'autres qui ont suffisamment donné une contribution à l'établissement d'un dialogue productif et le bâtiment du jugement de la valeur. Sachant que l'école est le lieu le moins approprié pour trouver l'innovation pédagogique, la recherche insistait à essayer de comprendre comment la culture de l'école interagit avec la culture populaire à un lieu où ces caractéristiques sont présentes et ayant les perspectives pour l'innovation pédagogique. Le travail avec des données ethnographiques a été réalisé avec l'utilisation d'éléments tels que des entretiens et l'observation participante. J'ai essayé encore de comprendre la dynamique des éléments indispensables pour qu'il y ait l'innovation pédagogique: l'école, l'enseignement et l'apprentissage, et d'autres, tels que la culture de l'école et la culture populaire. Il a été possible d'observer la difficulté d'établir un dialogue entre les deux cultures, ce qui provoque un obstacle à l'innovation pédagogique et, par conséquent, une amélioration de l'apprentissage.

Mots-clés: culture de l'école; culture populaire; étude de cas ethnographique; innovation pédagogique.

RESUMEN

La narrativa llevó esta tesis, que se titula "Cultura escolar y Cultura popular: perspectivas de la Innovación Pedagógica". Este estudio tuvo como objetivo analizar cómo estas culturas se relacionan, cómo el diálogo puede contribuir a la mejora de la educación y lo que son las perspectivas de innovación pedagógica. El estudio se realizó en una comunidad "quilombola", cuyos habitantes son descendientes de esclavos. A través de un estudio de caso etnográfico, se hizo un análisis de los discursos de diversos sectores de la cultura popular, tales como: Capoeira, la religión, la música, representantes de la comunidad y miembros de la comunidad. Y de la cultura de la escuela: la dirección, coordinación, el profesor y el estudiante. Como se trata de un estudio cualitativo, hecho posible el cambio de ruta, la flexibilidad de tiempo y espacio para que sea posible alcanzar los objetivos propuestos. También puede resaltar la importancia de las referencias teóricas como: Lapassade, Yin, Toffler, Benedith, Papert, Freire, Macedo, Fino, Sousa y otros que han contribuido lo suficiente para el establecimiento educativo de diálogo productivo y de construcción del juicio de valor. Sabiendo que la escuela es el lugar menos apropiado para encontrar la innovación pedagógica, la investigación insistió en la minería tratando de entender cómo la cultura escolar interactúa con la cultura popular en un lugar donde estas características están presentes y toma de perspectivas la innovación pedagógica. El trabajar con datos etnográficos se produjo con el uso de elementos tales como entrevistas y observación participante. Buscó todavía entender mejor la dinámica de los elementos esenciales para que haya innovación pedagógica: la escuela, la enseñanza y el aprendizaje, y otros, como la cultura de la escuela y la cultura popular. Se pudo observar la falta de diálogo entre estas dos culturas, lo que provoca una barrera a la innovación pedagógica y, en consecuencia, un mejor aprendizaje.

Palabras clave: cultura escolar; cultura popular; estudio de caso etnográfico; innovación pedagógica.

LISTAS DE MAPAS E TABELAS

Mapa 01 – Fragmento rodoviário da cidade de Lapão, Bahia, Brasil. Fonte *Google maps*.
Página 59.

Mapa 02 – Fragmento rodoviário do povoado da Lagoa do Gaudêncio, cidade de Lapão, Bahia, Brasil. Fonte *Google Earth*. Página 65.

Tabela 01 – Tabela com a quantidade de alunos em 2013, por turma e turno da Escola Municipal Tomé de Souza. Página 73.

Tabela 2 – Quantidade de alunos em 2014, por turma e turno da Escola Municipal Tomé de Souza. Página 73.

Tabela 03 – Com o número de alunos matriculados na Educação Básica de acordo o Censo de 2013. Página 105.

Tabela 04 – Opiniões sobre o uso da cultura popular na escola. Página 119.

LISTAS DE SIGLAS

- CNEC – Campanha Nacional das Escolas da Comunidade
EAD – Educação a Distância
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
EMTS – Escola Municipal Tomé de Souza
FTC – Faculdade de Tecnologia e Ciências
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IEE – Índice de Efeito Escola
LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira
LG – Lagoa do Gaudêncio
MEC – Ministério da Educação e Cultura
PME – Programa Mais Educação
PPA – Plano Plurianual Anual
SIMEC – Sistema Integrado de Monitoramento Execução e Controle do Ministério da Educação
UMa – Universidade da Madeira
UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

- Foto 01 – Fotografia de minha autoria, Entrada da cidade de Lapão, p. 63.
- Foto 02 – Fotografia de minha autoria. Fonte do Lapão, lugar onde originou a cidade, p. 64.
- Foto 03 – Fotografia de minha autoria. Placa na entrada do povoado, p. 66.
- Foto 04 – Fotografia de minha autoria, Rua do povoado de Lagoa do Gaudêncio, p.69.
- Foto 05 – Fotografia de minha autoria, Rua do povoado da Lagoa do Gaudêncio, p.69.
- Foto 06 – Fotografia de minha autoria. Escola Tomé de Souza – Povoado de Lagoa do Gaudêncio, Lapão, Bahia, p.70.
- Foto 07 – Fotografia de minha autoria. Cassimiro José Alves - Líder do Terno de Reis e presidente da associação da Lagoa do Gaudêncio, p. 77.
- Foto 08 – Fotografia de minha autoria. Apresentação do Terno de reis de Lagoa do Gaudêncio na EMTS, p.78.
- Foto 09 – Fotografia de minha autoria. Alunos na roda de capoeira na EMTS, p 79.
- Foto 10 – Fotografia de minha autoria. Mestre de Capoeira – João Alves de Souza, o “Fura coco”, p.83.
- Foto 11 – Fotografia de minha autoria. Genelísio - líder comunitário, p.86.
- Foto 12 – Fotografia de minha autoria. Gildemar Alves - Presidente da Associação Comunitária Quilombola, p.87.
- Foto 13 – Fotografia de minha autoria. Casa de Umbanda do Pai de Santo Darlindo, p.95.
- Foto 14 – Fotografia de minha autoria. Pai de santo Darlindo do Nascimento, p. 97.
- Foto 15 – Fotografia de minha autoria. Filho de Santo – Napoleão Alves de Souza, p.98.
- Foto 16 – Fotografia de minha autoria. Filho de Santo – Dermival Francisco de Souza, p.99.
- Foto 17 – Fotografia de minha autoria. A diretora da escola Tomé de Souza – Biderlândia. P.101.
- Foto 18 – Fotografia de minha autoria. Coordenadora pedagógica - Lidiane Dourado Matos, p.104.
- Foto 19 – Fotografia de minha autoria, Foto 19. Professora do quinto ano, Claudete Vilela Dourado Cardoso, p.108.
- Foto 20 – Fotografia de minha autoria. Alunos do quinto ano fazendo tarefa na sala de aula, p.109.
- Foto 21 – Fotografia de minha autoria. Aluna S.S do quinto ano da EMTS, p.109.
- Foto 22 – Fotografia de minha autoria. Aluna L.S. P do quinto ano da EMTS, p.110.
- Foto 23 – Fotografia de minha autoria. Maristélia Honorinda de Souza, coordenadora do programa mais educação, p.112.

Foto 24 – Fotografia de minha autoria. Eronildes Antônio do Nascimento, monitor de Percussão, p.113.

Foto 25 – Fotografia de minha autoria, alunos fazendo percussão – programa Mais Educação, p 113.

AGRADECIMENTOS

A minha caminhada em direção a construção do conhecimento foi uma realização profissional e pessoal e nesse percurso encontrei muitas pessoas maravilhosas que contribuíram de forma significativa para meu crescimento. Quero manifestar meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para o meu sucesso.

Agradeço ao Deus pai, pela força, amparo nos momentos difíceis e a fé sem a qual não seria possível a conclusão deste trabalho, bem como a motivação para seguir em frente e nunca desistir;

A Universidade da Madeira que possibilitou a realização do sonho de mais um brasileiro de melhorar seu nível de estudo e como pessoa. Agradeço o acolhimento e a contribuição para enriquecimento e democratização do saber;

A minha família abrigo seguro, sempre confiante em mim, em especial a minha querida esposa Leny e meus filhos abençoados: Diego, Silas e Manoela;

Ao professor Doutor Carlos Fino por ter me escolhido como seu orientando e por ter contribuído de maneira valorosa com seu conhecimento;

A professora Doutora Jesus Maria pelo apoio e sabedoria com minha admiração e apreço;

A minha orientadora brasileira a professora Doutora Emanuela Dourado que aceitou o desafio de me orientar na construção do conhecimento;

A todos os professores do mestrado pelas contribuições e incentivos para o sucesso e efetivação desta pesquisa;

Aos colegas que me incentivaram e colaboraram com o meu crescimento em aprendizagem e como pessoa; A comunidade da Lagoa do Gaudêncio que contribuiu para realização desse trabalho.

TOCANDO EM FRENTE

(Almir Sater e Renato Teixeira)

Ando devagar
 Porque já tive pressa
 E levo esse sorriso
 Porque já chorei demais
 Hoje me sinto mais forte,
 Mais feliz, quem sabe
 Só levo a certeza
 De que muito pouco sei,
 Ou nada sei.
 Conhecer as manhas
 E as manhãs
 O sabor das massas
 E das maçãs
 É preciso amor
 Pra poder pulsar
 É preciso paz pra poder sorrir
 É preciso a chuva para florir
 Penso que cumprir a vida
 Seja simplesmente
 Compreender a marcha
 E ir tocando em frente
 Como um velho boiadeiro
 Levando a boiada
 Eu vou tocando os dias
 Pela longa estrada, eu vou
 Estrada eu sou
 Conhecer as manhas
 E as manhãs

O sabor das massas
 E das maçãs
 É preciso amor
 Pra poder pulsar
 É preciso paz pra poder sorrir
 É preciso a chuva para florir
 Todo mundo ama um dia,
 Todo mundo chora
 Um dia a gente chega
 E no outro vai embora
 Cada um de nós compõe a sua história
 Cada ser em si
 Carrega o dom de ser capaz
 E ser feliz
 Conhecer as manhas
 E as manhãs
 O sabor das massas
 E das maçãs
 É preciso amor
 Pra poder pulsar
 É preciso paz pra poder sorrir
 É preciso a chuva para florir
 Ando devagar
 Porque já tive pressa
 E levo esse sorriso
 Porque já chorei demais
 Cada um de nós compõe a sua história
 Cada ser em si
 Carrega o dom de ser capaz
 E ser feliz

SUMÁRIO

Folha de rosto.....	i
Resumo.....	ii
Abstract.....	iii
Résumé.....	iv
Resumem.....	v
Listas de mapas tabelas.....	vi
Lista de Siglas.....	vii
Listas de Listas de Ilustrações.....	viii
Agradecimentos.....	x
Tocando em frente.....	xi
SUMÁRIO.....	xii

INTRODUÇÃO	01
------------------	----

PARTE I

A EDUCAÇÃO, A ESCOLA, A CULTURA E A INOVAÇÃO PEDAGÓGICA.

1. A EDUCAÇÃO	07
1.1 A Escola	09
1.2 Ensinar e aprender e suas implicações	22
2. A CULTURA	28
2.1 A Cultura escolar	31
2.2 A Cultura popular	35
3. A INOVAÇÃO PEDAGÓGICA.....	38

PARTE II

A METODOLOGIA DA PESQUISA, O LOCUS, CULTURA ESCOLAR E CULTURA POPULAR: PERSPECTIVAS DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA E OS DADOS DA PESQUISA.

4. A METODOLOGIA DA PESQUISA.....	45
4.1 A etnografia.....	48
4.2 O estudo de caso	49
4.2.1 Sobre o Entrevistado	53
4.3 O Estudo de caso etnográfico	54
4.3.1 A observação participante	55
4.3.2 Entrevistas	57

5. O LOCUS	59
5.1 A Cidade de Lapão	59
5.2 O povoado da Lagoa do Gaudêncio	65
5.3 A Escola Municipal Tomé de Souza	70
6. CULTURA ESCOLAR E CULTURA POPULAR	75
6.1 O reisado	76
6.2 A Capoeira	78
6.3 O Samba de roda	83
6.4 As associações comunitárias	84
6.5 A escravidão no Brasil.....	88
6.6 A construção da Identidade	90
6.7 O sincretismo religioso.....	92
6.8 As religiões	93
6.8.1 O candomblé	94
6.8.2 Umbanda	95
6.9 A cultura escolar	100
6.10 O programa Mais Educação.....	110
6.11 A percussão como instrumento de Educação.....	112
7. OS DADOS DA PESQUISA	115
7.1 As Entrevistas	116
7.2 As observações	118
8. CONCLUSÕES	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	129
APÊNDICES	134
APÊNDICE 01– Fotografias	134
APÊNDICE 02 – Ofício de solicitação do locus para pesquisa	148
APÊNDICE 03 – As entrevistas	149
APÊNDICE 04 – As observações e Entrevistas.....	150
APÊNDICE 05 – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido	152
APÊNDICE 06 – Carta de aceite.....	158
APÊNDICE 07 – Alguns gráficos	159
APÊNDICE 08 – Diário de Bordo	160

INTRODUÇÃO

“Não consulte dicionários. Casmurro não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. Dom veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração; se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo rancor. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto. Agora que expliquei o título, passo a escrever o livro. Antes disso, porém, digamos os motivos que me põem a pena na mão”. O texto de Machado de Assis do livro “Dom Casmurro” reflete a minha preocupação primeira com a narrativa, confesso que eu nunca fui bom em contar histórias e busquei inspiração neste ator que considero um excepcional escritor brasileiro.

Ao contrário do Machado de Assis, dar um bom título ao meu trabalho não me garantiu a tranquilidade e nem predisposição de sucesso nessa empreitada, sei que não será fácil, mas, acredito fielmente nas palavras do compositor Almir Sater quando diz; “Cada um de nós compõe a sua história, cada ser em si carrega o dom de ser capaz”. É com os pés no chão e sonhando alto que embarco nessa viagem.

Quando criança adorava ouvir estórias, eram narrativas fantásticas feitas pelo meu primo Dário, um habilidoso e adorável contador de estórias. Agora estou aqui com a missão nada fácil para mim, a de observar, colher, narrar e analisar cientificamente o que vi no locus da minha pesquisa.

Essa pesquisa foi realizada em uma Comunidade Quilombola¹, um locus interessante pelas suas características peculiares por se tratar de um povo descendente de escravos, com práticas culturais diferenciadas de outras comunidades e teve como temática principal o diálogo entre a Cultura Escolar e a Cultura Popular com perspectivas de Inovação pedagógica.

¹Comunidade Quilombola: nome dado às comunidades que em sua maioria absoluta é formada por habitantes descendente escravos negros que durante o período da escravidão fugiram dos engenhos de cana-de-açúcar, fazendas e propriedades rurais onde eram obrigados e fazer trabalhos braçais e outros humilhantes com uso até de torturas.

É conveniente esclarecer que sempre gostei de ler sobre cultura popular; e também, como gestor escolar há muito tempo tenho me interessado em compreender o funcionamento das escolas; e isto moveu minha vontade de entender o dinamismo da Cultura popular e da Cultura Escolar, que podem em algum tempo e espaço, encontrarem-se e estabelecerem relações e diálogos que possibilitem melhorias na educação com perspectiva de inovação pedagógica.

O homem sempre sonhou em descobrir novos lugares, novas coisas, uma fórmula nova para um perfume, uma nova tecnologia para automóveis, um novo aparelho na área de informática, a busca pelo novo faz parte do cotidiano de todos nós. Portanto, este é o desafio que nos move.

Estamos em uma época onde a velocidade da informação é muito grande, o tempo parece que anda, ou melhor, corre de forma mais rápido, nesse futuro onde tudo pede pressa e poucos valores são duráveis, tudo parece ser descartável: família, amor, emprego, etc. A cultura é um mundo onde a transitoriedade perdura, mas convém lembrar que nem sempre foi assim.

Houve uma época em que os homens aprendiam a linguagem da sua sociedade e dela fazia uso, com pequenas alterações, pela vida afora. Seu "relacionamento" com cada palavra aprendida ou com cada gesto vigente era um relacionamento durável. Hoje em dia, a um grau estarrecedor, as coisas não se passam mais assim. (TOFFLER, 1973, P. 142).

O aparelho ideológico que contribui como instrumento usado para moldar os homens para que possam sobreviver ao que Toffler chamou de "O Choque do Futuro" é a escola. No tempo industrial, ela formou indivíduos para ocupar certas posições na sociedade, tendo como objetivo maior formá-los para determinadas tarefas que seriam exercidas durante muito tempo; enquanto que na sociedade superindustrial esses homens passam a ser regidos pela transitoriedade e não têm papel fixo nessa nova realidade, afetando também a escola que perdeu a identidade e passou a não enxergar com clareza seus reais objetivos.

Toffler (1973, p.34) chama atenção para um fenômeno que influencia em todos os campos da vida humana. A transitoriedade causa muita insegurança a todos, não se consegue prender por um longo tempo, nem a lugares, nem a empregos, nem a pessoas, "a transitoriedade é uma nova 'temporalidade' da nossa vida cotidiana" este clima de impermanência torna mais complexa as relações entre as pessoas.

Uma das consequências da sociedade pós-moderna foi o que Toffler (1973) chamou de “a morte da permanência” trazendo consigo muito sofrimento, pois com isso houve uma insegurança generalizada, e essas mudanças na sociedade refletiram também nas escolas com um grande volume de coisas acontecendo ao mesmo tempo, mas a escola perde uma boa oportunidade para acompanhar o ritmo frenético da vida no superindustrialismo.

Em alguns setores, percebemos com maior frequência estas “inovações”, mas qual será o motivo para que na escola não se consiga romper com os paradigmas instituídos e as práticas docentes não mudem, mesmo com o uso de aparelhos sofisticados e de alta tecnologia na área de informática? Convém lembrar que a inovação pedagógica aqui pesquisada não é a mesma coisa que ferramentas tecnológicas.

O objeto dessa pesquisa é compreender como a cultura escolar se relaciona com a cultura popular e até que ponto elas conseguem dialogar, observando-se também, com o uso dos elementos de estudo de caso etnográfico, se há um canal de comunicação entre as culturas, percebendo até que ponto esta convivência pode aflorar perspectivas de inovação pedagógica.

A etnografia será a grande condutora dessa pesquisa com a clara pretensão de ser crítica e não apenas relatar situações anotadas no diário de bordo, o que vem de acordo com o proposto por Fino no seu texto. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais.

Talvez possamos acreditar que um pouco de etnografia crítica, ou seja, resultado de um olhar qualificado pela experiência direta do terreno, e multirreferencialmente informado e refletido, talvez possa ajudar a provocar, nem que seja um pouco de mudança. (FINO, 2008, p. 4).

Os textos colocados nesta dissertação são intencionais, acredito que eles contribuem para um direcionamento e desenvolvimento da pesquisa, possibilita também a compreensão do modelo de educação e escola, além da percepção sobre cultura, cultura escolar e cultura popular acrescido da metodologia do estudo de caso, da etnografia como método e inovação pedagógica. São fatores essenciais para uma análise científica dos dados da pesquisa.

A presente dissertação está dividida em duas partes: a primeira parte está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo procuro apresentar a educação e a escola regidas pelo

paradigma fabril embasadas em Toffler e com a clara preocupação com a indefinição de qual modelo seguir. Enquanto que no segundo capítulo busco uma compreensão de Cultura com contribuições de Benedict, além de discutir a cultura escolar e a cultura popular como fatores de construção de elos para melhoria da educação. Percebendo a cultura escolar com características comuns em todas as escolas como arquitetura, organização do espaço escolar, procedimentos curriculares, ver o currículo oculto como elemento inculcador de procedimentos e comportamentos nos alunos como obediência a horários, aprendizagem por repetição, rotinas, etc. A cultura popular com seu colorido e procedimentos baseados em uma pedagogia de liberdade e tradição, e as manifestações culturais como: Capoeira, Terno de Reis, religiões, associações comunitárias são alguns elementos da cultura popular estudados nesse trabalho. Já no terceiro capítulo são discutidos os princípios básicos da Inovação Pedagógica na visão de Fino, acrescentando as opiniões de Toffler (1973, 1980) trazidas nos seus livros: “Choque do futuro” e “A terceira onda”.

A segunda parte da pesquisa vem com a metodologia da pesquisa, o locus, a cultura popular e acultura escolar. É composta pelos: quarto, quinto, sexto, sétimo e oitavo capítulos. No quarto capítulo procuro entender a etnografia nos estudos de Lapassade (2005), Macedo (2006) e Fino buscando primeiro uma narrativa do que foi observado e colhido nas entrevistas. Fiz um resumo intencional de muitos dos conhecimentos que achei pertinente acerca do estudo de caso de Yin (2001), acrescentei as ideias do estudo de caso etnográfico de acordo com André (1995).

No quinto capítulo o locus da pesquisa, há uma preocupação inicial de situar o espaço geográfico com suas características físicas e históricas trazendo uma discussão teórica sobre educação; escola e os processos que envolvem o ensino e a aprendizagem. Procuro entender a educação como fenômeno que se faz presente em todos os povos e espaços de convivência e interações sociais. O sexto, uma narrativa dos relatos colhidos no povoado Lagoa do Gaudêncio, com a sua população, suas histórias, crenças, formação da sua identidade e convívio com o sincretismo religioso.²

No sétimo capítulo, são apresentados os dados da pesquisa, obtidos através da observação participante e entrevistas. Há uma coleta de informações advindas da cultura escolar com a

²Sincretismo religioso: A ideia do sincretismo religioso é unir algo bastante diferente como as concepções religiosas fazendo com que haja uma fusão de influência exercida por uma religião nas práticas de outra.

participação de direção, coordenação, professores, alunos e da cultura popular com o Pai e Filhos de Santos, capoeira, percussão, associações comunitárias e pessoas da comunidade. Cabe ressaltar que as informações obtidas são analisadas de forma crítica, procurando uma compreensão acerca de cultura escolar e cultura popular com perspectiva de inovação pedagógica em um locus propício.

As conclusões trazem no oitavo capítulo a busca pelo diálogo entre as culturas escolar e popular, cremos como o melhor e menor caminho para construção de uma inovação pedagógica com bases sólidas e permanentes. Procuramos fazer uma análise dos discursos com base nas observações e entrevistas auxiliadas pela teoria.

PARTE I
A EDUCAÇÃO E A ESCOLA.

1 A EDUCAÇÃO

A minha vivência em educação vem de longa data. Desde 1981 quando era aluno do terceiro ano de magistério do Colégio Cenecista de Canal³, tive minha primeira experiência com a docência, lembro-me que fui chamado à sala da diretora Fátima que me ofereceu a disciplina Educação Física para ser ministrada com duas aulas práticas por semanas para os meninos.

O convite se deu pelo conhecimento que eu tinha adquirido no Exército Brasileiro, durante minha estada lá durante o ano anterior, dessa forma passei a colocar os meninos “em forma”, assim comecei minha vida de docente a qual continuo até a presente data. O estudo a seguir procura discutir a educação como instrumento de mudança.

Considerada fenômeno social deve ter por princípio abarcar todos os seres humanos, com perspectivas de promover mudanças para qualificação dos indivíduos como cidadãos cientes de seus direitos e deveres para com a sociedade da qual está inserido, sendo também multicultural e com objetivos claros na promoção da justiça social e dos benefícios dela advindos.

Durkheim, (1983, p. 37) diz que a educação é constituída de costumes e ideias que são determinantes para o tipo de educação necessária para a sociedade, que seria segundo ele proporcionado pelos sistemas de educação: “inseridos no conjunto de outros fenômenos sociais como a religião, a organização política, o grau do desenvolvimento das ciências, do estado, das indústrias, etc”.

A sociedade tem para si o tipo de homem que precisa. Desta forma a educação constitui uma ferramenta eficaz para transformação e manipulação das pessoas. Durkheim (1983, p 40) “não há povo em que não exista certo número de ideias, sentimentos e práticas que a educação deve inculcar a todas as crianças, indistintamente, seja qual for a categoria social a que pertençam”.

³O Centro Educacional Cenecista de Canal, Localizada na cidade de João Dourado, Bahia, É uma escola extinta, onde fiz meu curso de magistério que dava direito a ensinar o primário, mas pela falta de professores com curso superior nós ensinávamos até o segundo grau.

O crescimento do indivíduo como pessoa na sociedade moderna depende do bom nível da educação que foi para ele oferecida em tempos da "Educação para todos",⁴ sendo responsabilidade da família e do estado provê-la. É preciso entender até onde o estado se sente responsável e competente na oferta da educação e no estágio atual, se as famílias são capazes de prover esse direito para seus filhos.

A educação faz parte daquele conjunto de leis sociais que promovem a igualdade entre as pessoas, A lei maior brasileira diz em seu art. 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Constituição Federal do Brasil de 1988, artigo 205).

Sem sombras de dúvidas, o exercício da cidadania depende de uma boa educação e da preparação dos indivíduos, para tal acontecimento depende do comprometimento dos poderes públicos que disponibilizam e fazem acontecer. No Brasil além da constituição federal, outras duas leis que regulamentam e trazem complementações deste direito são elas, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB 9394/97) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (lei 8.069/90) traz a importância da educação na vida das pessoas, tratando como prioridade máxima, valorizando e exigindo que seja assegurado este direito fundamental. Enquanto, o ECA tem em seu texto bem parecido com o da Constituição no (ECA, artigo 53) "a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho".

Antes do surgimento da escola como instituição, a educação já existia e era transmitida de forma oral de pai para filho, tempos depois surgiram os preceptores que ensinavam em

⁴Educação para todos: De acordo com o documento de Jomtiem, Suíça, 1990. Há mais de quarenta anos, as nações do mundo afirmaram na Declaração Universal dos Direitos Humanos que "toda pessoa tem direito à educação". No entanto, apesar dos esforços realizados por países do mundo inteiro para assegurar o direito à educação para todos, persiste ainda a falta da concretização deste direito.

mosteiros ou nas próprias casas dos alunos, proporcionando uma educação individualizada com currículo montado de acordo com o interesse da família.

O processo de educação de um povo é muito complexo e envolvem várias situações, contextos que em muitos lugares se dá nos espaços: formais que chamamos de escola ou não formais como: igrejas, associações, clubes, organizações, etc. Desta forma é possível compreender a educação como algo maior que a escola.

A educação se dá com envolvimento de dois processos: ensinar e aprender. Não existe grupos humanos sem educação. A sociedade organizada é regida por conjuntos de regras chamadas educação que pode ser ou não intencional, mais ou menos sistematizada.

Para que a agregação dos seres humanos em espaços comuns aconteça e funcione se faz necessário o estabelecimento de conjunto de regras que possibilitem o convívio em grupos. A educação proporciona a criação desses códigos de condutas e em consequência à inserção social.

1.1 A escola

A escola estudada por mim deu ênfase nos estudos de Toffler. Período onde foi usada para treinar as crianças para quando adultos pudessem cumprir com as tarefas dos operários das fábricas, desta forma a escola aqui é direcionada para cumprir certas tarefas que vão do aprender pela inculcação e repetição da ideologia do estado.

Com o advento da revolução industrial a sociedade passou a ter uma realidade muito diferente. O trabalho saiu do campo e das casas, com isso surgiu a necessidade de ter um local onde trabalhador pudessem ser adaptados às condições das fábricas. É sabido que mudar a forma de agir de pessoas adultas é bem difícil, então, melhor seria criar um ambiente onde as pessoas pudessem ser treinadas desde bem pequenas. Toffler fala sobre a dificuldade de trabalhar com pessoas adultas nas fábricas.

Como escreveu Andrew Ure em 1835, que era “quase impossível converter pessoas passadas da puberdade, tiradas de ocupações rurais ou de ofícios artesanais em operários de fábricas úteis”. Se pessoas pudessem ser preparadas com antecedência para o sistema industrial, os problemas da

disciplina industrial seriam enormemente fáceis mais tarde. (TOFFLER, 1980, p 42)

Assim a escola foi adaptada para este fim, preparar operários para as fábricas, estruturada em um modelo: a educação em massa. (Toffler, 1990) diz que. No modelo industrial, a educação em massa ensinava Leitura, Escrita e Aritmética básicas, com um pouco de História e outras matérias. Este era o “currículo aberto”.

O problema era que com este currículo vinha acompanhado um “currículo encoberto, ou invisível, que era muito básico”. O básico era composto de comportamentos que seriam adquiridos e internalizados pelos alunos nos treinamentos realizados na escola. De acordo com Toffler que, diz que o currículo consistia “Em três cursos: Um de pontualidade, de obediência e um de trabalho maquinal, repetitivo”.

O problema era desordenadamente complexo. Como pré-adaptar as crianças a um mundo novo – um mundo de ruídos internos repetitivos, de fumaça, de trabalho confinado, de máquinas, de condições de vida em ambientes populosos, de disciplina coletiva, um mundo em que o tempo, era regulado não pelo ciclo sol e da lua, mas pelo apito da fábrica e pelo relógio de ponto? (TOFFLER, 1973, P. 333-334).

A escola passou a ser usada para treinar operários para fábricas que exigia trabalhadores cada vez mais dispostos a aceitar funções repetitivas, assim a escola evoluiu e o ano letivo mudou com o aumento dos dias letivos, também a quantidade de anos estudados pelos alunos.

Com todos estes movimentos a escola passou a receber cada vez mais um número maior de pessoas.

A educação pública em massa foi claramente um passo humanizante para frente. Como declarou um grupo de mecânicos e operários na cidade de nova York, em 1929: “Depois da vida e da liberdade, consideramos a educação a maior bênção concedida à humanidade”. (TOFFLER, 1980, p 43).

Desta forma a escola foi à solução encontrada pelo modelo industrial, usada como instrumento principal na preparação de jovens para se integrarem e participarem da sociedade industrial.

A solução estava num sistema educacional que, na sua própria estrutura, simulava esse mesmo universo. Esse sistema não emergiu pronto e acabado. Mesmo nos dias de hoje, refém em si mesmo elementos retrógrados, vindos da sociedade pré-industrial. Todavia, a ideia integral de reunir massas de estudantes (matéria-prima) para serem trabalhadas por professores

(operários) numa escola centralmente localizada (fábrica), foi um golpe genialmente industrial”. (TOFFLER, 1973, p. 334).

A escola hoje está pressionada, pois o caráter utilitarista do mundo contemporâneo, capitalista busca os fins das coisas e com a falta de objetivos e direção desta tem surgido questionamento sobre sua real função. A indagação a responder é: Qual o modelo de escola que contempla os reais desejos e necessidades da sociedade atual?

É certo que o paradigma fabril fez a escola sair do lugar de contemplação, de laser e a transformou em um lugar que reproduzisse fielmente o ambiente das fábricas, implantação de horários rígidos, obediência às sirenes ao tempo determinado de cada aula, a autoridade do professor e normas rígidas de convivência em grupo.

A pergunta imediata foi: será se a escola estava preparada para o que a nova sociedade industrial exigia? O novo modelo de produção pedia um ser humano com várias habilidades, adestrado e adaptado para as novas funções.

Com a industrialização crescente a escola copiou muito do que era usado nas fábricas, o que Toffler o chamou de princípios. De acordo com ele,

Muito do furioso conflito nas nossas escolas, negócios e governos, na realidade, centraliza-se atualmente nesta meia dúzia de princípios, quando a gente da segunda onda, instintivamente, os aplica e defende e a gente da Terceira Onda os desafia e ataca. (TOFFLER, 1980, p. 59).

Estes princípios foram usados não somente no ambiente das fábricas, mas, foram transportados também para as escolas e de certa forma para todos os ambientes da vida. De acordo com (Toffler, 1990) são eles: Padronização; Especialização; Sincronização; Concentração; Maximização; Centralização.

A Padronização, um dos princípios usado pelas fábricas para confeccionar produtos iguais em séries. Um construtor de móveis chamado Thonet inventou este princípio e de acordo com (MASI, 2000, p 59) “(...) descobriu que, em vez de fabricar cem cadeiras, cada uma diferente da outra, é muito mais lucrativo fazê-las todas iguais: o desperdício é menor, a produção é mais rápida e a menor custo”.

Na indústria o princípio da padronização foi usado com sucesso por Taylor. De acordo com Toffler,

Frederick Winslow Taylor, um maquinista transformado em cruzado, que acreditava que o trabalho podia ser científico se padronizassem os passos que cada trabalhador dava. Nas primeiras décadas deste século, Taylor decidiu que “havia uma maneira melhor (padrão) de realizar cada tarefa, uma ferramenta melhor (padrão) para executá-la com ela, e um tempo estipulado (padrão) no qual podia ser completada”. (TOFFLER, 1980, p.60).

Nas escolas este princípio também foi usado, na padronização dos conteúdos para séries e anos, adequações de alunos a idade-série, organização dos currículos, dentre outros.

A Especialização é um dos princípios usado na indústria mas, usado também na educação. Toffler (1980) diz que: Em 1776 *Adam Smith* abriu *A Riqueza das Nações* com a vibrante afirmação de que “o maior melhoramento nos poderes produtivos do trabalho... parece ter perdido os efeitos da divisão do trabalho”. Sr Smith fala do princípio da especialização dando exemplo:

Um trabalhador único de velho estilo, efetuando todas as operações necessárias sozinho, escreveu, podia produzir apenas um punhado de alfinetes por dia – não mais de 20 e talvez nem um. Em contraste, Smith descrevia uma “manufatura” que ele tinha visitado, na qual se exigiam 18 operações diferentes efetuadas por dez trabalhadores especializados, cada um efetuando apenas uma ou algumas fases. Juntos, conseguiam produzir mais de 48 mil alfinetes por dia – mais de quatro mil e oitocentos por trabalhador. (TOFFLER, 1980, p.62).

Na educação houve também o emprego da especialização a partir do uso do Método Analítico Cartesiano. Ocorreu uma fragmentação das disciplinas e o trabalho do professor tornou cada vez mais especializado. Na escola a especialização das tarefas, divisão social do trabalho e assim ocorreu uma profissionalização maciça.

O princípio da especialização ainda continua a ser um dos mais usados, sua utilidade em várias áreas permitiu um avanço monstruoso em todos os campos com a possibilidade de aproveitar a mão de obra e habilidades de todos os operários. A descrição feita por Henry Ford sobre as tarefas e habilidades necessárias mostra também o lado perverso da especialização.

Pela época em que Henry Ford começou a fabricar o Modelo T, em 1908, não eram necessárias 18 operações diferentes para completar uma unidade, mas 7.882. Em sua autobiografia Ford registrou que dessas 7.882 tarefas especializadas, 949 exigiam “homens fortes fisicamente hábeis e praticamente homens perfeitos”; (TOFFLER, 1980, p.62).

A especialização contribuiu muito para a indústria e todas as áreas da vida humana, mas também separou as pessoas pelas habilidades e competências, Ford continua:

3.338 tarefas precisavam de homens de força física apenas “comuns”, a maioria do resto podia ser realizada por “mulheres ou crianças crescidas” e, continuava friamente, “verificamos que 670 tarefas podiam ser preenchidas por homens sem pernas, 2.637 por homens com uma perna só, duas por homens sem braços, 715 por homens com um braço só, e 10 por homens cegos”. Em suma, a tarefa especializada não exigia um homem inteiro, mas apenas uma parte. (TOFFLER, 1980, p.62-63).

Esta definição de *Ford* deixa transparecer o outro lado da especialização, o quanto ela pode ser desumana e cruel.

O princípio da sincronização aparece da necessidade de aproveitamento do potencial de produção de máquinas caras que não podem ser deixadas ociosas, desta forma há necessidade de organização de tempo e espaço.

Se fôssemos artesões numa oficina de vasos, cada um fabricaria um vaso inteiro. Se ao contrário, trabalhássemos numa linha de montagem, você enroscaria um parafuso e cinco segundos depois, eu deveria apertar outro: logo, deveríamos ambos estar presentes no instante em que a cadeia se inicia. (MASI, 2000, p. 61).

Na sincronização aparece a interdependência do outro de estar no lugar e horário, desta forma para que máquinas caras não ficassem ociosas, pois elas operam em ritmo próprio, torna-se importante a pontualidade e toda a fábrica precisa operar em sincronia de acordo com o ritmo estabelecido pelas máquinas.

Não foi coincidência que as crianças das culturas industriais foram ensinadas a ver as horas em terna idade. Os alunos eram condicionados a chegar a escola quando tocava a sinete, a fim de que mais tarde chegassem com segurança a fábrica ou ao escritório quando soasse a sirene (TOFFLER, 1980, P. 64).

A sincronização invadiu também a escola com respeito a horário, trabalhos em grupos, tarefas que exigiam colaboração e uma interdependência do outro, valorizando ainda o trabalho em grupo e o senso de equipe. Um dos princípios mais difícil de ter sucesso na escola, pois o

trabalho em grupo ainda continua sendo um entrave nas atividades escolares. Creio que com um trabalho sincronizado poderia melhorar muito a aprendizagem nas escolas

Concentração é um princípio de economia, por exemplo, ao juntar várias pequenas fábricas em determinado lugar poderia aproveitar e reutilizar os equipamentos, barganhar com fornecedores. O princípio dos sindicatos se formou a partir daí vários trabalhadores juntos tem mais força. O crescimento das escolas com vários cursos se fortaleceu.

Na maximização a palavra chave foi produtividade a busca pelo crescimento, houve um exacerbado sentimento de grandeza, que sobrepunha as precauções com riscos de desastres ecológicos e sociais.

A centralização produziu consigo uma divisão em produção e consumo criou também uma divisão entre o planejar e a executar, assim passaram a existir os que pensam e os que fazem, aparecendo uma organização demonstrada através de uma pirâmide, o que faz parte do topo manda e o restante obedece.

Esses princípios foram de acordo com Toffler bastante utilizados pelos adeptos da segunda onda. Atualmente há uma discussão acerca da utilização ou não pelos simpatizantes da terceira onda.

A sociedade industrial produzia sobre tudo meios de produção, bens a serem consumidos, capital. A sociedade pós-industrial produz sobre tudo conhecimento, administração de sistemas, capacidade de programar a mudança. O princípio da sociedade industrial era colocar o trabalho à disposição do capital. O princípio da sociedade pós-industrial é colocar o presente à disposição do futuro. (MASI, 2000, p.59).

A escola passa por problemas de identidade, pois não sabe que direção tomar, sem objetivos claros e definidos como outrora. A palavra escola tem sua raiz etimológica no grego *skhola* que significa espaço para praticar o ócio e o lazer. Nada parecido com a que temos hoje.

Hoje, a “escola para todos” proporciona de forma forçada a convivência de pessoas muito diferentes em seus sonhos e perspectivas. A padronização de interesses e atitudes comuns a todos que frequentam o objetivo das instituições de ensino: igualar o que é diferente.

Continua com os mesmos procedimentos de tempos atrás, certamente muito piores, pois na sua forma de agir não encontra eco, é observável, visível e de fácil comprovação que o velho paradigma fabril perdeu força, tendo como consequência uma desconstrução da forma de ser da escola.

A função primordial da escola no paradigma fabril foi treinar os trabalhadores das fábricas, reproduzindo fielmente os mesmos cenários das obras, onde o alunado aprendia obedecer ao toque da sirene, o controle dos horários, trabalhar com a repetição, memorização de regras e formulas. A escola nesse modelo fabril tinha a finalidade de reproduzir fidedigna a sociedade

A revolução francesa traz em seu bojo discussões no campo da educação. Até então o ensino era privado e não público, assim pela primeira vez na história a educação passa ter um caráter público trazendo a necessidade de um local apropriado para transmissão do conhecimento, com toda explanação apresentada, neste contexto surge a escola.

Fino (2009, p.6) em seu texto “Inovação e invariante (cultural)”, diz com muita propriedade que fatores tecnológicos como o advento do Sputnik I lançado em 1957 pelos soviéticos contribuiu de forma acintosa para que a escola fosse questionada das suas reais funções. De acordo com ele, é a partir deste episódio que nós saímos da era industrial e adentramos na era tecnológica. “Assim, a escola popular nasceu equipada já com alguns dos artefatos mais representativos da cultura industrial”.

Neste cenário os americanos humilhados culpavam a escola como fator principal da sua derrota para os soviéticos e propuseram uma reforma geral nos currículos, principalmente nas áreas chamadas duras como: Física e Matemática. O fruto destas mudanças veio aparecer com o foguete Apolo 11 e chegada do homem à lua em 1969, advento que os levou ao apogeu de novo.

Quando a escola perdeu seu objetivo principal que era de treinar trabalhadores para o serviço nas fábricas, o capital se desinteressa, pois ela não faz sentido para o patrão pois não desejava ter funcionários questionadores, exigentes de seus direitos e pouco produtivos.

O capital tem interesse na escola desde que ela se inova e volte atender os anseios do mundo do trabalho, pois precisa ser criativa, autônoma, dinâmica e ter competência, mostrando preocupação com o futuro, porque, o que provoca mudança é a ação e não a teoria.

A preocupação primordial da escola deveria ser a aprendizagem dos alunos, contudo ao visitarmos qualquer unidade educativa, o ensino parece ser seu maior empenho. Há uma atenção especial pela transmissão do conhecimento, colaborando com isto para um dos maiores problemas para quebra de paradigmas do currículo. Este se torna um entrave porque direciona através da parte oculta para interesses muitas vezes não explícitos. A parte oculta do currículo são aquelas partes que estão na escola que não tem explicação, ou seja, aquelas que utilizadas automaticamente pelos que nela trabalham sem questionamento algum.

A escola foi criada para atender algumas necessidades sociais, dentre as quais modelarem os cidadãos para que saibam conviver com outros e atender aos anseios das classes dominantes. O criador também seguiu este roteiro, assim, ela tem desde o início como tarefa principal, adequar o cidadão para viver em sociedade, com mais deveres que diretos onde os verbos mais utilizados são: obedecer, seguir, adaptar.

Desta forma as escolas procuram inculcar no educando o papel que a sociedade quer que ele desempenhe. De acordo com Fino em seu texto “Inovação e Invariante (cultural)”

As escolas são locais onde se concentram comunidades de pessoas durante longos períodos de tempo entregues a tarefas semelhantes, pelo que partilham características comuns. Histórica, com elementos comuns do currículo que devem desenvolver, com essas características relacionam-se com a mesma finalidade específica, com a mesma origem procedimentos cristalizados ao longo de décadas, com crenças institucionalizadas sobre educação e sobre conhecimento e aprendizagem, com o que se acredita deverem ser os papéis dos seus membros, com o valor que as respectivas sociedades lhes atribuem.
(FINO, 2009, p.2).

As ações mais utilizadas no seu interior direcionam os alunos para serem passivos, objetos, criados para obedecer, cumpridores de tarefas. A escola moderna tem este caráter reprodutivista, e o paradigma fabril adentrou no ambiente escolar como ações que eram um treinamento onde o aluno aprendia para repetição no ambiente de trabalho.

A escola foi criada com objetivos específicos e de acordo com Fino em seu texto, “Demolir os muros da fábrica de ensinar”.

As escolas a que estamos acostumados foram desenhadas para satisfazerem necessidades da sociedade industrial. A antiga ordem industrial necessitava de uma “espécie” de homem, equipada com habilidades que nem a família nem a igreja eram capazes de proporcionar. (FINO, 2011, p.46).

O cidadão ao entrar no ambiente escolar e ouvir o toque da sirene pode pensar que é só um sinal que serve para demarcar o tempo de uma aula e não percebe que ela foi criada para treinar os que passam por este ambiente a obedecer horários e se habituar, pois durante sua vida profissional será cobrado. A obediência ao tempo, a assiduidade e a pontualidade se treinam no ambiente escolar, seguir regras de comportamento fazem parte dos ensinamentos dentro da escola para o mundo do trabalho.

Com o advento das fábricas, a sociedade necessitava de um tipo de homem que a igreja e a família não poderiam oferecer. Contudo, o tempo passa e o modelo da sociedade industrial se desfaz, mas a escola continua com o mesmo formato, com muita dificuldade de romper com o velho paradigma fabril.

A escola traz na sua história a demarcação de papéis onde cada um que circula dentro dela deve executá-lo. O papel do professor está bem definido como transmissor de conteúdo, sem nenhum incentivo. Para formação de professores pesquisadores, há uma clara separação entre teoria e a prática, desta forma o professor sente-se fora desse universo.

As escolas têm sido pressionadas por resultados e eficiências e ao não conseguir alcançar os objetivos propostos pela sociedade, os sistemas escolares entram em crise e pecam, pois não conseguem analisar e resolver o problema sobre outras perspectivas, de acordo com Sacristan.

El fracaso escolar e la crisis de los sistemas educativos son vistos como fracasos de eficiencia en una sociedad competitiva, altamente tecnologizada, cuyos valores fundamenta lesson de orden económico, En esta situación, la preocupación radica em encontrar una respuesta eficaz como remedio fácil, en lugar de analizar el problema desde otras perspectivas. (SACRISTAN, 2002, p. 10).

A seguir há alguns pontos que foram destacados pelo professor Fino (2011, p.48-50) no seu texto “Demolir os muros da fábrica de ensinar” escolhidos por mim e que são tópicos sobre a escola que

estão em destaques, acrescidos com pensamentos de outros teóricos e por pequenos comentários (grifos meus).

- As escolas já não preparam para a vida como antes preparavam. (FINO, 2011, p.48)

As escolas tiveram durante muito tempo a intenção de serem preparadoras para a vida com clara ilusão de conduzir o aluno para o sucesso. De certa forma, enquanto era frequentada por alunos que queriam aprender e acreditavam na sua função, isto acontecia. Mas com o passar do tempo este caráter preparatório se perdeu.

A escola não consegue se adaptar as necessidades do mercado atual que precisa de homens e mulheres com características e habilidades para as novas exigências do momento. De acordo com Toffler.

O que os empregadores da Terceira Onda precisam cada vez mais, por conseguinte, são homens e mulheres que aceitem responsabilidade, que compreendam como o seu trabalho combina com o dos outros, que possam manejar tarefas cada vez maiores, que se adaptem rapidamente a circunstâncias modificadas e que estejam sensivelmente afinados com as pessoas em volta deles. (...) A firma da Terceira Onda exige pessoas que sejam menos pré-programadas e mais criativas. (...) Tais pessoas são complexas, individualistas, orgulhosas das maneiras como diferem umas das outras. (...) Elas procuram significado juntamente com recompensa financeira (TOFFLER, 1980, p.378, 379).

- A cada dia que passa, a escola vai tendo menos que ver com o mundo que a rodeia atualmente, e mais com o mundo que a rodeou no passado. (FINO, 2011, p.48)

A escola se tornou estranha no locus onde atua, pois a cultura local foi desprezada em favor de uma cultura global que tenta unificar pensamentos, ações, manipula desejos e de certa forma a torna menos envolvida com uma sociedade engajada.

- As escolas tornaram-se num lugar onde muitos dos alunos aguardam não se sabe bem o quê. (FINO, 2011, p.49).

A escola tornou-se um local sem objetivos e metas que não transmite a sensação por parte das pessoas que passam por ela da sua utilidade, uma travessia sem norte, sem perspectivas de mudanças;

- Escasseiam recursos nas escolas, nomeadamente tempo para reflexão e tecnologias atualizadas. (FINO, 2011, p.49).

A demanda de uma era tecnológica e com muitas indústrias pressupõe maior volume de recursos para implantação das reais necessidades da escola, contudo, há uma crescente diminuição dos gastos em educação comparando-se com as urgentes e necessárias medidas.

- Supõe-se que os professores devem fazer o máximo com o mínimo, não havendo, pelos vistos, limite para o mínimo. Os professores esforçam-se por ensinar, independentemente da vontade de aprender dos alunos. Aprender não é, nem nunca foi, uma consequência direta de se ser ensinado. (FINO, 2011, p.49)

Há ainda uma ilusão entre os professores que acreditam que aprender se dá necessariamente através do ato de ensinar. De certa forma ensinar e aprender permanecem juntos há muito tempo, contudo, o aprender não vem com o simples fato da ação de ensinar, pois esse é muito complexo, não pode ser entendido como produto.

- Os professores não deviam ser educados tendo como referência uma escola imutável, concebida para durar eternamente. (FINO, 2011, p.49)

Para um grande número de professores a teoria é para os estudiosos, não é papel para ele ser pesquisador, muito menos produzir teoria, há, portanto, a clara necessidade do professor entender que a investigação faz para do seu cotidiano escolar e que esta investigação seja no sentido de proporcionar transformação de sua prática.

- Não existe transmissão de conhecimento: com sorte, talvez o professor possa fornecer informação (ou indicar onde ela se encontra), que possa ser usada pelos alunos no seu processo autónomo de construção. (FINO, 2011, p.49)

Muitos professores ainda possuem a ilusão que conseguem fazer com que seus alunos aprendam pela ação da transmissão do conhecimento e não tem a percepção que a aprendizagem é construída no coletivo em comunhão. Não é um processo de transferir conhecimento

- Se são os aprendizes quem constrói o conhecimento, talvez o essencial da atividade da escola devesse focar-se no processo de construção. (FINO, 2011, p.49)

A escola precisa rever suas prioridades se se apegar ao mais importante que é a construção do conhecimento com ênfase na construção coletiva, do aprender junto e instigar o valor da autonomia que deve favorecer o educando como sujeito construtor do conhecimento.

No processo de construção do conhecimento, a etnopesquisa crítica não considera os sujeitos do estudo um produto descartável de valor meramente utilitarista. Entende como incontornável a necessidade de construir juntos; traz pelas vias de uma tensa interpretação dialógica e dialética a voz do autor social para o corpus empírico analisado e para a própria composição conclusiva do estudo, até porque a linguagem assume aqui um papel co-construtivo. ((MACEDO, 2006, p.10).

- Se acreditamos que a aprendizagem é um fenômeno secundário da prática social, sendo este o fenômeno primário, como propõem Lave e Wenger (1991), deveríamos dar aos alunos reais oportunidades de construção, proporcionando-lhes um ambiente social em que possam interagir colaborativamente com outras pessoas, para além do professor (colegas, outros adultos, etc.). (FINO, 2011, p.49).

O professor quer garantir a aprendizagem dos educandos, mas se prende a vários motivos como: autoridade e protagonismo do professor; valorização do método e técnicas de ensino; uso da didática como arte de ensinar. É obvio que com está realidade não há ambiente propício, pois, perdura a arte da condução e não da liberdade, da autonomia, do aprender com o outro.

- Os professores devem considera-se como alguém que acompanha e apoia (*guides on the side*), em vez de, como até aqui, sábios que proferem discursos do seu púlpito (*sages on stage*). (FINO, 2011, p.49).

A mudança de postura por parte dos professores se faz necessário, mas isto requer toda uma desconstrução das suas crenças e percepções. Perceber o aluno como igual e o aprender como um processo construído junto e o seu papel seja de um orientador, norteador, de uma bússola.

- O currículo de aprendizagem é necessariamente uno: se o dividimos em fatias, por razões didáticas, também deveríamos dar aos alunos a possibilidade de o reunir e ressintetizar. (FINO, 2011, p.49).

Será se o currículo é um mal necessário? Ele precisa ser unificado? Há espaços para transgressões? As realidades locais precisam ser contempladas no currículo? Repostas prontas como sim ou não provavelmente seriam as mais usadas, contudo é certo que o currículo deve ser flexível de maneira que permitam as mudanças feitas pelas escolas estejam em consonância com os desejos e anseios da comunidade em que ela estar inserida.

- As escolas não proporcionam contextos de aprendizagem autênticos, uma vez que os contextos dos praticantes autênticos residem fora da escola, mas os aprendizes merecem oportunidades de aprendizagem situadas. (FINO, 2011, p.49)

O espaço escolar não é fértil para inovações, pois dentro dele reside uma cultura impregnada por uma didática voltada para o ensino sem a clara preocupação com as mudanças que permeiam as escolas.

- O currículo de ensino, independentemente das intensões piedosas que exiba, é muito mais um constrangimento do que um caminho seguro para a construção do conhecimento (já para não falar de inovação). (FINO, 2011, p.50).

Certamente é o currículo que direciona e engessa as escolas não possibilitando a ruptura com o instituído. Talvez tivesse inicialmente a intensão de organizar as ações realizadas no espaço escolar, mas se revestiu de um autoritarismo que impossibilita as ações e os ventos da mudança.

- Os alunos deveriam ser treinados para sobreviverem num mundo em acelerada transformação como aprendizes autônomos ao longo da vida, dando substância ao muito mais falada do que praticada *life long learning*. O pensamento crítico é crucial para se ter sucesso. (FINO, 2011, p.50).

A escola como laboratório para vida, como espelho, uma reprodução fiel das situações se faz necessário para sobrevivência no mundo contemporâneo tão cheio de intemperes. E Toffler (1973) em “O choque do futuro” fala desta autonomia que pode ser incorporada, se a escola

souber conduzir o seu papel como instituição social e formadora de opinião e comportamento, quando diz que: “Os analfabetos do século 21 não serão aqueles que não conseguem ler e escrever, mas aqueles que não conseguem aprender, desaprender e reaprender”.

A escola é o aparelho da sociedade responsável pela educação formal de todos, é rígida por um plano educacional direcionado pela burocracia e um currículo que a direcione para conservação do que está posto instituído, por isso a quebra de paradigma no ambiente escolar é tão difícil e o currículo trata de conservar esta realidade.

Fino em seu texto “O lugar das tecnologias na formação inicial dos professores: o caso da Universidade da Madeira” fala sobre esta incapacidade da escola preparar seu alunado para o futuro, saindo do paradigma instrucionista em direção ao construcionista. Diz que:

Trata-se de colocar a tecnologia a serviço da mudança de um paradigma *instrucionista*, velho, de dois séculos, para um novo paradigma *construcionista*, como meio de responder às necessidades impostas à escola por uma sociedade em profunda e acelerada mudança, num momento em que a escola se encontra notoriamente incapaz de “preparar para o futuro”. (FINO, 2003, p.2).

O construcionismo de acordo com a visão de Papert é o caminho para construção do conhecimento de forma significativa, pois se embasaria na pedagogia da aprendizagem a matemática e caminhará em busca da inovação pedagógica. As mudanças na escola acontecem com a mudança de postura do professor, que deveria ser o sujeito mais lucido e pensante deste ambiente. Portanto concordo com a opinião de Fino (2011, p.5) diz que: “A inovação pedagógica passa por uma mudança de atitude do professor”.

1.2 Ensinar e Aprender com suas implicações.

Na sociedade da informação o aprender e o ensinar sai da categoria do complicado para o complexo, Toffler (1973 p.345) chama atenção para o fato do conhecimento ser perecível, com indivíduos mudando de locais com muita frequência, local de trabalho, local de moradia, local de estudo. Muita dificuldade em vincular-se a algo por muito tempo.

Já a função de ensinar não se prende somente a repassar conteúdos, por isso para Toffler (1973 p.345) “as escolas de amanhã devem, por conseguinte, ensinar não apenas dados, mas a maneira de manipulá-los. Enquanto os alunos precisam: Os estudantes devem aprender como se livrarem das velhas ideias, como e quando substituí-las. Devem, em resumo, aprender a aprender”.

A construção da autonomia do estudante é um dos entraves da escola, fala-se a muito tempo dessa liberdade de escolhas, mas ainda não acontece, pela incompetência das escolas de criar este cidadão autônomo.

O psicólogo *Herbert Gerjuoy* do *Human Resources Research Organization* explica a coisa simplesmente: “A nova educação deve ensinar o indivíduo como classificar e reclassificar as informações, como avaliar sua veracidade, como alterar as categorias quando necessário, como examinar o problema de uma nova direção – como ensinar-se a si mesmo. O analfabeto de amanhã não será o homem que não pode ler; será o homem que não chegou a aprender a aprender”. (TOFFLER, 1973, p.346).

Ao se falar de ensino e aprendizagem há uma discussão inflamada sobre o melhor método, melhor maneira de prover o ensino e aprendizagem, certamente às discussões são muitas, mas pouco consenso.

Ao se falar em ensino no interior da escola percebe-se que a instrução pode ser desenvolvida de duas formas: atendimento individualizado ou coletivo. O método usado no início era monitorial onde a instrução era promovida de forma individualizada com o aluno instruído por um monitor que o atendia enquanto os outros compartilhavam o mesmo espaço que ocupava de outras tarefas.

Já o método de instrução simultânea de acordo com Fino (2000) surgiu na França pelos irmãos das escolas cristãs, onde o mestre oferecia o mesmo conteúdo para todos os alunos de uma só vez, com isso um professor poderia instruir vários alunos ao mesmo tempo, método que ainda perdura até hoje, por ser mais econômico para o estado que pensa oferecer “educação para todos”.

Ensinar e aprender são palavras frequentadoras assíduas de todas as discussões do interior das escolas. Um grande número de educadores acredita que a primeira seja a ação de maior

relevância para os sistemas educativos fato compartilhado por maior parte do contingente de professores.

Mudança de prioridade não é tarefa fácil, pois ela está condicionada a valorização do ensino em detrimento da aprendizagem, talvez os autores não estejam preparados para novos rumos, com objetivos diferentes, onde o foco não seria o transmissor e sim o receptor, desta forma tem mostrado ser difícil para muitos professores deixar o protagonismo.

Na concepção atual, professores eficientes são aqueles que têm a melhor didática, ou seja, o melhor método, a melhor fórmula de como transmitir os conteúdos. O foco principal está na transmissão de conteúdo, os professores passam a maior parte do tempo de sua formação aprendendo como ensinar, estudando metodologias e técnicas de repasse de conteúdo.

Acredito que as atitudes precisam ir à outra direção, onde dê preferência a aprendizagem ao invés do ensino. Concordo como o Seymour Papert em seu livro "A Máquina das Crianças" onde diz que a escola valoriza tanto a arte de ensinar que até existe uma palavra para designá-la, a *didática*, assim as técnicas de ensinar permeiam todo o ambiente escolar, onde os professores procuram fórmulas, métodos de como transmitir os conteúdos, pois a didática tem como elementos básicos: o professor, o aluno, o conteúdo, o contexto e o método.

As escolas da contemporaneidade sobrevivem com os mesmos problemas do passado agravados pela falta de objetividade, perdidas sem a saída do paradigma fabril, o que ocorreria mudança deste cenário. Fino (2003, p.2) diz que: "Para que mudasse algo de verdadeiramente importante, seria necessário que a incorporação da tecnologia visasse para além da mera rapidez ou eficiência do papel tradicional do professor, enquanto transmissor, e do aluno, enquanto receptor".

Com a percepção clara que as inovações não se encontram nas novas tecnologias, mas que elas podem possibilitar ambientes inovadores, sabendo também que elas não são condição essencial para a inovação, e que na sua ausência podem ser utilizados recursos tradicionais e transcender dos ambientes com normas enraizadas.

Papert sugere que seja criada uma palavra para aprender. Segundo ele seria *matética* que é a arte de aprender tão importante quanto didática que é a arte de ensinar. Assim teriam estas duas palavras, uma para representar o ensino e outra para a aprendizagem proporcionando a valorização de ambas.

A escola trata o ensino como prioridade, desta forma o protagonismo do professor é evidente o que o torna defensor de sua autoridade, pois é ele que ensina, é o centro, detentor do saber tendo como o aluno fiel depositário do conhecimento, Papert conta que ao final de uma aula uma criança perguntou ao professor: professor o que eu aprendi hoje? E o professor perguntou para ela por que queria saber? Ela disse que seu pai sempre perguntava o que ela aprendeu e ela não sabia responder.

A difícil tarefa de identificar a aprendizagem possibilita a não compreensão de como acontece este fenômeno. Muito comum no ambiente escolar os professores enfatizam as ações no ensino deixando de lado a aprendizagem. Para Papert o mais interessante é que haja o máximo de aprendizagem com o mínimo de ensino. É preciso que se aprenda mais de *matética* para que se possa entender como se processa a aprendizagem. Assim tratando a aprendizagem como protagonista nas escolas

A arte de aprender e ensinar são complexos e envolvem muita teoria, metodologia e poder. Por isso há um debate intenso e estratégias mil. O filósofo Sócrates dizia que a aprendizagem era um parto, portanto carecia de preparação, cuidados e segundo ele de muitos questionamentos, tinha ele a consciência do saber limitado do ser humano e costumava dizer “só sei que nada sei”. Creio que ele desejava a compreensão por parte de todos da incompletude dos aprendentes, somos seres em construção e nunca prontos, acabados.

Provavelmente ele se compadecia da capacidade lógica do nosso cérebro acumular conhecimento e a certeza que nenhum humano é capaz de saber tudo, ele foi um exemplo claro que o aprender e o ensinar andam juntos, mas nem sempre de forma pacífica e ordeira, há uma disputa de poder.

Este poder muitas vezes manifesta-nos através dos que detém o conhecimento, a sociedade detentora do saber usa de artifícios para camuflar a informação ou fornece de maneira

distorcida ou incompleta. Desta forma a aprendizagem é manipulada pelos aparelhos ideológicos do estado.

E aproveitam da ingenuidade ou egoísmo de professores que não desejam compartilhar o conhecimento e preocupam-se em sua totalidade com a arte de ensinar, e se dedicam a aprender à didática carregando seu labor de metodologias de formas como ensinar e sem ter a preocupação mínima se o aluno aprende.

Portanto se o professor ensinou e o aluno não aprendeu a culpa não foi da metodologia, ou das estratégias usadas, mas a incapacidade do aluno absorver os conteúdos dados e de acompanhar os procedimentos didáticos realizados pelo professor.

Muitos homens trazem em si a vontade da mudança. Não se contentam com o que está posto e acabado, mas a mudança na forma de pensar não é algo que acontece com frequência entre nós seres humanos, muitos fogem dela, de acordo com Toffler.

“[...] por que motivo sentem alguns homens uma vontade, uma fome quase furiosa de mudança, enquanto outros fogem dela? Não só não encontrei respostas prontas a estas perguntas, como ainda descobri que nos falta, até, uma teoria de adaptação adequada, sem a qual é muitíssimo improvável que venhamos alguma vez a encontrar as necessárias respostas.” (TOFFER, 1973, p. 9)

A necessidade de uma explicação lógica sobre determinada coisa é que faz que tenhamos sempre respostas prontas para certas indagações, nem sempre respostas condizentes com a realidade, mas convincentes e bem elaboradas que na falta de respostas autênticas fazem efeito de verdadeiras.

Para muitos a tarefa de ensinar é árdua e causa sofrimento ao perceberem que não conseguem fazer com que os alunos aprendam o conteúdo, talvez pela rigorosa ação metodológica que usam em demasia. O discurso chamado por Freire de “bancário”, mas esta, rigorosidade poderia ser usada para a aproximação dos aprendizes com o objetivo de gerar condições do aprender criticamente.

Neste cenário é preciso entender que os educadores necessitam ser curiosos, criadores, investigadores, pesquisadores. É preciso entender que o ensino anda junto com a pesquisa e neste sentido compreender que os educadores devem respeitar e estimular a capacidade de criação

dos alunos, possibilitando adentrar ao mundo da autonomia e o claro objetivo máximo da educação que é a construção do conhecimento.

Considerando...

O objetivo primordial desse capítulo como em toda a parte teórica foi procurar entender conceitos como: educação, escola, ensinar e aprender pois, a compreensão desses conceitos possibilita o entendimento de outros como a cultura escolar e da cultura popular que são fatores relevantes para interpretar os dados dessa pesquisa.

A educação vista como fenômeno social e está entre aqueles direitos soberanos de um povo, instrumento de mudança e promoção da pessoal humana, há uma luta constante para que todos os seres humanos tenham o direito a educação. A qual pode acontecer em vários espaços que são nomeados de formais e não formais, o espaço formal é um lócus analisado sobre vários pontos de vista: A Escola.

Se as maiores mudanças acontecem com a educação formal, é interessante ao falarmos da escola entendê-la não como um lócus de promoção de liberdade, a escola estudada por nós permeia um tempo e um espaço que acontece da revolução industrial para cá. Impregnada de ideologias, política, inculcadora de comportamento social, aparelho ideológico do estado, com um currículo direcionado para atender as necessidades da sociedade, portanto, estas são as características básicas da escola aqui estudada.

Neste espaço discute-se as atividades que movemos objetivos centrais da escola que são o ensinar e o aprender ao citar estas palavras me reporto a Papert que nos lembra que a escola dar tanta importância para o ensinar que até existe um palavra especial para isto a “Didática” de acordo com ele a aprendizagem necessita também uma que seria a “Matética”.

A educação é tratada como instrumento de mudança, nesse contexto a escola regida por um paradigma retrógado e obsoleto precisando ser substituído por outro que atenda as reais necessidades do aluno, da escola e da sociedade. Além da mudança de foco para saída do ensino em direção a aprendizagem.

2 A CULTURA

“O estudo da cultura nunca terminará. Pois uma compreensão exata do conceito de cultura significa a compreensão da própria natureza humana, tema perene de incansável reflexão” (LARAIA, 1986, p. 33).

A cultura de um povo é formada com todos os aspectos sociais, religiosos, econômicos do grupo social em que vive, por isso é a identidade de um povo, esse conjunto de características que a torna diferente, tem muitas coisas em comum entre lugares, cidades, estados, regiões, países e até continentes.

As diferenças são o que forma a identidade de um povo, por isso a importância para as culturas, o detalhe das diferenças é que faz cada lugar como único, em uma época de globalização cultural, onde a era da comunicação procura unificar pensamentos, crenças, jeito de se comportar, vestir, comer, etc.

A cultura envolve todos os aspectos comportamentais da sociedade, sendo um complexo conjunto de fatores que faz um povo ser diferente de outro, como por exemplo: Sua religiosidade, educação, cuidado com a natureza, crenças e ideais.

Faz-se necessário, por conseguinte, desfazer-nos de uma concepção reificada de cultura, para repensá-la como força que age e que também é resultante de ações. É necessário também se desfazer da concepção supra-orgânica de cultura, como uma realidade que se projeta acima dos autores sociais e guia suas ações. (MACEDO, 2006, p.24).

A Cultura é toda atividade humana que produz conhecimento, e tais conhecimentos são passados de geração em geração, esses valores contribuem para melhoria de vida em sociedade, possibilitam à realização de planejamento para o futuro, também normatiza o comportamento das pessoas na comunidade onde vivem.

O conceito de cultura ainda não é fechado, não tem uma definição pronta e aceita, as ciências sociais como: antropologia, sociologia e na área de educação discute já algum tempo e se torna abrangente, pois abarcam áreas sociais como comportamento, conhecimento e habilidades materiais e imateriais.

Ao fazer uma análise do mundo atual entender e respeitar a cultura do outro se faz necessário, pois muitos usam os conhecimentos de evolução das espécies pregados por Charles Darwin e acreditam que as culturas também evoluem, assim pensam que uma está em estágio superior a outro.

O próprio Darwin escreveu friamente sobre o massacre dos aborígenes da Tasmânia e, num ímpeto de entusiasmo genocida, profetizou que “Em algum tempo no futuro... as raças civilizadas do homem é quase certo que exterminarão e substituirão as raças selvagens através do mundo.” Os intelectuais de vanguarda da Segunda Onda não tinham dúvida sobre quem merecia sobreviver. (TOFFLER, 1980, p. 110).

Com este tipo de pensamento entende-se que existem culturas superiores a outras. Um dos grandes antropólogos brasileiro Gilberto Freire discípulo de Frank Boas critica estes pensamentos e diz que há uma diversidade cultural que deve ser respeitada e todo discurso contra, sexo, raça, é feito para justificar a dominação de um grupo social sobre o outro.

O indivíduo só vive em sociedade por conta do seu senso de coletividade de aceitar as regras de viver em grupo, podendo-se dizer que a cultura é a grande responsável, pois as pessoas aprendem a valorizar as tradições e melhorar o convívio com os outros.

É interessante saber que as culturas são mutáveis que sofrem bastante influencias de outras culturas, e não podem ser julgadas como superiores ou inferiores a outras e o processo de comparação também não deve ser feito, pois correríamos o risco do etnocentrismo. É melhor caracterizá-las como ricas e diferentes e respeitá-las em suas diversidades.

Vários são os conceitos de cultura tanto no campo da antropologia quanto no da educação. Este conceito é construído de acordo a maneira como se ver o mundo, através da linha evolucionista, por exemplo, o pensamento de Tylor (1975) que compreendia a cultura como “civilização” onde elementos como conhecimento, crenças, leis, moral, artes, etc. e todos os hábitos adquiridos pelos homens possibilitavam uma evolução para que ele pudesse sair da barbárie para ser civilizado. Vejamos o que Tylor diz sobre o conceito de cultura.

La cultura o civilizacion, em sentido etnográfico amplio esagu el todo complejo que incluye el conocimiento lãs crencias, el arte, la moral, El derechos, los costumbres. Y cueles queira otros hábitos y capacidades

adquiridos por el hombre em cuanto miembro de La sociedad (TAYLOR, 1975, p. 29).

A Ruth Benedict (s/d) não tem uma visão tão evolucionista, diz que a cultura para o homem tem mais traços deterministas, são padrões coletivos construídos pela sociedade. O homem é um ser construído pela sociedade onde ele está inserido. Sendo o homem produto social, pode se encaixar em dois perfis, os adaptados aos padrões impostos pela sociedade e os não adaptados, que são os frustrados e sofrem preconceitos, racismos e perseguições. São marginalizados, de acordo com Benedict (s/d, p. 280) enquanto “aqueles cujas potencialidades se ajustam mais intimamente com o tipo de comportamento escolhido pela sua sociedade são favorecidos e afortunados”.

A escola pode fazer uso da sua cultura para melhorar a vida desses que sofrem, promovendo uma educação mais crítica que fosse de encontro à visão de Paulo Freire (2009) que chama à atenção para os educadores que estão comprometidos além da educação “bancária” que é mecânica com docentes apenas depositários de conteúdos, e, passem a formar seres críticos que saibam questionar a padronização da sociedade.

Benedict chama atenção para a compreensão que os homens precisam ter sobre as diversas culturas antes tão distantes e hoje tão perto e presentes posto e proporcionado pela civilização moderna.

O estudo de culturas diferentes tem ainda outro alcance muito importante sobre o pensamento e o comportamento hoje em dia. A vida moderna pôs muitas civilizações em contato íntimo e no momento presente a reação dominante e o nacionalismo e o snobismo racial. (BENEDICT, s/d, p. 23).

Benedict (s/d. p. 29) diz para que haja uma discussão sobre cultura é preciso que se baseie numa larga quantidade de formas culturais possíveis. Critica de forma categórica as pessoas que consideram uma raça como superior a outra e que os padrões da sociedade dependem de fatores geográficos, temporais e costumes de criação e culturas de encontro. São os responsáveis pela formação cultural.

Roberto da Matta pensa a cultura como a forma que cada sociedade vive, e que cultura são os valores que aproximam os indivíduos, e ser um instrumento importante de reconhecimento, aperfeiçoamento humano, propõe ainda que não haja uma hierarquização de uma cultura

sobre outra. Tendo uma visão plural sobre cultura desta forma combatendo o etnocentrismo e abrindo a possibilidade de pôr fim a hierarquização social.

Dizer que uma pessoa tem cultura e outra não, é um equívoco que muitos cometem por confundir cultura com educação, nível de estudo, confundir com os títulos que a pessoa tem, com a quantidade de anos que a pessoa estudou. E preciso entender que todas as pessoas têm cultura e que serve até para classificar pelas suas diferenças, mas nunca para a classificação de melhor ou pior.

A hierarquização da cultura gera preconceitos, pois, estabelece que uma possa ser superior a outra o que é um perigo sendo um passo para o etnocentrismo e a marginalização das culturas economicamente frágeis e perdendo a chance de aproveitar o que têm de melhor e suas diferenças.

Para uma compreensão maior destas diferenças é necessário observar o que Benedict (s/d) diz “compreender o modo como essas culturas se transformam e se diferenciam as formas diferentes por que se exprimem, e a maneira como os costumes de qualquer povo funcionam nas vidas dos indivíduos que os compõem”.

2.1 A Cultura Escolar

A cultura escolar cristaliza em todos que passam pela ambiente da escola, as regras de como se comportar na sociedade, mesmo trabalhando com grupos tão diferentes e heterogêneos tenta transformá-los em homogêneos. Construiu-se e reconstruiu durante todo tempo mantendo sempre os interesses das classes dominantes.

Podemos acrescentar a forma de como os professores são educados para aplicar os conhecimentos adquiridos em seus futuros alunos, assim perdura a cultura da manutenção da sociedade industrial, sem a força e o dinamismo de tempos atrás e a escola cultivando valores inexistentes. De acordo com Fino.

Os formadores de professores raras vezes se apercebem da contradição que existe entre o propósito de formar professores verdadeiramente e inovadores e fazê-lo sob a influência de um sistema que foi fundado para responder às

necessidades de uma sociedade que já não existe, a extinta ou quase extinta sociedade industrial. (FINO, p.45, 2011).

A cultura escolar condiciona a forma como desempenhamos nosso papel na sociedade. A escola sempre foi um ambiente pouco propício para as mudanças. As características mais importantes são preservadas desde suas implantações para satisfazer as necessidades da sociedade industrial. A família e a igreja são dois pilares de incutimento nos homens da forma de ser e viver em sociedades.

Com o surgimento da sociedade industrial houve a necessidade de um tipo de homem que nem a família, nem a igreja podem formar, então coube a escola esta tarefa. Por isso a cultura escolar se desenhou a partir desta necessidade (Toffler, 1973), diz que os homens sofrem com as mudanças. E o choque do futuro, traz estas mudanças drásticas em suas vidas.

Que tipo de homem era necessário? Homens que se acostumassem com ambientes fechados, com o toque da sirene, obediência a horários rígidos e aprendessem a conviver com filas. O que resultou foi uma arquitetura onde todas as escolas têm formatos muito parecidos, salas de aulas com carteiras em filas. Houve a partir desse momento uma cultura de instituição da fila.

Instituiu na cultura escolar o horário. Para isto foi usados elementos também das fabricas: o relógio transformou-se em instrumentos indispensável, nesta nova ordem, junto com relógio à sirene foi incorporado ao ambiente escolar que é usada até hoje para orientar a saída e entrada de alunos e professores nas salas de aula; outro elemento também usado foi o quadro de horários nas fabricas com o nome dos operários escalados para determinados turnos, já na escola os nomes das disciplinas e seus docentes que vão ministrar as aulas.

Nesse tempo, a única questão que se colocava a quem “desenhava” as escolas era que modelo de escola poderia produzir o que a sociedade industrial pretendia: baixo custo, paz social e homens adaptados às exigências de um modelo novo de produção. Uma escola tão barata e eficaz que ninguém, ao contrário do que se passa hoje em dia, pusesse em causa o seu preço, mesmo os que eram contra a educação para todos. (FINO, 2011 p 46).

A forma de encerrar o mundo, de como proceder em situações que implicam em tomada de decisões são condicionadas pela cultura escolar, que inculca procedimentos e dar suporte para nossas ações no mundo.

necessidades de uma sociedade que já não existe, a extinta ou quase extinta sociedade industrial. (FINO, p.45, 2011).

A cultura escolar condiciona a forma como desempenhamos nosso papel na sociedade. A escola sempre foi um ambiente pouco propício para as mudanças. As características mais importantes são preservadas desde suas implantações para satisfazer as necessidades da sociedade industrial. A família e a igreja são dois pilares de incutimento nos homens da forma de ser e viver em sociedades.

Com o surgimento da sociedade industrial houve a necessidade de um tipo de homem que nem a família, nem a igreja podem formar, então coube a escola esta tarefa. Por isso a cultura escolar se desenhou a partir desta necessidade (Toffler, 1973), diz que os homens sofrem com as mudanças. E o choque do futuro, traz estas mudanças drásticas em suas vidas.

Que tipo de homem era necessário? Homens que se acostumassem com ambientes fechados, com o toque da sirene, obediência a horários rígidos e aprendessem a conviver com filas. O que resultou foi uma arquitetura onde todas as escolas têm formatos muito parecidos, salas de aulas com carteiras em filas. Houve a partir desse momento uma cultura de instituição da fila.

Instituiu na cultura escolar o horário. Para isto foi usados elementos também das fabricas: o relógio transformou-se em instrumentos indispensável, nesta nova ordem, junto com relógio à sirene foi incorporado ao ambiente escolar que é usada até hoje para orientar a saída e entrada de alunos e professores nas salas de aula; outro elemento também usado foi o quadro de horários nas fabricas com o nome dos operários escalados para determinados turnos, já na escola os nomes das disciplinas e seus docentes que vão ministrar as aulas.

Nesse tempo, a única questão que se colocava a quem “desenhava” as escolas era que modelo de escola poderia produzir o que a sociedade industrial pretendia: baixo custo, paz social e homens adaptados às exigências de um modelo novo de produção. Uma escola tão barata e eficaz que ninguém, ao contrário do que se passa hoje em dia, pusesse em causa o seu preço, mesmo os que eram contra a educação para todos. (FINO, 2011 p 46).

A forma de encerrar o mundo, de como proceder em situações que implicam em tomada de decisões são condicionadas pela cultura escolar, que inculca procedimentos e dar suporte para nossas ações no mundo.

Para Fino (2011, p. 45 - 46) em seu texto “Demolir os muros da fábrica de ensinar” a cultura escolar se encaixa em modelos estruturantes com: escolas criadas para formar operários obedientes; escola para todos com salas superlotadas; modelo de gestão hierarquizada; professor autoritário e aluno passivo. E vai além citando outras questões como: a escola com a tarefa de “preparar para vida”; “aprendizagem como consequência do ensino”.

A cultura escolar é muito forte e está impregnada nos sistemas educacionais e educativo. Todo professor quando formado já está contaminado que vai além da vontade do indivíduo de ser crítico, “livre”, Fino (2011, p. 45) diz que: “É indubitável que os futuros professores são educados, não apenas pela influência direta dos formadores de professores, mas também pela cultura escolar que absorvem enquanto são educados”.

Segue um determinado modelo, podem-se perceber quase todas as escolas têm o mesmo formato arquitetônico, as salas de aulas são organizadas do mesmo jeito, as carteiras, os quadros seguem um padrão determinado. As práticas docentes e discentes são organizadas de forma a atender a organização da escola. Tem tudo a ver com a transposição didática dos conteúdos, organização das disciplinas e métodos utilizados pelos docentes.

As relações do professor com o aluno dentro do ambiente escolar são sempre com as mesmas visões. O professor ensina, aluno aprende, há uma relação de poder que continua mesmo com mudanças ocorridas na sociedade ao logo do tempo. A escola mantém sua cultura de controle e a organização das disciplinas corroboram para manutenção do paradigma.

Fino (p.2) do seu texto “*Inovação e invariante (cultural)*” diz como é difícil para escola romper com velhos costumes, regras e paradigma instituído “De facto, a escola é uma espécie de ilha mergulhada na sociedade: os seus muros, incluindo os muros simbólicos, são também, pontos de contacto com a sociedade, cuja dinâmica não pode ser ignorada quando se procura compreender a escola”.

Ao procurar uma definição de cultura escolar é coerente afirmar que ainda não se tem um conceito fechado, pronto, mas é comum o pensamento que pode se descrever como um

conjunto de normas que ensinam procedimentos e inculcam um grupo de práticas que permitem ações pedagógicas possibilitando o ensino e a aprendizagem.

As pessoas que são disseminadoras da cultura escolar: professores e alunos é a fonte de maior propagação destas práticas instauradas no interior da escola, desta forma compreende como tudo que acontece no interior da escola.

Y sí, escierto, la cultura escolar es toda la vida escolar: hechos e ideas, mentes y cuerpos, objetos y conductas, modos de pensar, decir y hacer. Lo que sucede es que en este conjunto hay algunos aspectos que son más relevantes que otros, en el sentido que son elementos organizadores que la conforman y definen. Dentre el loselijo dos alo que he dedicado alguna atención em los últimos años: El espacio y El tiempo escolares. Otros no menos importantes, como las prácticas discursivas y lingüísticas o las tecnologías y modos de comunicación empleados, sonahor adejados a um lado. (ViñaoFrago, 1995, p. 69).

Todos os movimentos que acontecem no interior da escola são práticas que promovem a propagação de valores e inculcação de ideias com procedimentos para a formação dos alunos como pessoa que age de acordo com a cultura escolar.

A cultura escolar procura estabelecer como objetivo principal a inculcação de comportamentos para gerar conhecimento, podem-se estabelecer como disseminadores principais desta: os gestores, professores, funcionários, alunos, entretanto não há uma forma harmônica de disseminação.

Professores têm o papel principal desta inculcação que muitas vezes vai além da disseminação do conhecimento. A escola quase sempre passar ser um lócus de propagação da cultura produzida por ela.

Dentro de uma escola professores, gestão e alunos produzem um tipo de cultura escolar que é peculiar e singular, pois cada unidade escolar tem elementos que diferenciam um dos outros, em sentido macro as escolas tem sua cultura cada vez mais unificada, mas as diferenças aparecem no campo micro, isto é que faz aparecer diferenças que são de fato a identidade da escola.

Em muitas escolas o regime é tão fechado que não há uma preocupação de se ter uma abertura para conhecimento da cultura do locus a qual está inserida. A escola como instituição social formada e construída através da história precisa rever suas práticas e possibilitar transformações.

Mesmo com toda dificuldade de romper com a cultura instituída, cristalizada é preciso que o pesquisador, o estudioso, seja crítico da realidade que o possibilite ver além, para que a cultura escolar seja uma aliada da cultura popular e não restrinja sua participação por preconceitos ou discriminações.

2.2 A Cultura Popular

A cultura popular precisa ser respeitada como autônoma coerente que funciona de acordo com suas regras, e nunca seus integrantes podem ser confundidos e tratados como selvagens, monstros, sem cultura. Há uma clara predisposição e tendência ao etnocentrismo.

As pessoas, com efeito, podem compartilhar símbolos, mas elas não compartilham forçosamente o conteúdo desses símbolos. Desse ponto de vista, o outro na cultura e nas culturas é incontornável como co-construtor de diferenças e de processos indenitários. (MACEDO, 2006, p.25)

Para o trabalho com etnografia é preciso que o pesquisador experimente a cultura do outro com respeito e parcimônia, pois o sucesso de um projeto com etnopesquisa depende muito da forma como foi conseguido o acesso, ao ambiente com um processo de conhecimento e de confiança recíproca.

A cultura popular em muitos locais sofreu e ainda sofre o com o processo de aculturação, pois historicamente a cultura do vencedor era estabelecida em detrimento da do outro, hoje ainda há um processo de unificação da cultura do povo que habita o mesmo território, felizmente existem alguns centros de resistências.

Outros dois fatores que contribuem negativamente são quando acontece o seguinte: a cultura popular passa ser usada como cultura de massa ou por outro lado acontece a folclorização das manifestações culturais.

A cultura popular às vezes é confundida como cultura de massa, mas de forma geral não deve, pois a massa dá ideia de consumir, e consumir associa-se comércio ou ainda a industrialização, transformando a cultura num produto para o mercado consumidor. A massificação da cultura popular há o prejuízo de não existir o juízo de valor o que contribui para perda de autonomia dos indivíduos envolvidos, transformando os em reféns de uma manifestação cultural.

Por outro lado, a folclorização da cultura apresenta dois tipos de pensamentos: o grupo que trata o folclore como o apresentado pelo inglês William Thoms em 1846 com a expressão *folk-lore* como significado “saber tradicional próprio de um povo”. Nesse uso não há preocupação do uso do folclore, mas há estudiosos que criticam a folclorização da cultura popular, o que segundo eles trazem o empobrecimento cultural.

Com todos os riscos, a narrativa histórica nos chama a atenção, pois nossa cultura foi construída durante muito tempo, tendo sempre como base a cultura europeia, a voz do dominante do letrado era a ouvida e disseminada. A cultura dos povos indígenas ou descendentes de matrizes africanas foi considerada “inferiores”, e de menor valor.

Aos poucos e com muitas lutas houve uma aceitação e reconhecimento do valor da cultura dos povos mais distantes das culturas dominantes, mas muitas vezes ainda são tratadas como excêntricas.

Pensar em valorizar o conhecimento popular e usá-lo como subsídio para gerar aprendizagem é um pensamento inteligente da cultura escolar, pois o apreço ao lócus que o ser humano nasce e vive é uma coisa natural e todos nós gostamos de serem valorizadas, em nossa cultura, nosso lócus, nossas tradições. Além de serem elementos fundamentais da vida dos indivíduos nos mais variados locais para formação de sua identidade

Considerando...

A discussão sobre o conceito de cultura, cultura escolar e cultura popular são pontos cruciais para essa a pesquisa, pois o entendimento desses três conceitos possibilitará uma maior oportunidade de compreender a pesquisa com toda sua diversidade.

O entendimento do que é cultura tem movido o campo das pesquisas de início por ser muito ligado ao viés antropológico, contudo o alargamento de possibilidades dessa compreensão, o meu desejo era direcionar ao encontro da cultura com uma imensa contribuição para o combate à hierarquização, ao etnocentrismo, a discriminação e o preconceito com o diferente.

A compreensão da cultura escolar e da cultura popular que convivem em uma comunidade com características próprias e uma diversidade de possibilidades de encontros e desencontros, mas que podem ser mediadas por um diálogo entre as partes, o que de fato se isto acontecer beneficiará os mais interessados que são os aprendizes.

3 INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

Para início de conversa, é interessante entender os objetivos básicos da inovação pedagógica, de acordo com Fino.

[...] Antecipar no presente o futuro que se desconhece. Provocar, localmente e *avant la lettre*, paradigmas novos. Como dizia Thomas Kuhn, a mudança paradigmática é provocada por agentes de mudança. Queremos que os futuros Mestres em Inovação Pedagógica façam parte desse grupo. (FINO, 2007, p.13).

A quebra de paradigma perpassa por uma visão de futuro no presente, uma antecipação dos cenários vindouros, a percepção por professores que são os agentes locais provocadores das mudanças que advém de suas práticas. A palavra inovação está em voga em todos os espaços da contemporaneidade, com vários significados e usos. O uso do termo inovação se torna mais ativo e difundido na área de ciências com ênfase em robótica, informática e novas tecnologias.

De maneira geral, a expressão Inovação, na maioria das vezes é usada como novidade, algo novo que proporcione mudanças da forma de pensar, agir da sociedade ou de um determinado grupo humano, também tem seu uso condicionado à produtividade da sociedade industrial que é fazer mais com menos recursos.

A busca pelo fazer mais com menos está impregnado no pensamento do homem contemporâneo, por exemplo, na área do desenvolvimento sustentável a ordem é produzir mais utilizando menos recursos naturais. Há uma impressão clara que a inovação proporciona o alargamento de horizontes e ideias.

Em uma época que os produtos são descartáveis e de pouca durabilidade surgiu de maneira urgente e oportuna o pensamento sustentável com necessidade de produzir muito, mas utilizando o mínimo de recursos naturais e reaproveitando os produtos utilizados usando o processo de reciclagem.

Na área econômica é onde a inovação tem sido mais explorada com a proposta de produção para atender uma determinada demanda do mercado e melhorias de produtos para fins de maior produtividade e competitividade com relação a preço e qualidade.

Na perspectiva da educação a inovação vai ao encontro do pensamento de Seymour Papert no seu livro *A Máquina das Crianças: Repensando a escola na era da informática (1994)*, onde ele diz que o professor construcionista é aquele que provoca o máximo de aprendizagem com o mínimo de ensino. Creio que Papert propõe ao professor que liberte o aluno das amarras da educação “bancária” que enche o aluno de conteúdos e ele fica sem saber se aprendeu e o que aprendeu.

Ele conta que um aluno questiona ao professor sobre o que ensinou, pois, diz que seu pai sempre faz a pergunta “o que você aprendeu hoje?” e nunca sabia dizer o que tinha aprendido. De certa forma a escola direcionou tanto as ações em direção ao ensino que qualquer pergunta sobre a aprendizagem não é de fácil resposta.

Papert (1994, p.79) diz acerca do aprender “Eu repetiria tal questão com toda sinceridade: na Escola ensina-se às crianças mais sobre números e gramáticas do que sobre pensar”. Percebe-se o direcionamento que a Escola dá com o foco central na transmissão de conteúdos.

A escola tem muita dificuldade de trabalhar com os alunos na perspectiva de sujeitos construtores do conhecimento e insere em seu contexto muitas atividades inadequadas para as crianças, dificultando o aprendizado, fugindo do objetivo principal que são: aprender e pensar. Papert (1994, p. 80) colabora e continua a dizer que “ora, as atividades ocupacionais das crianças são aprender, pensar, brincar e similares”. A escola faz uma confusão na cabeça das crianças oferecendo um amontoado de conteúdos sem estar inseridos em um contexto, desta forma “permanece o paradoxo por que não lhes ensinamos a pensar, a aprender, a brincar”?

Outro problema é quando a escola percebe a criança com saberes inato e habilidade para realização de tarefas. Papert (1994, p. 80) diz que para a Escola tradicional a inteligência já nasce com as pessoas, assim, não há necessidade de ser aprendida. Com esta visão a escola pode ensinar sobre acontecimentos, fatos, pois os alunos têm em si as habilidades inatas para usá-las.

A matemática de Papert pode direcionar ao construcionismo proporcionando ao aluno oportunidade real de se desenvolver. Sendo necessário entender que a inovação pedagógica

vai além de pequenas mudanças na forma de agir, pois, não são ou estão em apenas reformas educacionais ou curriculares.

Entende-se que a inovação tende acontecer com mudanças de hábitos e forma de pensar requerendo rupturas com crenças, forma de vida e pensamentos, ocasionando a quebra de paradigma, pois o que está posto tem características muito bem enraizadas e se mantém pela rotina, com caminhos conhecidos e de fácil acesso.

O novo traz em si possibilidades e perspectivas de mudanças e para que isso aconteça há necessidade de transgressão, coragem para aventurar-se por caminhos desconhecidos, o educador que deseja romper com estas verdades criadas e instituídas precisa ter um pensamento crítico bem constituído.

As mudanças são pontuais, e nestes ambientes formais de educação inovar sempre foi mais difícil, pois a escola no seu âmbito geral não busca rupturas, quebra, inovação, mudança, diferença, plural, coletividade, participação, mas estabelecer correntes, amarras, continuísmo, igualdades, decisões tomadas por um. Como promover a quebra de paradigma em um ambiente que trabalha para sustentação destas verdades vigentes.

Entendendo a inovação pedagógica como produção pessoal do professor como pessoa que através de sua prática docente possibilita a quebra de paradigmas e não as advindas do material didático ou qualitativas nas práticas pedagógicas com o uso das novas tecnologias.

Para que a inovação pedagógica aconteça é necessário mudanças na prática docente que possibilite a mudança na prática discente, para acontecer de forma segura e comprovada há necessidade da presença da criticidade, da ética e estética, de acordo com Freire.

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, "desarmada", indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. (FREIRE, 1996, p 22)

Professores bem formados podem possibilitar a inovação, contudo não é garantia, pois podem ser contaminados pela cultura escolar, veja o que Fino (2011, p. 45) diz “Este é o dilema principal, e nem sempre é evidente que todos os formadores de professores atuem como se tivessem consciência que ele existe, mesmo quando enfatizam a urgência de mudanças paradigmáticas nas escolas”.

Desta forma o pensamento da necessidade de quebra de paradigma existe, mas como ultrapassar algo que está tão cristalizado no sistema educativo como a cultura escolar? Há vontade e capacidade de romper com velhas práticas que perduram? E se existe vontade de mudanças sabem quais devem ser feitas e como?

A dificuldade de promoção de inovação pedagógica em ambientes permeados por uma cultura escolar resistente, conservadora. De acordo com Fino em seu texto “Inovação Pedagógica: Significado e campo (de investigação)”

Inovação pedagógica como ruptura de natureza cultural, se tivermos como fundo as culturas escolares tradicionais, e abertura para a emergência de culturas novas, provavelmente estranhas aos olhares conformados com a tradição. Para olhos assim, é evidente que resulta complicado definir *inovação pedagógica*, e tornar consensual essa definição. (FINO, p.3, 2008).

Refere-se, ainda, que a inovação envolve obrigatoriamente as práticas. E em seu texto “Inovação Pedagógica: Significado e campo (de investigação)” Fino (p.2, 2008) “Portanto, a inovação pedagógica não deve ser procurada nas reformas do ensino, ou nas alterações curriculares ou programáticas, ainda que ambas, reformas e alterações, possam facilitar, ou mesmo sugerir mudanças”.

Assim como inovar, existe um caminho, uma fórmula um paradigma a seguir e quais estes limites para a inovação. Fino (p.2, 2003) nos chama atenção dizendo em seu texto “O lugar das tecnologias na formação inicial dos professores o caso da Universidade da Madeira” diz que “O limite da inovação é, apenas, o limite da imaginação, e a capacidade de transgressão e de romper com a rotina as qualidades mínimas requeridas pelo acto de inovar”.

Papert (1994) em seu livro *A Máquina das Crianças: Repensando a escola na era da informática* mostra de forma clara o desânimo que vem acontecendo nas escolas onde o

alunado não se interessa pelas aulas e não vê nenhum objetivo em continuar estudado. A sociedade vem inventando máquinas para ajudar no ambiente escolar. O computador pode promover mudanças neste ambiente, contudo não será a máquina responsável pela inovação. A mudança de paradigmas é provocada por pessoas. São elas os agentes de mudanças, neste caso devem ser os professores.

É preciso entender que para que haja uma mudança significativa na escola, necessariamente passa pelas práticas docentes e os meios tecnológicos, por si só não garante esta transformação. Uma didática pautada na tecnologia não garante que a escola cumpra seu papel. Desta forma é necessário entender que a educação com muitas ferramentas tecnológicas não torna a escola mais eficiente e nem proporciona a inovação pedagógica desejada.

Pensar a partir de Papert predispõe mais aprendizagem com menos ensino. Novas concepções e possibilidades de quebra de paradigma e como consequência a saída da zona confortável de repetição de práticas educativas arcaicas para uma mudança real de foco, potencializando os educandos de autonomia para construção do seu próprio conhecimento com auxílio do educador e não conduzido por ele.

Fino (2008, P.1) diz no texto “Inovação pedagógica: significado e campo (de investigação)” que: “Inovação pedagógica implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas”. O professor precisa perceber esta necessidade de mudança de foco para que possa envolver a todos que contribuem para melhoria da aprendizagem. Chama atenção para o entendimento errôneo acerca do conceito de inovação pedagógica dizendo que hoje mais uma vez como no passado os aparelhos tecnológicos tem sido confundido como instrumento de inovação e não são. Desta forma o conceito de Inovação pedagógica ainda está em construção, todavia podemos inferir: A inovação está nas ações dos educadores que proporcionam a construção da aprendizagem.

Considerando...

Procurar fortalecer a ideia de Inovação Pedagógica, como conceito que se constrói através de inúmeras possibilidades e os aspectos ligados à arte de ensinar e aprender que acontece na

vida de todos nós viventes e aprendentes por natureza, a busca pelo conhecimento mobilizar as pessoas e implica em ações.

Essas ações pedagógicas devem comungar com a ideia de quebra de paradigma saída do fabril para o inovador que se dar com mudanças das práticas docentes, professores pesquisadores, inovadores e conscientes.

PARTE II

A METODOLOGIA DA PESQUISA, O LOCUS, CULTURA ESCOLAR E CULTURA POPULAR: PERSPECTIVAS DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA E OS DADOS DA PESQUISA.

4 A METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia desta pesquisa é um estudo de caso etnográfico embasado em observações e entrevistas. Tendo a clareza que a escolha da metodologia é parte significativa do sucesso da pesquisa, no caso das dissertações de mestrado em Inovação Pedagógica da UMa. O caminho metodológico é indicado em seu programa como a etnografia. Inicialmente procuro tentar delimitar a questão metodológica desta pesquisa. Primeiro ponto há uma disposição que é uma pesquisa qualitativa, pois, é uma pesquisa etnográfica e nela abriga alguns métodos que serão usados como: estudo de caso, que contem entrevistas e observação participante. Segundo, é embasada em teorias como: fenomenologia, construtivismo, construcionismo, com ênfase na etnografia.

Para que a pesquisa dê frutos é necessário que a metodologia mais adequada seja usada e também as melhores técnicas, neste caso em particular a escolhida tem como centro o estudo de caso com base na etnografia. A metodologia utilizada será o estudo de caso etnográfico, pois é a mais adequada por se tratar de uma observação, onde serão usados os elementos característicos deste método, com uma narrativa etnográfica.

A Pesquisa é uma das atividades humana mais em voga na atualidade, sempre foi o passaporte para os grandes avanços da sociedade em todos os campos da vida. Tem sido usada de várias formas e métodos. É um processo de escolha, dependendo de como você vai fazer a abordagem tende ser: quantitativa ou qualitativa, portanto para se optar por uma abordagem ou outra depende das características e de como estes resultados vão se mostrar. No caso desta pesquisa a qualitativa.

A pesquisa qualitativa apareceu na Alemanha no século XIX com o objetivo de preencher os espaços deixados pelas outras abordagens que não conseguiam responder as indagações sobre os fenômenos humanos em sua inteireza, convém entender como um procedimento que não atribui aos seus resultados como algo fechado e definitivo.

É certo que quando se pretende medir, mensurar, a abordagem deve ser quantitativa neste caso envolvendo elementos essenciais como: números, tabelas, gráficos, resultados, e, é claro

ainda se poder chegar a conclusões definitivas e fechadas. Já a qualitativa se apresenta como aquela que não se pode mensurar, não pode ser representada por conclusões.

Por isso é interessante que o pesquisador saiba que tipo de pesquisa vai usar: quantitativa ou qualitativa? Porque ele precisa também saber escolher e usar os instrumentos de pesquisa para que possa alcançar os objetivos almejados.

Para a pesquisa feita com pessoas, por pessoas deve ser respeitada a cultura do pesquisado, e, mostrar a necessidade de levar em conta as pessoas como sujeitos produtores de valores. Para Macedo (2006, p. 10) a etnopesquisa é a pesquisa que envolve: povo; dialogo; cultura; linguagem e autores sociais. Valorização dos sujeitos em estudo, “traz pelas vias de uma tensa interpretação dialógica e dialética a voz do autor social para o corpus empírico analisado e para a própria composição conclusiva do estudo, até porque a linguagem assume aqui um papel co-constutivo”.

Assim, numa pesquisa todos os aspectos devem ser levados em conta, para compreender fenômenos estudados. A pesquisa tem como um dos seus pressupostos a produção de conhecimento, pesquisar é o mesmo que procurar, buscar.

A etnopesquisa direciona seu interesse para compreender as ordens socioculturais em organização, constituídas por sujeitos intersubjetivamente edificados e edificantes, em meio a uma bacia semântica culturalmente mediada. Nesse sentido, preocupa-se primordialmente com os processos que constituem o ser humano em sociedade e em cultura e compreende esta como algo que transversaliza e indexaliza toda e qualquer ação humana e os etnométodos que aí se dinamizam. (MACEDO, 2006. p. 9).

A pesquisa deve trazer consigo aspectos relevantes com o respeito à diversidade e a cultura do outro, bem como valorizar como fator enriquecedor estas diferenças. As pesquisas contribuem para a evolução do conhecimento que estar sujeito ser desconstruído, contestado, questionado, sofrer mudanças com objetivos de gerar novos conhecimentos aprovado, comprovado.

Um conhecimento pode também não diminuir, diluir ou acabar com o já existente, mas pode ser ampliado, modificado com estudos que construam novas formas de ver a verdade, por isso à construção do conhecimento é árdua e centrada na ideia da ciência sempre em movimento.

Esta nova forma de ver a realidade entra em sintonia com a opinião de Macedo (2006) quando diz que: “Do meu ponto de vista, o fazer científico não se justifica se não por uma praxiologia includente. A seminalidade de uma ciência avalia-se na medida de sua pertinência e relevância humanizantes”.

A pesquisa será qualitativa, pois tem a pretensão de compreender o processo, constatando a evolução e compreendendo os fenômenos humanos e sociais como: difíceis, complexos e dinâmicos. Em consonância com a visão de Macedo a pesquisa qualitativa tem como características principais a discrição. Valoriza a contextualização dos “dados” e interpretações, a pertinências de detalhes é valorizada. Entende que as realidades antropológicas são construções sociais, parte da perspectiva subjetiva, assume que atores sociais não são “idiotas culturais”.

Há uma valorização dos movimentos históricos e fenômenos humanos, portanto a pesquisa qualitativa procura produzir compreensões de compreensões onde o instituinte ordinário é que explica as ordens sociais.

A pesquisa qualitativa apresenta vários teóricos com pressupostos filosóficos dentre eles: a filosofia fenomenológica e o existencialismo de Husserl com subjetividade e intersubjetividade; Heidegger diz do ser-com-o-mundo e o ser-com-o-outro. Interessante pensar nesta relação do ser com o mundo e do ser com o outro uma relação de interdependência onde um sente falta do outro.

A interpretação é uma condição humana. Há uma dependência entre linguagem e hermenêutica; Jean Paul Sartre diz que somos nossas opções, podemos fazer escolhas e estas escolhas vão indicar a nossa identidade são elas que nos fazem únicos, diferentes, singulares, uma visão antiexistencialismo; enquanto na filosofia da linguagem Wittgenstein usa a linguagem como pragmática.

Esta por ser uma pesquisa qualitativa tem características deste tipo de abordagem indo de encontro aos modelos únicos para todas as ciências, pois entende que as ciências sociais têm suas especificidades. São pesquisas que envolvem pessoas com: sentimentos, valores, crenças, aspectos culturais e econômicos, histórias de vidas.

4.1 A etnografia

Aprender fazer fazendo fez parte do meu cotidiano nesse trabalho, a utilização da etnografia como método de pesquisa contribuindo para aprendizagem acontecer, pois permitiu vivenciar e utilizar suas características para construção do conhecimento.

A etnografia de acordo com André (1995) etnologicamente significa “descrição cultural” também poderia ser etno (povo), grafia (escrita), ou seja, escrita sobre o povo, relatos sobre pessoas, antropologia faz uso da etnografia para descrição dos grupos sociais, sua cultura, enquanto a educação se importa como os fatores educacionais, como os fatores culturais modificam interverem na educação.

A etnografia se apoia em ações de suma importância como descrever, de acordo com (Macedo, 2006 p. 83) “[...] descrever é um imperativo, estar in situ e ineliminável, compreender a singularidade das ações e realizações humanas é fundante, bem como a ordem sociocultural que aí se realiza”. Para uma boa descrição é preciso de uma observação feita por um longo tempo por pessoas e com pessoas em um determinado campo.

Ao trabalhar com pesquisas qualitativas usando a etnografia, o pesquisador precisa participar do grupo, viver a cultura durante um bom tempo para ganhar confiança da comunidade que deseja estudar, pois o convívio facilita a interação dando voz aos atores sociais.

Entendemos que a etnografia é a ferramenta mais apropriada para esta pesquisa. De acordo com Fino (2011, p.2) em seu texto “inovação pedagógica, etnografia e distanciamento”. “É claro que a convicção de que a etnografia poderia ser uma ferramenta fundamental para sondar as práticas pedagógicas por dentro não deriva de nenhuma espécie de descrença, nem de nenhum insight instantâneo”.

A etnografia vinda dos estudos de antropologia social, que procura estudar o objeto no seu lócus, se senta no descrever, compreender e agir, pois a pedagogia é ação e toda ação precisa ser direcionada pela investigação, este é o desafio de todos educadores, pesquisar suas práticas de forma crítica com perspectivas de prover mudanças.

A descrição é o centro do método e os dispositivos de coletas de dados são: entrevista, grupo focal, história de vida, análise de documentos, observação, técnicas projetivas, diário de campo, etnocenologia, estudo de caso, imagem, questionários abertos, entrevista aberta, grupo focal, etc.

A etnografia dialoga com a formação, pois constitui uma ferramenta para o engajamento de pesquisadores e pesquisados para compreender as realidades sociais. A leitura de mundo é essencial para o desenvolvimento da pesquisa etnográfica

Portanto compreender o método contribui para o seu uso de forma eficiente e significativa. E ainda entender que em ciências sociais é preciso ter a arte de observar para narrar e fazer análise dos fatos.

4.2 O Estudo de Caso

O estudo de caso foi escolhido como o método utilizado nessa pesquisa e a seguir temos as principais ideias de Yin (2001) que se tornou fonte principal na condução desse trabalho. Assim justifica-se a presença dos pensamentos do autor, creio ser necessário compreender o que ele fala sobre o conteúdo sempre com muita propriedade. Não com a pretensão de fazer um resumo do livro, mas compreender suas ideias acerca do estudo de caso.

O estudo de caso tem sido muito criticado pelos seus opositores pela falta de rigor metodológico, contudo Yin (2001) diz que apesar de todas as críticas ele continua a ser usado, mas continua a ser comparado.

O estudo de caso há muito foi estereotipado como o "parente pobre" entre os métodos de ciência social. Os pesquisadores que realizam estudos de caso são vistos como se tivessem sido desviados de suas disciplinas acadêmicas, e suas investigações como se tivessem precisão (ou seja, quantificação), objetividade e rigor insuficientes. (YIN, 2001, p. XI).

Tem sido escolhido como método e também é o modelo frequente para a pesquisa de teses e dissertações em todas essas disciplinas e área. Método de pesquisa qualitativa usado com muita frequência nas pesquisas das ciências sociais. Continua sendo um desafio para os

pesquisadores e por ele parecer simples, atrai muitos, mas na verdade é muito mais complexo do que se pensa, não apenas um monte de procedimentos técnico como percebido por alguns.

O desenvolvimento de uma pesquisa passa por vários questionamentos, por exemplo, de como escolher o melhor método para fazer uma determinada pesquisa. Robert Yin (2001) diz que o estudo de caso é apenas uma das muitas maneiras de se fazer pesquisa em ciências sociais.

O bom questionamento pode definir as estratégias mais adequadas de uma pesquisa. Provavelmente o pesquisador se questionará também sobre.

a) como definir um caso que está sendo estudado; b) como determinar os dados relevantes que devem ser coletados; c) o que deveria ser feito com os dados após a coleta. (YIN, 2001, p 20).

Para se enquadrar um tipo de pesquisa como a qualitativa que tem muitos aspectos subjetivos sujeitos a várias interpretações e que atua num ambiente mutável o pesquisador precisa saber as características principais que são: geralmente descritivas; a análise dos dados são sínteses narrativas; atual em determinado contexto social com características próprias; tem possibilidade de levar a uma generalização teórica; o ambiente é natural e o pesquisador e o instrumento principal desta atividade; tem maior interesse pelo processo do que pelo resultado e pelo produto.

Para que um estudo de caso seja bem feito é necessário ter pesquisadores experientes e bem treinados, podem acrescentar outras características como: formular boas questões, ser um bom ouvinte, conseguir se adaptar as mudanças e também ser flexível, precisa ter uma noção clara dos assuntos em estudo, etc.

O uso do estudo de caso tem sido usado cada vez mais na educação para se compreender questões sociais e de acordo com Yin (2001, p.24). “Como método de pesquisa, o estudo de caso é usado em muitas situações, para contribuir ao nosso conhecimento dos fenômenos sociais, políticos e relacionados. Naturalmente, o estudo de caso é um método de pesquisa comum na [...] educação”.

Com todos os métodos de pesquisas há suas vantagens e desvantagens, com o estudo de caso também é assim e para Yin (2001, p.23) “Pode-se utilizar cada estratégia por três propósitos

exploratório, descritivo ou explanatório. Elas podem ser do tipo”. O estudo de caso exploratório permite ao pesquisador colher elementos que conhece e diagnostica o caso, enquanto descritivo, há uma descrição do fenômeno estudado sempre dentro de um contexto real.

A escolha por um ou outro depende de algumas condições segundo (YIN, 2001, p. 24) consistem em:

a) O tipo de questão de pesquisa proposto. b) Na extensão do controle que o pesquisador tem sobre os eventos comportamentais efetivos e (c) no grau de enfoque em acontecimentos históricos em oposição a acontecimentos contemporâneos.

Então a estratégia a ser usada no estudo de caso está em sintonia com as perguntas usadas na pesquisa, acrescido ainda nos rumos e controle que o pesquisador tem. Ao apresentar as condições (YIN, 2001, p 24) diz que: “como cada uma se relaciona às cinco estratégias de pesquisa principais nas ciências sociais: experimentos, levantamentos, análise de arquivos, pesquisas históricas e estudos de caso”.

Outro passo importante quando for utilizado o estudo de caso é de ter definido as questões da pesquisa. Em uma entrevista as perguntas direcionam a pesquisa por isso elas são tão importantes.

Definir as questões da pesquisa é provavelmente o passo mais importante a ser considerado em um estudo de pesquisa. Assim, deve-se reservar paciência e tempo suficiente para a realização dessa tarefa. A chave é compreender que as questões de uma pesquisa possuem *substância* - por exemplo, "sobre o que é o meu estudo?" - e forma - por exemplo, "estou fazendo uma pergunta do tipo 'quem', 'o que', 'por que' ou 'como'?". (YIN, 2001, p 26).

De acordo com (YIN, 2001, p 40) Necessário compreender que pode ser “uma cilada que deve ser evitada. É acreditar que os projetos de estudo de caso sejam um subconjunto ou uma variante dos projetos de pesquisas utilizados para outras estratégias como os experimentos”.

O estudo de caso é usado tendo como pressuposto o conhecimento como algo não acabado, mas mutável que se pode fazer e refazer a todo o momento, desta forma o pesquisador deve estar atento às transformações constantes para o bom desenvolvimento do seu trabalho. No

estudo de caso busca-se observar o objeto pesquisado para melhor descrever, analisar, e compreender.

No Primeiro escopo acerca do estudo de caso Yin(2001, p.32) diz que “um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

Enquanto a segunda parte da definição técnica se faz necessária pela dificuldade de entender os fenômenos.

A investigação de estudo de caso enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado, Introdução baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado, beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas. Para conduzir a coleta e a análise de dados (YIN, 2001, p.32-33).

O estudo de caso é muito utilizado em pesquisas que apresentam algumas características tais como.

O estudo de caso é a estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes. O estudo de caso conta com muitas das técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, mas acrescenta duas fontes de evidências que usualmente não são incluídas no repertório de um historiador: observação direta e série sistemática de entrevistas. (YIN, 2001, p 27).

A generalidade do estudo de caso e seu caráter aglutinador de possibilidades de evidências de forma ampla, bem como.

Novamente, embora os estudos de casos e as pesquisas históricas possam se sobrepor, o poder diferenciador do estudo é a sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações - além do que pode estar disponível no estudo histórico convencional. Além disso, em algumas situações, como na observação participante, pode ocorrer manipulação informal. (YIN, 2001, p 27).

Trata também da lógica do planejamento, das técnicas de coletas e das abordagens dos dados e tem como objetivo central proporcionar uma visão de todo o problema. Ao fazer uma entrevista o pesquisador precisa se adaptar ao horário do entrevistado e sua disponibilidade de tempo e também precisa perceber o tipo de questões a serem utilizadas na entrevista, pois as respostas destas estão condicionadas ao que foi questionado.

Yin alerta também que o pesquisador precisa estar preparado para eventuais situações inesperadas para que não interfira de forma inconveniente e desastrosa na vida do indivíduo pesquisado. O papel do observador é ser o mais discreto possível não interferindo na rotina do ambiente observado com, isto, a possibilidade da pesquisa ser mais autêntica e refletir a realidade, a questão do tempo de observação também faz a diferença, pois as pessoas passam ser mais autênticas com o passar do tempo.

Dentre as várias compreensões acerca do estudo de caso observa-se que de acordo com (YIN, 2001, p 27) “Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

4.2.1 Sobre o Entrevistado

Na pesquisa optou-se pelo pedido de divulgação das identidades dos participantes da pesquisa que de acordo com Yin e o mais apropriado quando é usado o estudo de caso.

A opção mais desejável é revelar as identidades tanto do caso quanto dos indivíduos. A divulgação dos nomes produz dois resultados úteis. Primeiro, o leitor pode recordar de qualquer outra informação anterior da qual pode ter tomado conhecimento sobre o mesmo caso - de pesquisas anteriores ou de outras fontes - ao ler ou interpretar o relatório do caso. (YIN, 2001, p 176)

Muitas pesquisas tendem a não divulgar a identidade dos entrevistados, contudo Yin mostrou-se favorável a divulgação para que no futuro se possam usar os dados coletados e até se faça a comprovação da veracidade da pesquisa, assim continua ele.

Essa capacidade de unir um novo estudo de caso a pesquisas anteriores é inestimável, semelhante à capacidade de rememorar resultados experimentais anteriores ao se ler sobre um novo conjunto de experimentos. Segundo, pode-se revisar o caso inteiro com muita facilidade, pois é possível se verificar, se necessário, notas de rodapé e citações e podem-se fazer críticas adequadas ao caso já publicado. (YIN, 2001, p 176).

A pesquisa é do tipo estudo de caso etnográfico, pois apresenta algumas características que são peculiares neste tipo de pesquisa: é qualitativa, descreve de uma realidade, de uma cultura de um determinado local, de uma determinada escola. A pesquisa foi trabalhada em uma

comunidade remanescente de quilombolas dotada de cultura popular bastante presente e resistente a cultura unificante. Pretendia-se entender como cultura escolar e cultura popular convivem e como são trabalhadas em favor da população e da educação e se havia perspectivas de inovação pedagógica.

Ao se fazer pesquisa etnográfica o pesquisador é considerado a principal pessoa da pesquisa, pois ele tem que agir com sapiência e sabedoria para não gerar conflitos e saturar os relacionamentos.

4.3 Estudos de Caso Etnográfico

O enquadramento de uma pesquisa observa algumas regras que a classifica de acordo com sua especificidade.

A pesquisa etnográfica, no entanto, nem sempre produz estudos de caso (por exemplo, veja as breves notas etnográficas em G. Jacobs, 1970), nem os estudos de caso estão limitados a essas duas condições. Em vez disso, pode-se basear o estudo de caso em qualquer mescla de provas quantitativas e qualitativas. Ademais, nem sempre eles precisam incluir observações diretas e detalhadas como fonte de provas. (YIN, 2001, p 34).

A necessidade da classificação conduz ao direcionamento e ao estabelecimento de regras e caminhos a serem seguidos. Desta forma o pesquisador procura sempre estabelecer o rumo do seu trabalho, e, para isto se mostra necessário à prerrogativa da opção por isso ou aquilo, sendo obrigatório o uso de escolhas.

De acordo com André (1995, p. 31). “Para que seja reconhecido como um estudo de caso etnográfico é preciso, antes de tudo, que seja um sistema bem delimitado, isto é, uma unidade com limites bem definidos, tal como uma pessoa, um programa, uma instituição ou um grupo social”.

A opção pelo estudo de caso etnográfico se deu pela compreensão que se trata de uma escolha que preenche os requisitos da pesquisa e a que nos parece a melhor e a mais adequada às características do caso.

O estudo de caso do tipo etnográfico, que surgiu muito recentemente na literatura educacional numa acepção bem clara: adaptação da etnografia ao estudo de um caso educacional. Isto quer dizer que nem todos os tipos de estudo de caso se incluem dentro da perspectiva etnográfica, como por exemplo, os estudos de casos históricos e os relatos autobiográficos. (ANDRÉ, 2005, p. 23).

Para que o estudo de caso seja considerado etnográfico é necessário características da etnografia, a descrição de uma determinada cultura: seus hábitos, suas crenças, seus desejos, suas histórias, suas formas de vida, etc. Como esta pesquisa é uma descrição destes hábitos culturais que acontecem no locus pesquisado se faz conveniente esta metodologia de pesquisa.

Com respeito a isto André (1995, p. 50) fala desta escolha dizendo que vai depender muito dos objetivos e o que ele quer saber acerca do objeto pesquisado. “A decisão sobre quando e para que se deve usar o estudo de caso etnográfico e não outra estratégia de pesquisa depende naturalmente daquilo que o pesquisador quer saber, isto é, do problema que ele definiu e das questões as quais ele quer responder”.

Os estudos de caso segundo Yin (2001, p. 107) apresentam várias fontes que no caso desta pesquisa foram usadas algumas que [...] “são a documentação, os registros em arquivos, as entrevistas, a observação direta, a observação participante e os artefatos físicos”.

4.3.1 A Observação Participante

A observação participante é uma técnica que possibilita uma inteiração social com o indivíduo pesquisado, uma aproximação do pesquisador com objeto, sendo uma técnica muito utilizada onde o pesquisador adentra num grupo social buscando observar e interagir com ele. Situação para uns que é analisada com desvantagem e para outros como vantagem.

A observação participante foi instituída como técnica de pesquisa na década de vinte pela escola de Chicago, nos Estados Unidos, época onde os experimentalistas eram senhores do mundo das pesquisas. Este tipo de observação sofreu muitas críticas e precisou ser abandonado. A crítica se deu pela banalização que ocorreu com o uso de forma indiscriminada.

No estudo de caso etnográfico a observação participante faz parte de maneira natural do elenco de ferramentas usadas nesse tipo de pesquisa, chamada de participante, pois, o pesquisador participa de alguma forma da observação realizada por ele durante sua pesquisa. De certa forma o estudo de caso recebe críticas por outras metodologias ter em suas regras o necessário distanciamento do objeto pesquisado.

Há um reconhecimento que nesse tipo de observação o pesquisado é emprenhado pelas situações do cotidiano pesquisado. O trabalho de campo precisa ser realizado durante um período de tempo suficiente para que seja uma coisa natural e o observador não seja tratado como estranho, como visitante e o que é corriqueiro aconteça e haja uma transmutação da realidade.

O trabalho deve ser desenvolvido com muitos encontros entre pesquisador e pesquisado em seu ambiente natural. Estes encontros acontecem com a observação e participação nas atividades do cotidiano com o intuito de descrever, compreender para revelação e análise dos significados.

O trabalho de pesquisa foi feito de forma cuidadosa e responsável embasados nos pressupostos de teóricos sobre a observação participante, Segundo Lapassade.

[...] A observação participante é a técnica fundamental da investigação etnográfica. [...] O observador participante vai se esforçar em adquirir um 'conhecimento de membro'. Vai tentar identificar os motivos que os membros tinham para fazer o que fizeram estabelecer o que seus atos significam para eles mesmos naquele momento. (LAPASSADE, 2005, p. 68-69).

A observação participante é uma técnica que proporciona a pesquisa qualitativa uma maior possibilidade de descrição do ambiente social, bem como as vivências das culturas infiltradas pelo pesquisador, o que colabora para uma maior clareza e fidelidade daquilo que foi observado.

4.3.2 Entrevistas

Há uma ampla quantidade e variedade de técnicas de coletas de dados dentre elas as entrevistas. O pesquisador precisa ter uma visão que permita captar fontes de evidencias nas pesquisas. Desta forma as entrevistas objetivas direcionam o pesquisador produzindo uma boa quantidade de informações.

As entrevistas são muito utilizadas no estudo de caso e elas podem ser: aberta, estruturadas ou focada.

As entrevistas abertas são utilizadas para colher fatos, opiniões, “insights”. Já as focadas têm como objetivo orientar o entrevistador com o uso de perguntas pré construídas, propicia conhecimento sobre o que tem sido pesquisado. E, o outro tipo de entrevista é a estruturada que é realizada com perguntas fechadas onde o entrevistador segue um roteiro estabelecido antes de começar a entrevista.

As entrevistas são feitas com uso de aparelhos gravadores ou não, geralmente se prefere o uso de gravadores. Para Yin (2001, p.114-115) o uso de instrumentos de gravação é uma escolha pessoal, mesmo sendo comum o uso, contudo esse pode não ser utilizado se de alguma forma atrapalhar a entrevista, como: desconforto do entrevistado com aparelhagem; dificuldades com a transcrição do material gravado; o pesquisador apresentar dificuldade para se sentir à vontade com o aparelho.

As entrevistas podem ser espontâneas e de acordo com Yin (2001, p.112) com ele este tipo de entrevista permite que o pesquisador pergunte ao respondente sobre fatos ou opinião sobre certos eventos, pois, o objetivo é que ele se transforme em um “informante”.

De acordo com Yin (2001, p.113). A entrevista que ele chama focal é um tipo que acontece com muita liberdade onde a pessoa entrevistada fala sobre o assunto proposto por um determinado tempo, neste caso: “as entrevistas ainda são espontâneas e assumem o caráter de uma conversa informal, mas você, provavelmente, estará seguindo certo conjunto de perguntas que se originam do protocolo de estudo de caso”.

Ainda conforme Yin (2001, p. 113) há um tipo de entrevista estruturada onde as questões são preparadas de maneira mais formal. “Nesse tipo de levantamento estariam incluídos tanto os procedimentos de amostragem quanto os instrumentos utilizados em levantamentos habituais, e, por conseguinte, seria analisado de uma maneira similar”. Assim concordamos com ele quando diz que: “No geral, as entrevistas constituem uma fonte essencial de evidências para os estudos de caso, já que a maioria delas trata de questões humanas”.

Considerando...

Faço uma discussão sobre a etnografia como método eficiente de pesquisa na educação partindo dos estudos de Lapassade, Fino e Macedo; a pesquisa se desenvolverá com o uso da base teórica do estudo de caso de Yin e caminhando em direção ao estudo de caso etnográfico de André.

Considero a metodologia da pesquisa muito importante para o trabalho do pesquisador, pois é ela que direciona todo o percurso e para que isto aconteça além de uma boa metodologia é necessário um bom entendimento sobre os procedimentos necessários na sua aplicação, assim este capítulo procura esclarecer qual direção foi escolhida e quais os caminhos percorridos durante todo trajeto.

5 O LOCUS

O trabalho de pesquisa que teve como resultado esta dissertação objetivou compreender como a cultura escolar interage com a cultura popular com perspectiva de inovação pedagógica, o locus é a escola municipal Tomé de Souza localizada na comunidade quilombola do povoado de Lagoa do Gaudêncio que fica no município de Lapão, no Sertão da Bahia, Brasil.

5.1 A cidade de Lapão



Mapa rodoviário 1 – Ponto de referência cidade de Lapão, Bahia, Brasil. Fonte *Google maps*.

Minhas lembranças mais antigas sobre o município de Lapão são focos de memórias o ano mais remoto é 1971, Eu morava naquela época em Gameleira dos Crentes pequeno povoado que pertence a João Dourado, mas naquele tempo pertencia a Irecê que tinha um território imenso na época. Sempre as sextas feiras era costume por volta de quatro e meia da manhã ser acordado pela minha avó Benedita “Levanta menino temos que chegar a Lapão o sol nascendo” de má vontade acordava com poucos resmungos para não ser ralhado mais uma vez, fazia mais um tempinho na cama, mas não tenha jeito era obrigado a levantar, confesso que nunca gostei de acordar cedo.

Minha avó Benedita era uma senhora com mais de setenta anos, estatura baixa, creio que menos de 1,60 cm, mas com muita disposição para trabalhar e uma caminhada de Gameleira a

Lapão em torno de 18 km para ela era fácil enquanto para mim garoto de dez anos magrinho não era tão agradável à tarefa.

Eu e minha avó morávamos em uma casa muito grande para nós dois, tinha quatro quartos e uma grande área livre, em todos os eventos que ela ia eu a acompanhava e as idas a Lapão aconteciam sempre às sextas feiras, um dia especial, pois acontecia a feira livre que a época era considerada uma das maiores da região.

Assim na sexta, após acordar de má vontade, lavar o rosto em uma pequena bacia de esmalte branco com um pouco de água, bebia um café puro com pouco açúcar (minha avó gostava sem açúcar), um pedaço de cuscuz seco, a maioria das vezes sem mais nada para acompanhar, vestia minha melhor roupa que lembrando agora não estava tão boa assim, já estava em tempo de mandar a tia Neném fazer outra, só ganhava quando aquela acabava.

Depois de vestir a roupa sempre acompanhada com a camisa de “volta ao mundo” vermelho e branco era um tipo de tecido muito utilizado na época creio que pelo baixo preço, um tecido que parecia plástico de fácil combustão, até hoje tenho as marcas de uma queimadura no braço esquerdo provocado pelo fogo que pegou na manga da camisa, vindo de um candeeiro, aquele tempo ainda não havia energia elétrica em nossa casa.

Após comer o cuscuz e vestir a roupa corria para acompanhar minha avó com destino a Lapão, antes ainda ouvia minha avó “havia menino, beba água, fecha a porta, vamos, temos que chegar junto com o sol”. Assim partimos mais uma vez com destino a Lapão. Depois de passar o sono até que gostava da viagem era um divertimento para uma criança com seus dez anos, nesse tempo não tínhamos nenhum aparelho sonoro ou de imagem como rádio ou televisão.

No caminho passávamos sempre na casa de dona Aurelina na Corrida D'água (um lugarejo entre Gameleira e Lapão. Poucas casas, acredito que menos de dez) uma senhora simpática que nos oferecia café e leite ainda sem cozinhar providenciado pelo seu filho Dílson, rapaz sempre prestativo, a nossa estadia era bem rápida, minha avó explicava que ainda faltava uma grande caminhada e que caminhada! “Beba água menino, vamos, vamos” gritava minha avó e aí continuávamos a caminhar.

Muito tempo depois ouvia minha avó “estamos chegando ao boi” era uma fazenda pertencente ao senhor Firmino de Gameleira, a fazenda era muito bonita eu admirava a quantidade de gado e o vaqueiro “Dete” sempre vestido com seu jaleco surrado e não muito limpo, um cigarro de fumo de rolo enrolado em palha de milho, barba por fazer, olhos pequenos e espertos um pouco esverdeados, era um homem de estatura mediana, que gostava de beber cachaça, era comum ver Dete na Gameleira aos domingos à tarde montando burro brabo com seu inseparável chapéu e sua calça de couro, um traje típico dos que correm atrás de bois pela caatinga do sertão no Nordeste brasileiro. Dete sempre me oferecia “quer montar no cavalo” às vezes montava, mas tinha medo, não gostava muito não, depois de alguns minutos observando o gado no curral, os bezerros menores que eu gostava muito, minha avó voltava a gritar “vamos, vamos beba água”, mais uma vez voltávamos a caminhar, Lapão só estava no meio do caminho.

Nesse ínterim o dia já estava claro caminhávamos agora rumo à próxima parada na fazenda Sete Casca, geralmente não demorávamos, só bebíamos água, a minha avó um café assim depois de muita caminhada avistava o povoado de Lapão naquele tempo assim como a Gameleira pertencia a Irecê.

Chegar a Lapão era uma festa! na praça principal acontecia à feira livre, creio que tinha em torno de 150 barracas de feirantes, com todos os tipos de produtos daquela época, era um ponto de encontros, uma novidade, aonde os vaqueiros, os fazendeiros, os trabalhadores rurais aproveitavam para descontrair, beber sua cachaça, comprar seu fumo de rolo para fazer cigarros ou colocar nos cachimbos durante a semana, rever os amigos, observar as mulheres e fazer negócios de compras e vendas dos produtos regionais, o que incluía animais: gados, carneiros, cabras, porcos, galinhas. Etc. e produtos agrícolas como: feijão, milho, mamona, algodão e outros.

No meu mundo de menino gostava dos animais, das diversidades de cores, dos brinquedos simples de plásticos, da bola que sonhava ter e nunca tinha dinheiro para comprar, havia também certa quantidade de carros e tratores feitos com madeiras e flandre das latas de óleo de soja e com rodas feitas de borracha de sandálias.

Gostavam também do aroma da feira, o cheiro das comidas era muito bom, via sempre as pessoas comerem o cuscuz com ovos, sarapatel, buchadas, mocotós, tripas assadas, bucho, bofe, bode cozido e assado, galinha caipira, requeijão, etc. eu particularmente com meu dinheirinho pouco ganho com a cata da mamona feita durante a semana, mal podia saborear um pão doce com uma garrafinha de suco de groselha.

A feira oferecia uma variedade de possibilidades de negócios, diversões, encontros desta forma a população do povoado duplicava no dia da feira, minha avó aproveitava para visitar os amigos, sempre algumas pessoas eram por nós visitadas, Cícero o curador, ela passava sempre para consultar, a casa de Tomé para bater papo aproveitando sempre para tomar um café quentinho.

Depois de algumas horas geralmente após o meio dia a feira começava a diminuir gradativamente, as pessoas já tinha comprado e vendido seus produtos, depois de ter almoçado alguns iam tirar uma soneca, enquanto os vaqueiros acrescentavam aos seus alforjes além da rapadura, farinha e carne seca, mais um litro de cachaça para consumir durante a semana na lida com o gado.

Por volta de duas e meia, três horas da tarde estavam nós de volta à Gameleira, às vezes com sorte achava uma carroça puxada por jegue ou cavalo ou ainda um carro de boi que mesmo com sua vagareza era melhor que andar a pé, na volta sempre voltávamos mais pesados, com alguns quilos a mais na bagagem. De certa forma as viagens a Lapão eram cansativas, mas muito divertidas e a cada três semanas, um mês estávamos eu e minha avó fazendo tudo de novo.

Lapão sempre marcou minha memória pelo povo acolhedor e pacífico, movido por uma fé muito grande em Deus, além do gosto pela diversão, em 1971 o povoado era um dos mais importantes da região.

A história a seguir contada por mim é de domínio público e é uma tentativa de recontá-la com maior fidedignidade possível. Conta a história oral narrada pelos mais velhos que por volta de 1900 um menino por apelido Pedrinho em sua andança que saía a bodocar deparou com uma

grande árvore, a gameleira branca e notou que por ali existiam muitos pássaros dentre eles as juritis, o que segundo os lavradores indica prenúncio de água pela redondeza.

Pedrinho percebeu uma grande quantidade de outros pássaros e logo adiante, que surpresa! Um lindo e maravilhoso lençol de água cristalina escorria de uma enorme lapa, quando voltou para casa não contou a ninguém, ele tentou esconder o achado e até conseguiu durante algum tempo, mas não demorou a ser descoberto, pois em tempos de seca era o único dentre os moradores que sempre tinha caça em abundância, o seu achado recebeu o nome de “poço do Lapão”.



Foto 01. Entrada da cidade de Lapão, Bahia, Brasil.
Bandeiras da Bahia, do Brasil e do município de Lapão.

Conta a história que algum tempo depois Herculano Galvão Dourado, um senhor de posse, construiu casas ao redor do poço juntamente com outras famílias, assim Lapão cresceu rapidamente e por volta de 1920 se consolidou como um pequeno povoado. A cidade de Lapão tem predominância das famílias: Dourados, Vilelas, Cardosos, Matos, Massus, Oliveiras, Carvalhos, Alves, Menezes, Silvas, dentre outras.

A história de Lapão está ligada muito a cidade de Irecê, pois a pertenceu quando era um povoado, a cidade de Irecê que Lapão fez parte cresceu com a pecuária e agricultura destacando-se o cultivo de feijão, milho e mamona. Irecê durante muito tempo foi considerada a “capital do feijão” pela sua grandiosa produção deste produto.

Irecê transformou-se rapidamente no centro social e comercial da região, dividindo a atenção com cidades como: Jacobina e Xique-Xique, que eram referência naquela época, outro fator que contribuiu com crescimento regional foi à corrida pelo ouro, tendo a cidade de Gentio do

Ouro contribuído bastante para o comércio regional, influenciando também a ocupação de terras no município de Irecê, hoje pertencentes ao município de Lapão.

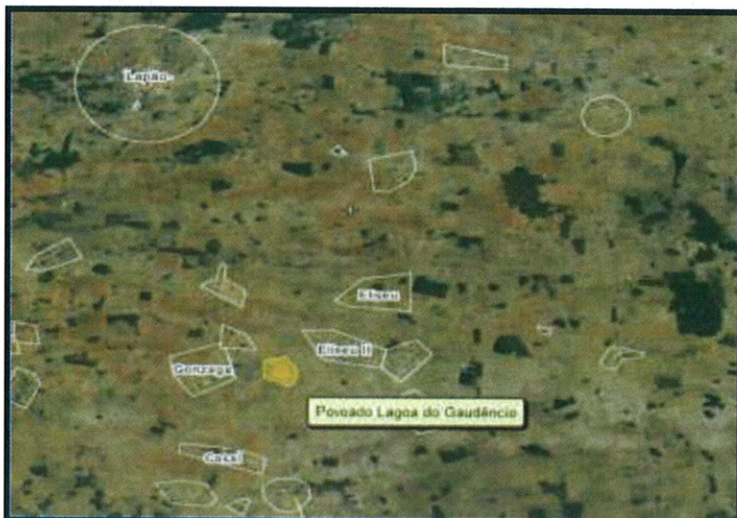


Foto 02. O poço do Lapão, que deu origem ao nome e marco onde surgiu a cidade.

Por volta de 1950, o que hoje é município de Lapão tinha cerca de 9000 habitantes, durante a década de 50 as principais atividades econômicas era a usina de beneficiamento de algodão de propriedade do senhor João Pereira Borges. Outra atividade que gerava bastante movimento era a sua feira livre realizadas nas sextas feiras.

O povoado de Lapão se transformou em município em 09 de maio de 1985, pela publicação do decreto lei nº 4.445, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Lapão tem 25.646 habitantes, 605,078 Km² de área territorial e seu bioma é caatinga.

5.2 O povoado da Lagoa do Gaudêncio



Mapa 2- A localização de Lagoa do Gaudêncio no município de Lapão.
Fonte *Google Earth*.

O locus da pesquisa é um povoado pertencente ao município de Lapão. A seguir começo a falar sobre ele. As minhas memórias sobre Lagoa do Gaudêncio eram poucas até 2012 quando da construção do projeto de mestrado. Lembro que joguei futebol no começo dos anos 80, foi uma partida disputada em um campo muito pequeno, mas lembro de alguns diálogos que vou chamar de politicamente incorretos, como: “cuidados que os negros são brutos”; “eles são valentes”; “os crioulos⁵ botam para quebrar”. Mas, meu interesse não nasceu dessas poucas recordações e sim da vontade de observar e descrever a cultura de uma comunidade, a Lagoa do Gaudêncio surgiu nas minhas conversas com os colegas sobre cultura e indagando sobre os povoados da região que oferecessem um campo de estudo, nessas conversas surgiu o interesse pela realização da pesquisa sobre cultura escolar e cultura popular.

Resolvi conhecer o local, fazer minha primeira visita a Lagoa do Gaudêncio aconteceu na época da construção do projeto de dissertação de mestrado, antes tinha passado na Secretaria da Educação em Lapão para entregar um ofício com uma solicitação para a pesquisa, fui recebido muito bem pelo Secretário Sr Wellington Elemar Matos de Souza que autorizou prontamente.

⁵Crioulo no Brasil, em linguagem popular, atualmente refere-se a qualquer pessoa negra, pode ser pejorativo. Originalmente significava escravo negro nascido no Brasil

Lembro bem era vinte de julho de dois mil e doze quando fui atendido pelo secretário e dois dias após visitei Lagoa do Gaudêncio pela primeira vez, chegando a Escola Tomé de Souza me encontrei com a diretora da unidade escolar que me recebeu com simpatia e boa vontade.

Passei a explicar o que pretendia, interesses, objeto e objetivos da pesquisa. Disse que se tratava de uma pesquisa com estudo de caso e tinha como título; “Cultura escolar e cultura popular perspectivas de inovação pedagógica”. Neste primeiro encontro já percebi que a escola representa um espaço social significativo na comunidade.



Foto 03. Placa na entrada do povoado.

Achei a localidade uma opção muito boa, pois tinha a cultura seu grande chamamento como observador inicial, uma boa impressão e a fala da diretora da Escola Municipal Tomé de Souza, senhora Biderlândia me chamou a atenção, vou reproduzir o que passou a dizer “Manoel, aqui em Lagoa de Gaudêncio temos muita cultura, temos o Terno de Rei comandado por Cassimiro, a Capoeira pelo mestre “Fura Coco”, o Samba de Roda, a Umbanda com o Pai de Santo Darlindo e os Filhos de Santo Dermival e Napoleão; temos também duas associações”. Parece uma propaganda, mas ela sabe de cor o que Lagoa de Gaudêncio tem a oferecer. Estava buscando algo sobre cultura para estudar, pensei acho que aqui é o lugar certo e foi assim que escolhi o lócus da pesquisa.

O pensamento de Morin (2000, p.56) fala em valorização da cultura popular como saber importante para constituição do indivíduo como pessoa e perpetuação das gerações, assim como a singularidade das culturas como fator sem o qual impossibilita sua existência.

A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não há sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas. (MORIN, 2000, p. 56).

A chapada diamantina tem várias cidades a principal é Lençóis. Nesta cidade nos séculos XVIII e XIX, o homem explorou bastante o extrativismo mineral e em suas minas eram usada a mão de obra escrava. As Fazendas Santa Cruz e Souza Sales ficavam localizadas no município de Macaúbas outra cidade da região, consideradas as maiores da região no século XIX com uma grande quantidade de escravos, os primeiros moradores de Lagoa do Gaudêncio fugiram destas fazendas em 1905.

A história de Lagoa do Gaudêncio contada aqui por mim foi sendo construídas nas conversas, observações, anotações e escritas encontradas em documentos na escola a minha versão ficou assim: Contam os mais antigos que Lagoa do Gaudêncio surgiu quando os caçadores Venâncio, Osório José Alves e Joaquim Preto em 1905 oriundos de Brotas de Macaúbas, uma cidade da Bahia distante 152 km de Lapão, em Brotas tinham duas grandes fazendas com um grande número de escravos.

Viver no Nordeste brasileiro em tempos de seca é muito difícil e perigoso, nestas condições adversas Venâncio e companheiros encontraram uma lagoa com muitas aves, era pleno mês de agosto tempos de seca com grande escassez de água e alimentos, foi quase um milagre. Eram descendentes dos escravos que viviam como andarilhos, sem casas e estavam à procura de um pedaço de terra para morar.

Ao conversar com as pessoas sobre os primeiros habitantes do povoado sempre são citados os nomes de: Osório José Alves, Joaquim Preto, Firmino e Jovino. Como a Lagoa do Gaudêncio surgiu em 1905, pouco tempo após a abolição da escravatura que aconteceu no dia 13 de maio de 1888. É certo que muitos escravos libertos ficavam ainda na fazenda prestando serviços para os antigos patrões e alguns preferiam ficar vagando sem destinos e foi um grupo desses andarilhos que descobriram a Lagoa do Gaudêncio.

Nas conversas com moradores antigos descobri que o nome do povoado nem sempre foi Lagoa do Gaudêncio, teve outros nomes como: Lagoa da Pendenga, Lagoa do Farrapo, Lagoa dos negros, Lagoa de Aguada Nova, o nome Lagoa do Gaudêncio só apareceu durante o governo do Prefeito de Irecê, Ineny Nunes Dourado, em 1974.

Segundo o Genelísio, que conheceu o senhor Gaudêncio, este era considerado um “cabra bom” (homem bom), veio da cidade de Ipupiara que é uma cidade da região, dista 127 km de Lapão, gostava de beber uma cachaça nos fins de semana, bancava e não fugia de uma briga, de vez em quando dava uma furada aqui outra ali, andava sempre com seu inseparável punhal que sempre trazia com ele. Era um gaiato e nas redondezas sempre era apontado como “esse é negro Gaudêncio” é da Lagoa dos negros, por se tornar tão conhecido e ser um negro que gostava de política, estava liderando a comunidade com frequência que se tornou seu representante político por vários anos, desta forma a explicação mais prazível para o nome do povoado ser Lagoa do Gaudêncio, foi à necessidade de mudança do nome do povoado uma vontade do povo à época.

Quando era Lagoa dos Negros os moradores se achavam diminuídos pelo tratamento de escárnios dado ao nome do povoado e para mudança preferiu o nome de Gaudêncio por alguns motivos: O local já era conhecido também por Lagoa do Gaudêncio e pela influência política da pessoa de Gaudêncio, se constatou que esse foi o principal motivo.

E, de acordo com diretora da escola que também o conheceu, Gaudêncio era um sujeito moreno, era visto como uma pessoa boa que dava trabalho para os mais pobres em sua roça, foi um homem de posses, tinha um comércio, era respeitado pela comunidade e foi representante local por dez anos, fisicamente quando velho era um homem corcunda.

A população de LG é constituída em sua totalidade por pessoas da pele negra, da criança ao mais idoso, podendo assim demonstrar que todos são afros descendentes. Durante as conversas com os mais velhos há sempre alguém dizendo que tiveram parentes escravos.

A Lagoa do Gaudêncio é composta por algumas ruas, dentre elas a Rua Tiradentes, Rua três Marias, Rua Juscelino Kubitscheck e praça do comércio. Sua população varia em torno de 926 habitantes com 478 homens e 448 mulheres, há cerca de 200 famílias no lugar que em sua

grande maioria participa dos programas assistenciais do governo federal, como o programa bolsa família.



Foto 04. Rua do povoado de Lagoa do Gaudêncio.

Pai, mãe, filhos, netos, primos e avós são à base da formação da família lagoense. Os homens em sua maioria são trabalhadores rurais, alguns pequenos agricultores. Nessa organização familiar a mulher tem papel de destaque cuidando dos filhos e da casa com tarefas como: cozinhar, arrumar a casa, lavar, passar e ainda trabalhando na roça, a agricultura é a principal atividade econômica, alguns moradores criam alguns animais que contribuem economicamente, mas, em percentual bem pequeno.

A comunidade de Lagoa do Gaudêncio tem uma cultura muito ativa com traços característicos de descendentes do povo africano, tendo como destaques o reisado, a capoeira, o samba de roda, as associações comunitárias, as religiões afros, palavras das etnias africanas.



Foto 05. Rua do povoado da Lagoa do Gaudêncio.

5.3 A escola Municipal Tomé de Souza

A Escola Municipal Tomé de Souza (EMTS) mudou para as instalações atuais a partir de 1999 quando recebeu este nome, dado em consideração ao ilustre português, primeiro governador geral do Brasil, com sede em Salvador, Bahia, para muitos como um bom administrador, sendo muito homenageado principalmente na Bahia.



Foto 06. Escola Tomé de Souza – Povoado de Lagoa do Gaudêncio, Lapão, Bahia.

Antes da construção do prédio escolar a educação na comunidade era promovida em espaços diferentes, com salas alugadas ou cedidas e com professores leigos do próprio lugar, pois os representantes locais não permitiam que os estudos ministrados na comunidade fossem realizados por outros.

Ao chegar à comunidade e no espaço escolar procurei observar e ouvir o que me pareceu uma estratégia interessante, pois, a cultura popular é recheada de histórias. De acordo com Yin.

O ato de ouvir envolve observar e perceber de uma maneira mais genérica e não se limita a uma modalidade meramente auricular. Ser um bom ouvinte significa ser capaz de assimilar um número enorme de novas informações sem pontos de vista tendenciosos. À medida que um entrevistado relata um incidente, o bom ouvinte escuta as palavras exatas utilizadas (algumas vezes, a terminologia reflete uma importante orientação), captura o humor e os componentes afetivos e compreende o contexto a partir do qual o entrevistado está percebendo o mundo, (YIN, 2001, p. 82).

As prerrogativas para uma narrativa de qualidade, o processo de construção da pesquisa usando como método o estudo de caso etnográfico em que se deve observar muito, além de procurar não alterar o ambiente natural a ser pesquisado.

Após um período de observação o que possibilitou a construção do projeto de pesquisa. *Cultura Escolar e Cultura Popular: perspectivas de inovação pedagógica e com aprovação pela UMA*. Voltei a Lagoa do Gaudêncio em novembro, neste mês fiz mais algumas visitas com intuito principal de me tornar uma pessoa mais conhecida por todos na escola e comunidade. A conversa com funcionários da unidade escolar começou a fluir e os contatos com os alunos passaram a ser mais frequentes, aproveitei sempre parte do tempo para andar pela comunidade.

Depois das férias a escola voltou a funcionar no dia quatro de março do ano em curso, (2013) dias depois estive na EMTS pela primeira vez no ano. Como sempre, acordei por volta de seis horas e quinze minutos, era uma segunda-feira que prometia ser muito quente, característica do clima desta época do Nordeste brasileiro. Após a higiene pessoal e tomar um cafezinho me desloquei de Irecê a Lagoa do Gaudêncio que fica cerca de 30 km de distância, percorri o caminho pensativo na condução do meu velho carro, um Fiat Uno 1994, cor vinho, apesar de desgastado apresentava boa disposição para andar, tinha como rotina dirigir sempre a 100 km/h e os meus pensamentos eram de observar com cuidado à procura de novidades.

Cheguei um pouco mais cedo, aproveitei para tomar um cafezinho oferecido com muita gentileza pela senhora que mora em frente à escola. As atividades começam a partir das oito horas, os alunos foram colocados em fila, uma das características do mundo capitalista e industrial, o costume da cultura da fila. Não há uma lei que institua a obrigação de obedecer à fila, mas padronizou-se e transformou-se em uma coisa cultural.

Os alunos cantaram o Hino da Cidade de Lapão, depois o Hino Nacional Brasileiro e, logo após rezaram o *Pai Nosso* isto também é uma característica das comunidades e mesmo com grande influência de religiões de matrizes africanas, são sincretizadas aos costumes das religiões cristãs, percebe-se o cultivo do catolicismo que foi uma tendência para fugir das perseguições, por ser uma religião mais aberta a aceitar o sincretismo religioso.

A educação formal ensinada na escola, que tem várias atribuições dentre elas a de prestar serviço como aparelho ideológico do estado e como tal procura construir cidadãos com pensamentos uniformes e que obedeçam a regras.

Com o passar do tempo e o envelhecimento de antigas lideranças houve naturalmente a substituição no comando que tinha pensamentos diferentes. E somando a isto a inauguração da nova escola, agora denominada Tomé de Souza houve necessidade de novos professores e estes novos dirigentes aceitaram a contratação de professores que não fossem da comunidade.

Além dos alunos da própria comunidade a escola tem do povoado de Macambira que fica a três quilômetros. Funciona em dois turnos, no matutino e vespertino, atendendo alunos a partir de três anos chamado de grupo três até o quinto ano, antiga quarta série do ensino fundamental. A diretora Biderlândia Rodrigues é gestora da escola desde a sua inauguração.

O prédio por fora tem aspectos simples, com paredes com reboco e pintura de algum tempo, mas bem cuidado. Em seu entorno necessita um maior investimento, cercada por muros, com uma entrada em portão de metal. Fora da escola é rua de terra.

No interior há quatro salas de aulas com espaço para comportar em torno de trinta alunos por sala, uma boa área coberta entre as salas, secretária e diretoria no mesmo ambiente com um pequeno banheiro, uma sala onde tem livros paradidáticos e alguns computadores onde será a sala de informática, ainda há a uma cantina pequena onde faz merenda para os alunos, mas, suficiente para o porte da escola e quantidade de alunos. Ainda tem sala de professores onde serve também para guardar instrumentos musicais usados no projeto Mais Educação, sala de jogos e sala de informática onde funciona também como sala de leitura.

Durante as visitas observei claramente uma rotina escolar que difere em pouco das outras escolas, professores, alunos, salas de aulas, filas, chamadas, ausências, reclamações, etc. Percebi a presença da cultura escolar com as mesmas características comum a todas as unidades e minha observação. O meu interesse maior foi buscar perceber a parte peculiar que a diferencia das outras.

Turma	Turno	Quantidade de alunos
Grupo 03	Matutino	15
Grupo 04	Matutino	24
Grupo 05	Matutino	24
1º ano e 2º ano	Vespertino	25
3º ano	Vespertino	20
4º ano	Matutino	30
5º ano	Vespertino	20
Total		158

Tabela 1 – quantidade de alunos em 2013 por turma e turno

A educação oferecida nas escolas públicas brasileiras, municipais ou estaduais tem características comuns, regada de pouco investimento em material e pessoal. Na Escola Tomé de Souza não é diferente. Afetada pelo nível econômico da comunidade que está inserida muito abaixo da média nacional brasileira. A maior quantidade da renda do povoado vem de benefícios governamentais como: bolsa família e aposentadorias rurais, não há uma fonte de renda consistente que dê perspectivas de independência econômica.

Turma	Turno	Quantidade de alunos
Grupo 03	Matutino	18
Grupo 04	Matutino	15
Grupo 05	Matutino	24
1º ano e 2º ano	Vespertino	24
3º ano	Vespertino	25
4º ano	Matutino	19
5º ano	Vespertino	26
Total		151

Tabela 2 – quantidade de alunos em 2014 por turma e turno

Há necessidade de grandes investimentos em sua parte física e de móveis, precisa ser mais equipada, mesmo com os crescentes investimentos em educação é visível a carência, lembro que uma das minhas visitas o ano passado percebi que a escola tinha computador e impressora, mas ainda não estavam instalados e a secretária fazia uso de mimeógrafo a álcool,

um equipamento que caiu no desuso há algum tempo. Ao voltar este ano percebi que estas duas ferramentas tão comuns nas escolas, já estavam sendo usadas.

Há um fenômeno nas escolas brasileiras de diminuição de alunos, isto foi comprovado na EMFS, uma das causas é a diminuição do tamanho das famílias. Compreendendo a escola de acordo com o que Fino (2009, p.2) diz em seu artigo Inovação e Invariante (cultural) que é um local onde concentra comunidades de pessoas durante longos períodos de tempo e que partilham características comuns e o uso de procedimentos cristalizados por muito tempo pela sociedade.

6 CULTURA ESCOLAR E CULTURA POPULAR.

Compreender a cultura escolar com todas suas nuances contribui para percepção de até que ponto pode ocorrer possibilidades de interação com a cultura popular, aumentando a possibilidade de inovação pedagógica. Fino diz que: “Por sua vez, a inovação pedagógica tem que ver, fundamentalmente, com mudanças nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico face às práticas pedagógicas tradicionais”.

Fiz uma série de entrevistas com o intuito de perceber o discurso de cada pessoa que faz parte do universo da Cultura escolar e também pessoas que fazem parte da Cultura popular. Ouvi na escola: A diretora Biderlândia, a coordenadora Lidiane, a professora Odete, as alunas S.S e L.S.P; foi entrevistada também a equipe do Programa Mais Educação: A coordenadora Maristélia e o monitor Eronildes; Já da comunidade foram entrevistados o líder comunitário Genelísio, o mestre de capoeira João o “fura coco”, o pai de santo Darlindo, os filhos de santos Napoleão e Dermival, além dos presidentes das duas associações, Cassimiro e Gildemar.

Basicamente esta pesquisa está assentada em entrevistas e observações que estão colocadas nesse capítulo e filtrados os dados no próximo. A seguir temos uma narrativa dos elementos da cultura popular e da cultura escolar encontrada no locus da pesquisa.

6.1 O reisado

Quando era criança em Gameleira de João Dourado (naquele tempo povoado pertencente à Irecê), eu gostava muito da época das festas de reis pois era um momento impar para a comunidade que tinha pouca diversão e aquilo para um menino era bem divertido, o reisado era formado por um grupo de homens da comunidade, todos trabalhadores rurais que tinha o ofício durante todas as noites do natal ao dia de reis (seis de Janeiro).

O grupo ia tocando seus instrumentos acompanhando um boi (feito de madeira e coberto com panos coloridos e enfeites) que na minha localidade era chamado de “boi janeiro”, lembro que dentro do boi sempre estava lá o Odetino, um negro pequeno, magro, esperto quem vivia a correr atrás das crianças do povoado, ao ouvir o barulho do reisado não ficava nenhuma

criança por perto, observava de longe o colorido do boi e seus acompanhantes, todos de chapéus enfeitados e roupas coloridas.

Quando cheguei a LG e a diretora falou do Terno de Reis fiquei curioso para conhecer sua história, sua atuação, suas formações ao longo dos anos. A narração a seguir foi colhida com os moradores e principalmente com o Cassimiro que é o comandante a muito tempo. O Terno de Reis é uma das manifestações culturais mais antigas e importantes da LG e as informações sobre o reisado foi colhida em sua grande maioria com seu presidente Cassimiro José Alves. O reisado é liderado por Cassimiro José Alves, filho de Osório, nasceu em 1944, é também presidente da associação comunitária, lembrando que há duas no povoado. Cassimiro é uma figura cortês, prestativo, bom de conversa e dotado de uma liderança que a gente percebe ao observar suas atitudes e altivez, segundo ele o seu pai Osório José Alves fundou o terno de reis em 1932, uma manifestação religiosa tradicional presente na comunidade lagoense, dizem os mais velhos que o primeiro Terno de Reis foi formado com moradores de Lagoa do Gaudêncio tinha os seguintes componentes: Adelino Matos, Arquides Nazaré, Cipriano, Francisco Nazaré, Júlio Silva, Milton Matos, Negão, Nicanor Chaves.

O Terno de Reis em Lagoa do Gaudêncio tem sido passado à liderança para os descendentes do seu fundador, com o intuito de preservar a herança cultural de seus antepassados, focando a família Osório.

De acordo com os relatos de moradores o povoado já teve outros grupos de reisado inventados por Jorge José Alves e outro por Aurélio Alves de Souza, contudo nenhum conseguiu sobreviver por muito tempo. Afirmou que os instrumentos eram muito difíceis de serem feitos, usavam madeiras da região como umburana e surucucu.

Nas cantigas de reis é tradição o visitado oferecer algo de comer, geralmente animais como: galinha, bodes e até garrotes (boi novo). No final do reisado tornou tradição o Terno de Reis, junto com a comunidade se reunir para oferecer os alimentos arrecadados aos mais necessitados e também são consumidos junto com a comunidade em uma festa.

A história do Terno de Reis vem de longa data, começou em 1924, com o pai de Cassimiro, o Osório José Alves, que com o passar do tempo deixou a tradição para o irmão de Cassimiro

que foi morar em São Paulo, então todos os anos ele vinha em dezembro e voltava depois do dia dez de janeiro, mas o irmão também entrou em óbito. E para que esta tradição não parasse o Cassimiro assumiu.

As comemorações do reisado no Nordeste brasileiro começam no dia 24 de dezembro e vão até dia 6 de janeiro, em LG não para, durante o ano letivo vai a todas as escolas incentivando as crianças, quando da época dos reis fazem visitas às residências e ganham muitas oferendas, usadas na festa final no dia 6 de janeiro, após as comemorações havendo sobras de alguma coisa, o grupo faz cestas básicas e doam para os pobres.



Foto 07. Cassimiro José Alves - Líder do Terno de Reis e presidente da associação da LG

O terno é formado por nove pessoas, um siriato (um homem que tem a missão de arrecadar o que é doado) e oito cantadores, podem variar com seis cantadores, tem que ser em par, pode ser quatro duplas ou três duplas. Formado só por homens, as mulheres só participam em ocasiões especiais. Usam os seguintes instrumentos: cavaquinho viola caixa e pandeiro.

As culturas tradicionais sofrem muito com a falta de incentivo por parte do poder público e a concorrência da cultura da uniformização das culturas que buscam apequenar os efeitos das culturas populares caracterizando em grande quantidade como folclore, esta folclorização da cultura busca diminuir o valor e possibilitar a aculturação das comunidades tradicionais.



Foto 08. Apresentação do Terno de reis de Lagoa do Gaudêncio na EMTS.

Pessoas da comunidade disseram que a escola sempre está aberta para a participação, mas, “o terno precisa de uma estrutura maior para difundir a cultura”. Palavras de Cassimiro.

6.2 A Capoeira

A capoeira traz na sua história um legado de luta pela sobrevivência e liberdade, por isso eu resolvi fazer uma breve narrativa desse esporte pelo Brasil. em particular na Bahia. A capoeira foi perseguida e durante muito tempo, sendo proibida de ser praticada nas senzalas. Apesar disso era aprendida e passada pelos escravos aos seus descendentes e pessoas da etnia afros descendentes. A ilegalidade permaneceu até as primeiras décadas do século XX. Os mestres Bimba e Pastinha em 1937 foram os dois primeiros capoeiristas a terem licença para praticarem como esporte em Salvador, Bahia.

Na África não é praticada como luta, mas no Brasil durante o tempo da escravatura era passada como legado cultural como dança, mas servia também como luta, como defesa pessoal, e nos combates contra os maus tratos dos senhores e seus capatazes que judiavam sem piedade os escravizados.

Foi perseguida pelos senhores e governantes, foi rotulada como violenta, uma forma de luta aprendida muitas vezes na rua por alunos que fazem uso de forma equivocada, para o mal, sem regras de comportamento.

Em Lagoa de Gaudêncio a capoeira foi introduzida por professores amadores que aprenderam com outros e através de habilidade e talento. Aprenderam com o professor Tall, mestre de capoeira de Seabra, cidade da Chapada Diamantina distante 149 km de Lapão, também com o professor Edson de Barreiras, cidade também da Bahia, foram eles que incentivaram a criação da escola de capoeira na comunidade.

O mestre “Fura Coco”, o João, é um senhor simpático, comunicativo, meia idade entre trinta e cinco e quarenta anos, demonstra ser uma pessoa solidária, gosta de compartilhar conhecimento, procura passar o que aprendeu, tem poucos anos de estudo como a maioria dos moradores de LG maiores de trinta anos. De acordo com o professor a capoeira chegou a LG em 1998 trazida por ele, foi nesta época que colocaram nele o apelido “Fura Coco”.

É importante abrir um parêntese para analisarmos o discurso do professor, lembrando que estamos observando uma comunidade reconhecida pelo governo federal como remanescentes de quilombolas, naturalmente espera-se que nestas comunidades a prática da capoeira seja de longas datas, pois, de acordos com estudos sobre a formação do povo brasileiro esta era uma prática comum aos afro-brasileiros.



Foto 09. Alunos na roda de capoeira na EMTS.

É um esporte alegre, participativo, praticado no povoado por um grande número de pessoas. Serve para melhorar desempenho escolar dos alunos praticantes que têm o compromisso de frequentar a escola. Geralmente este esporte é praticado por um grupo de pessoas em círculo, sentadas ao chão cantando, e sempre em pares começam a brincar. Uma das músicas utilizadas pelos praticantes é.

Às vezes me chama de negro
Pensando que vai me humilhar,
Mas o que eles não sabem,
Que até hoje me faz lembrar,
Que eu venho daquela raça,
Às vezes me chama de negro,
Que às vezes me faz lembrar,
Foi criado maculelê, o candomblé que me traz um sorriso no rosto,
E a ginga no corpo, e o samba no pé, capoeira poderosa,
Cheia de libertação, aqui nesta roda, vou jogar com meus irmãos.

Mestre Bimba ele morreu, mas deixou a capoeira,
E sim o que vale mil,
Eu me sinto muito alegre, pois deixou a capoeira,
Para o povo do Brasil.

Eu vivia em cativo,
Mas chamei pelo meu Deus,
Mas enquanto eu chamava camarada apareceu,
Toca ai o berimbau para a roda começar.

A capoeira mesmo entre os moradores do povoado, quando o professor iniciou seu trabalho foi com muita dificuldade, muito difícil mesmo, pois, muita gente tinha preconceito e achavam que este esporte era violento e só servia para promover brigas, a capoeira era para marginais, bandidos, vagabundos, mas, ele amava a capoeira e não estava importando o que as pessoas falavam e continuou.

O maior incentivo para continuar vinha da força dos alunos e quando queria mudar de trabalho, eles o incentivava e não o deixava desistir. A capoeira passou a ser aceita com o passar do tempo e com muita luta. A população foi vendo a forma que os meninos estavam ficando disciplinados.

Ele os levava e trazia para fazer apresentações em outros locais, promovia a presença de mestres para fazer apresentações em LG, vendo que era cultura começaram a mudar de opinião, João trazia pessoas para fazer palestras. Desta forma a capoeira começou a crescer e fazer apresentações conjuntas com grupos de samba de roda, maculelê, Terno de Reis.

Hoje já tem alunos que trabalham em algumas escolas, aqui, no Casal, Aguada Nova, Salgadas (são povoados do município de Lapão). Na EMTS quem trabalha com capoeira é a filha do mestre. O professor João parou de dar aula, mas, não a capoeira, participa de eventos em outras localidades. Deixou de dar aula por falta de incentivos dos órgãos públicos, tem família, precisa trabalhar e sem apoio fica difícil.

O mestre “fura Coco” continua a incentivar seus alunos como amadores, pois, como profissional é complicado. A capoeira disciplina os alunos porque têm exercícios, e através da prática de golpes eles precisam se disciplinar porque senão acabam machucando-se. Por exemplo, ao fazer um exercício se não obedecer, pode ser colocado para realizar mais que o limite para sentir dor, é um castigo. De acordo com ele na academia a questão da disciplina é mais fácil porque, “O instrutor na academia pode impor limites enquanto na escola a professora não aplica castigos, na academia tem várias maneiras de disciplinar os alunos”.

Acompanha o trabalho da filha que é monitora de capoeira no Programa Mais Educação e a outros alunos, atende ex - aluno que trabalha no povoado chamado Casal com materiais, vindos da fundação Gregório de Matos, onde trabalhou prestando serviço. Durante a capoeira pode melhorar a aprendizagem dos alunos dependendo da maneira que o professor vai trabalhar. O mestre “Fura Coco” ensinou capoeira muitos anos na Lagoa e em todo município de Lapão, para ele o professor precisa ter estratégias.

Creio que o professor de capoeira quis manifestar que toda a ação na educação é intencional, por ser um ato político e a prática é constituída da interação com os sujeitos envolvidos. Citado por ele: família, escola e sociedade. O Sacristan nos ajuda a ter entendimento melhor.

A prática educativa remete, frequentemente, para o processo ensino-aprendizagem e a prática investigação reporta-se, sobretudo, à ação didática. Mas a atividade dos professores não se circunscreve a esta prática pedagógica visível, sendo necessário sondar outras dimensões menos evidentes. [...] Aquilo a que vulgarmente chamamos educativo não esgota as

práticas relacionadas com a educação, porque remete para outros âmbitos de acção, que incidem sobre a realidade escolar imediata. (SACRISTAN, 1999, P. 68).

De acordo com o mestre, o acompanhamento dos alunos de sala em sala é muito importante, os professores de capoeira e da sala de aula podem fazer um trabalho direcionado aos alunos que estão com problemas, falou que quando trabalhava identificava e dizia “a noite na academia à gente vai ter uma conversinha”, os afastavam da capoeira durante algum tempo, “como eles queria muito praticar ficavam agoniado, então dizia a professora se ele melhorar a senhora me avise se não melhorar vai ficar de fora, ai ele melhorava e voltava”.

O castigo é uma das ferramentas usadas pelo professor para conter os alunos não alinhados o que nos remete a Foucault (2009, p.16) “O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos”. A forma de castigo mais comum citado pelo professor foi suspender o direito do aluno fazer capoeira ou fazer exercícios a mais, são castigos muito usados pela escola no método tradicional.

Por isso vai depender do professor de capoeira saber trabalhar. Sempre quando dava palestras na aguada nova e dizia não adianta você acharem que o professor de capoeira sozinho não vai recuperar os alunos, precisa dos três; pais, professor e o professor de capoeira assim funcionam, mas se deixar somente por uma parte não tem como não, então só funciona se trabalharem em conjunto. (Mestre “Fura coco”).

Portanto ele acredita que o trabalho rende frutos quando é planejado e feito com a participação de todos. A comunidade de LG tem muitas manifestações culturais e a escola não tem aproveitado bem a cultura popular. “E está deixando cair cada dia mais”. A escola poderia usar a cultura popular buscando recursos para colocar a cultura dentro da escola, “estão trabalhando com cultura agora, passou muito tempo sem utilizar, precisa melhorar”. Disse ele, referindo ao Programa Mais Educação.



Foto 10. Mestre de Capoeira – João Alves de Souza, O “Fura coco”.

6.3 O Samba de roda

Nas observações que eu fiz e anotei no meu diário de bordo sobre o Samba de Roda percebi sua presença como elemento cultural, ele está nas reuniões com rodas de capoeira e nos terreiros de Umbanda, é incrível como o samba está nas raízes desse povo, percebe-se é uma coisa espontânea, sem a preocupação com as relações de poder. De acordo a Freire (1989, p.42) “Cultura é o ritmo do tambor. Cultura é o gingar dos corpos do Povo ao ritmo dos tambores”. Assim todas as manifestações do povo como: a dança, a música, etc. é cultura.

O samba de roda apareceu no Recôncavo Baiano onde a comunidade afro descendente é numerosa, desta forma a Bahia se transformou no estado considerado onde o samba de roda nasceu. Esta manifestação cultural vem crescendo cada vez mais, desenvolvendo e ocupando grande espaço nos meios de comunicação e cantado, divulgado pelas escolas de samba de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Grande parte da população lagoense pratica o samba de roda, conhecido mais pelo nome de batucada, de acordo com os relatos e as histórias, o samba é cantado e dançado desde os seus primeiros habitantes que trouxeram da cidade de Macaúbas. A população quase toda sabe cantar e dançar o samba de roda e vi em lócus esta habilidade que flui com naturalidade.

Particpei como observador de uma roda de samba na comunidade de Lagoa do Gaudêncio onde disseram que gostam de abrir a roda de samba cantando a seguinte música.

Abre o terreiro meu Jesus,
 Com as três palavras santas,
 Que é Deus pai, Deus fio e Deus Espírito santo,
 Agora vou cantar uma para pular no samba,
 Oh Iemanjá! Oh Iemanjá! Oh Iemanjá!
 Mamãe sereia do mar,
 Iemanjá é moça nobre está pedindo o seu colar,
 Vou levar a sua oferta para a festa do mar.

E fazem uso de outra cantiga para fechar a roda de samba que é assim.

Adeus povo todo, adeus,
 Adeus que eu já vou me bora,
 Que todos fica com Deus,
 Que eu vou com nossa senhora.

O mês de setembro é singular para o povo de Lagoa do Gaudêncio, pois acontecem os festejos patrocinados pelo pai de santo Darlindo Antônio do Nascimento, sua festa é no dia sete de setembro, pelo filho de santo Napoleão Alves de Souza com comemorações no dia dezessete e pelo filho de santo Dermival que puxa os festejos no dia vinte e sete.

Tive oportunidade de ir aos festejos onde foram servidas comidas comuns aos três religiosos da Umbanda que é um caruru, prato de origem africana e com influência indígena que tem como principais ingredientes quiabo, pimenta malagueta, camarão seco, castanha de caju, amendoim e dendê. As três celebrações que observei tem o mesmo ritual, sendo uma festa onde os religiosos recebem a comunidade para servir comida e agradecer aos guias mais um ano de vida e saúde.

Outro traço das comunidades remanescentes de quilombolas é a presença de samba de roda, o que ocorrem também em Lagoa do Gaudêncio, dessa forma é evidente constatar que as manifestações culturais contribuem para formação e proporcionam uma mudança de hábitos para positivamente construir a identidade dos habitantes da comunidade em voga. O samba de

roda na LG sempre é referido como batucadas, é uma das manifestações que promovem maior alegria e participação popular.

6.4 As associações comunitárias

As associações comunitárias no Brasil foram bastante valorizadas e usadas para captar recursos, tecnologias e informações as comunidades. O governo passou a valorizar estes empreendimentos com intuito de fixar o homem no campo, visando fortalecer também o espírito de cooperativismo e trabalho em equipe.

A primeira associação comunitária da LG foi fundada em 1987 pelo senhor Napoleão Alves de Souza, começou com 22 sócios que se reuniam na casa do presidente por falta de sede própria, cujo objetivo principal era ajudar aos moradores da comunidade.

A valorização da associação é dada e reconhecida pelos moradores locais que acreditam que ela contribui para melhoria da comunidade. O presidente da associação tem a sua liderança investida como representante político, pois ao se agruparem pessoas com a mesma finalidade, o líder é tido como agente político passando a influenciar opiniões.

Nas pequenas comunidades as associações passam a ter um grande status social e colabora com a ideia de fixação do povo no campo, lutando também pela sua melhoria, desenvolvendo o espírito de coletividade e trabalho, com intuito claro de promover melhor condição de vida.

Em LG há duas associações comunitárias uma dirigida por Cassimiro e outra por Gildemar, a questão política partidária é alimentada muito por elas e decisões são tomadas no calor das discussões, o que tem acarretado muitos prejuízos para a comunidade que não conseguem conviver de forma pacífica.

As associações têm mostrado um instrumento de poder, a primeira associação de LG quando fundada não existia ainda a conversa de comunidade quilombola, de acordo com Napoleão a associação foi fundada em 1987 sendo ele seu primeiro presidente, para trazer benefícios para a comunidade, disse que já fizeram muita coisa.



Foto 11. Genelísio - líder comunitário.

O Genelísio é um líder comunitário prestativo, dinâmico, como características comuns aos nascidos em LG com sua idade ou mais velhos a pouca instrução. Narrou sobre uma conferência da Cultura em Lapão aonde veio convite para a escola e para a comunidade, de LG foi o Cassimiro representando o terno de reis e a associação que ele é presidente e o Gildemar representante da associação quilombola.

Ao chegar lá o vereador P. R que é do outro grupo estava viajando e colocaram uma mulher para ser presidente da mesa, junto com o secretário da cultura, Senhor Augusto, após um longo debate, todas as comunidades tinham um espaço para as apresentações culturais das comunidades que são quilombolas.

Quando chegou à vez da Lagoa do Gaudêncio, Gildemar levantou e falou que Lagoa do Gaudêncio não ia fazer apresentação nenhuma, pois não havia representantes e o representante da Lagoa do Gaudêncio era ele. Este foi mais um episódio que serviu para distanciar cada vez mais as associações.

Tinha mais quatro pessoas que tinha feito inscrição e ele disse que não tinham representantes, de acordo com ele se em uma conferência tem uma pessoa da comunidade ela é a representante, seja ela quem for. Para finalizar a entrevista Genelísio disse uma coisa muito coerente: “não e só a associação que é quilombola, somos todos nós. Todos que moram na comunidade”.



Foto 12. Gildemar Alves -
Presidente da associação
comunitária quilombola.

O senhor Gildemar presidente da Associação Comunitária Quilombola de Lagoa do Gaudêncio é um homem desconfiado que não demonstrou interesse em conversar de início, mas após algum tempo resolveu falar.

Disse que tem lutado muito pela comunidade, mas o fator política tem atrapalhado o povoado, chegando a dizer do seu receio com estas questões temendo pela sua segurança. A comunidade foi reconhecida como quilombola com uma grande luta para arrumar histórias que comprovasse que foi fundada por remanescentes de quilombolas, onde a maioria absoluta dos habitantes em LG é descendente de negros.

Gildemar contestou também algumas insinuações sobre a associação dizendo que não foi culpado da separação, acusando a escola de não ter dado espaço para as apresentações culturais programadas pela associação presidida por ele naquela oportunidade, disse também que a associação não tem uma biblioteca e sim uma quantidade de livros conseguidos por ele que não foi doada à escola e sim a sua associação e empresta as pessoas que quiserem ler.

Afirmou que a escola é fechada as opiniões, não permitindo a participação de todos e é manipulada politicamente pela família da diretora, e para melhorar a convivência e entrada da cultura na escola, salientou a necessidade de “a escola mais aberta a não seja usada como objeto político de quem estar no poder”.

6.5 A Escravidão no Brasil

Achei por bem falar um pouco sobre a escravidão no Brasil, um tema pertinente na vida de todos que moram na LG, de alguma forma contribuiu para a formação da comunidade.

O Brasil foi uns dos países que adotou a escravidão e com duração mais longa da história. Escravos foram trazidos para os diferentes países das Américas e das Antilhas, provenientes de regiões da África escalonadas de maneira descontínua, ao longo da costa ocidental, entre Senegâmbia e Angola. Provenientes, também, da costa oriental de Moçambique e da ilha de São Lourenço, nome dado na época a Madagascar. Disso resultou, no Novo Mundo, uma multidão de cativos que não falava a mesma língua, possuindo hábitos de vida diferentes e religiões distintas. Em comum, não tinham senão a infelicidade de estarem, todos eles, reduzidos à escravidão, longe das suas terras de origem.

O martírio levou alguns ao suicídio, outros a fuga e muitos a rebelião contra um sistema escravista e racista implantado pelos colonizadores. Organizando o Quilombo dos Palmares como uma demonstração de resistência cultural. Uma experiência libertária que durou quase 100 anos, liderado pelo guerreiro Zumbi que lutou até a morte para defender a soberania do Quilombo dos Palmares com seus ideais de igualdade, liberdade e justiça.

Alguns tipos de tratamento contribuem para a potencialização do sofrimento do povo negro como: racismo, xenofobia, etnocentrismo, etnocídio. O racismo é a convicção de que existe uma relação entre as características físicas hereditárias, como a cor da pele, e determinados traços de caráter e inteligência ou manifestações culturais. A base, mal definida, do racismo é o conceito de raça pura aplicada aos homens, sendo praticamente impossível descobrir um objeto bem delimitado. Não se trata de uma teoria científica, mas de um conjunto de opiniões, além de tudo pouco coerentes, cuja principal função é alcançar a valorização, generalizada e definida, de diferenças biológicas entre os homens, reais ou imaginárias.

O racismo subentende ou afirma claramente que existem raças puras, que estas são superiores às demais e que tal superioridade autoriza uma hegemonia política e histórica, pontos de vista contra os quais se levantam objeções consideráveis. Em primeiro lugar, quase todos os grupos humanos atuais são produto de mestiçagens. A constante evolução da espécie humana e o

caráter sempre provisório de tais grupos tornam ilusória qualquer definição fundada em dados étnicos estáveis.

Quando se aplica ao homem o conceito de pureza biológica, confunde-se quase sempre grupo biológico com grupo linguístico ou nacional.

O racismo não é uma teoria científica, mas um conjunto de opiniões pré-concebidas onde a principal função é valorizar as diferenças biológicas entre os seres humanos, em que alguns acreditam serem superiores aos outros de acordo com sua matriz racial. A crença da existência de raças superiores e inferiores foram utilizadas muitas vezes para justificar a escravidão, o domínio de determinados povos por outros, e os genocídios que ocorreram durante toda a história da humanidade.

Enquanto a xenofobia é o medo que o ser humano normalmente tem ao que é diferente. É também um distúrbio psiquiátrico ao medo excessivo e descontrolado ao desconhecido ou diferente, ainda usado em um sentido amplo referindo-se a qualquer forma de preconceito, racial, grupal ou cultural.

Apesar de amplamente aceito, este significado gera confusões, associando xenofobia a preconceitos, levando a crer que qualquer preconceito é uma fobia. Ela pode se manifestar como medo a um desconhecido familiar, mas diferente ao comum (por exemplo, as culturas diferentes). Neste caso, o medo é mascarado no indivíduo em forma de aversão ou ódio, gerando preconceitos. Porém é preciso diferenciar, pois nem todo preconceito é xenofobia.

Já o etnocentrismo é a visão do “outro” como diminuído. Vê a própria etnia como referência absoluta de humanidade; a do outro, quando não perseguida é inferiorizada. Podem ser de várias formas: estigmas, segregações e genocídios.

Etnocentrismo é uma visão de mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual, pode ser visto como dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimento de estranheza, medo, hostilidade, etc. (ROCHA, 2008. P.7).

Ainda temos o **Genocídio cultural** ou **Etnocídio** que se caracterizam como a imposição de um processo de **aculturação** de uma cultura por outra, conduzindo à destruição dos valores sociais, morais e tradicionais da sociedade dominada. Negar a um povo o direito de desfrutar, desenvolver e transmitir sua própria cultura, mudar modo de vida. Tanto os crimes de **apartheid** como o **etnocídio** buscam a eliminação e a degradação do “outro”, seja pela segregação e isolamento (*apartheid*) ou pela integração forçada, ou aculturação (Etnocídio).

De acordo com Santos (2009, pp.40 – 41) “Certo, nós não mudaremos o mundo, mas podemos mudar o modo de vê-lo. Isto é importante porque só assim poderemos escapar ao dogmatismo epistemológico e marcar encontro com o futuro”. O território é lugar geográfico onde acontece a História e a convivência do homem em busca do seu espaço. Neste espaço geográfico é que tudo acontece,

6.6 A construção da Identidade

O povo negro sofreu e continua sofrendo. Para se constituir como pessoa a formação da identidade acontece com muitas lutas e sofrimentos, o conceito identidade não é simples sendo importante falar da história de controvérsias que há por trás desse significado. Identidade é um conceito que não comporta uma definição única, como se acreditava inicialmente. Aristóteles criou a teoria de que identidade é a "unidade da substância:"

A construção da identidade também diz respeito à apreensão e interpretação da realidade, uma vez que é um processo de representação simbólica, uma tentativa de compreensão de sua própria posição no mundo. É a identidade que nos mostra a beleza das diferenças, onde as características individuais fazem parte da construção da presença do indivíduo no mundo.

A dificuldade de ter uma identidade fixa se mostra cada vez mais difícil, pois, em tempos de grandes mobilidades e acentuação da transitoriedade, se torna cada dia mais trabalhoso construir uma identidade permanente.

A principal força motora por trás desse processo tem sido desde o princípio a acelerada “liquefação” das estruturas e instituições sociais. Estamos agora passando da fase “solida” da modernidade para a fase “fluida”. E, os “fluidos” são assim chamados porque não conseguem manter a mesma forma por muito tempo, e a menos que sejam derramados num recipiente

apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças. (BAUMAN, 2005. p. 57).

No povo negro é ainda acentuada esta transitoriedade pela movimentação forçada de um ambiente para outro em busca de melhores condições de vida e de sobrevivência, desta forma, a identidade do negro é construída em seu cotidiano de lutas, de autoafirmação. Desde os princípios da escravidão negros foram trazidos acorrentados numa árdua e longa travessia em navios negreiros e com eles veio à cultura e traços da África.

A identidade negra começa aparecer nos grupos de afoxés que estavam proibidos, até o final dos anos 1970, de se manifestarem publicamente, porque as suas cantorias foram rotuladas como subversivas à ordem estabelecida. Estes grupos só tiveram permissão no processo da abertura política. As Congadas e os Catumbis sofreram sempre a proibição de participar das cerimônias litúrgicas oficiais na Igreja Católica por serem considerados mundanos e salientes nas expressões das danças e das letras dos seus hinos.

A invasão de suas vidas, a colonização forçada, a identidade deste povo massacrada, só preservada pela resistência de grupos míticos contemplados por ritos religiosos que os fortaleceram com perspicácia uso de artifícios inteligentes que coloniza o colonizador.

Outro fator que contribui muito para os embates que é a globalização que procura unificar pensamentos, produzir seres humanos culturalmente semelhantes.

A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade (HALL, 2001, p 21).

Na sociedade atual há uma crise de identidade que em longo prazo traz insegurança e o sentimento de não pertencimento passa ser uma doença, por isso como diz Bauman (2005, p 35) “O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo” ele continua a falar desta ambiguidade onde o fixo é mal visto e que flutua sem posição fixa por um período pode ser estimulante, mas com o tempo pode até causar doenças como ansiedade.

6.7 O sincretismo religioso

Ao começar falar sobre sincretismo religioso lembrei-me do filme “O pagador de promessa” (1962) de Anselmo Duarte baseado na peça com mesmo nome escrita por Dias Gomes (1920-2009), o único filme brasileiro até hoje ganhador da Palma de ouro no Festival de Cannes. O filme reproduz os a história de Zé do Burro, homem simples, lavrador que tem um burro chamado Nicolau que após uma grande tempestade foi atingido por um galho de árvore.

Não conseguindo cura com seus remédios, vai a um terreiro de candomblé e faz uma promessa a Santa Bárbara sincreticamente a Iansã, após a cura do animal ele resolveu cumprir sua promessa, fez uma cruz colocou em suas costas e rumou em direção a Salvador, depois de caminhar sete léguas, chegou a igreja de Santa Bárbara, mas o padre Olavo responsável pela igreja não deixa Zé entrar com a cruz para cumprir sua promessa.

O desenvolvimento do filme envolve as autoridades eclesiásticas em debates, o padre se mostra insensível ao sincretismo religioso entre Iansã e Santa Bárbara e Zé continua determinado a pagar sua promessa, contando ainda com a imprensa sensacionalista, o caso acaba se tornando policial. O Zé acaba sendo morto e cumprindo sua promessa só após sua morte, carregado na cruz para dentro da igreja pelo povo. O texto de Dias Gomes reflete o que a intolerância religiosa pode ocasionar.

Em LG é o sincretismo religioso que sempre foi usado pelos escravos e ainda continua sendo pelos seus descendentes para que possam praticar sua fé. Durante muito tempo foram perseguidos, presos, maltratados, torturados e até mortos.

As religiões afro-brasileiras após longo período de perseguições foram reconhecidas pela luta para preservação da herança africana, o que contribuiu com o enriquecimento da cultura nacional. No povoado de Lagoa do Gaudêncio também tem esta característica forte das tradições afrodescendentes com a religião Católica que se expressa de forma particular com os festejos dos santos São Cosme e São Damião no dia vinte e sete de setembro e de nossa Senhora Aparecida padroeira da localidade que é festejada em doze de outubro.

O Candomblé é uma expressão que veio do povo Nagô, onde faz o uso de orixás que são divindades. Geralmente a natureza é seu elemento principal, no Brasil considerado a religião do povo africano ou dos escravos e seus descendentes. Os escravos em sua maioria vieram de Angola, África, destacando que mesmo com toda perseguição aos Nagôs eles foram fortes e resistiram.

A Bahia foi o estado do Brasil que mais recebeu escravos vindos de Angola da etnia Nagô, por isso o uso do termo candomblé que é uma palavra desta etnia.

6.8 As religiões

Na comunidade Lagoa do Gaudêncio temos três locais de realizações de cultos: uma igreja evangélica Assembleia de Deus, uma representação do catolicismo e os terreiros de umbanda.

No Brasil há um esforço pela legitimação das religiões afro-brasileiras e valorização da cultura afrodescendente. Em Lagoa do Gaudêncio também a religião católica tem um número representativo de fieis. Há festas para os santos são Cosme e São Damião e também para a padroeira da comunidade Nossa Senhora Aparecida. Há ainda o samba nos terreiros do Candomblé e o reisado na lapinha

Os santos católicos convivem com os orixás africanos pacificamente, mas, no início do século XX não era assim. Havia uma perseguição grande às religiões dos afros descendentes. As duas maiores etnias africanas de pessoas escravizadas no Brasil foram a Nagô e negros angolanos.

A organização das religiões afros no Brasil deu-se recentemente. Uma vez que as últimas levadas de africanos trazidos para o Novo Mundo durante o período final da escravidão (No fim do século XIX) foram fixadas, sobretudo nas cidades. Os africanos desse período puderam viver no Brasil em maior contato uns com os outros, físico e socialmente, com maior mobilidade, com alguma liberdade de movimentos, num processo de interação que não conheceram. Este fato propiciou condições sociais favoráveis para a sobrevivência de algumas religiões africanas, com a formação de grupos de culto organizados. Cerca de 1,5% praticam religiões de afro-brasileiros (Pierucci & Prandi, 1995).

As religiões de origens africanas têm como destaques o Candomblé e a Umbanda que tem características diferentes

6.8.1 O Candomblé

Ao escolher Lagoa do Gaudêncio tinha já algumas certezas que com o conhecimento vindo das minhas observações não se concretizaram. Por ser uma comunidade remanescente de quilombolas tinha a clara impressão que na religiosidade o Candomblé seria a religião de maior envolvimento popular, e os orixás, contudo as comunidades com remanescentes de escravos têm em comuns traços religiosos de origens africanas, em Lagoa do Gaudêncio.

O termo candomblé serve para designar as cerimônias de origem Nagô. É notável a resistência e a criatividade dos negros para cultuar os seus deuses, mesmo com todas as dificuldades o negro consegue resistir e continuar com suas tradições e crenças e faz uso de forma inteligente. Uma associação por aproximação dos santos aos orixás africanos chamado de sincretismo religioso com os santos católicos. Na Bahia há uma forte manifestação religiosa promovida pelas religiões afro-brasileiras.

Segundo o Candomblé, cada pessoa pertence a um deus determinado, que é o senhor de sua cabeça e mente e de quem herda características físicas e de personalidade. É prerrogativa religiosa do pai ou mãe-de-santo descobrir esta origem mítica através do jogo de búzios. Esse conhecimento é absolutamente imperativo no processo de iniciação de novos devotos e mesmo para previsões de futuro dos clientes e resolver seus problemas.

Embora na África haja registro de culto a cerca de 400 orixás, apenas duas dezenas deles sobreviveram no Brasil. A cada um destes cabe o papel de reger e controlar forças da natureza e aspectos do mundo, da sociedade e da pessoa humana. Cada um tem suas próprias características, elementos naturais, cores simbólicas, vestuário, músicas, alimentos, bebidas, além de se caracterizar por ênfase em certos traços de personalidade, desejos, defeitos, etc.. Nenhum orixá é nem inteiramente bom, nem inteiramente mau. Noções ocidentais de bem e mal estão ausentes da religião dos orixás no Brasil. E os devotos acreditam que os homens e mulheres herdam muitos dos atributos de personalidade de seus orixás, de modo que em

muitas situações a conduta de alguém pode ser espelhada em passagens místicas que relatam as aventuras dos orixás. Isto evidentemente legitima, aos olhos da comunidade de culto, tanto as realizações como as faltas de cada um.

Os orixás são divindades ligadas a um elemento da natureza e tendo sempre atribuições assim como características que os diferenciam. Existe uma ligação peculiar entre os orixás e os santos católicos que na cultura religiosa baiana, brasileira é chamada de sincretismo religioso. Durante muito tempo os africanos trazidos como escravos e os seus descendentes não podiam cultuar suas divindades, sempre caracterizados com o uso de elementos da natureza e objetos usados em seus rituais e seus filhos tinham como prática não desobedecer alguns tabus e seus orixás para serem cultuados usou-se o artifício do sincretismo religioso atribuindo santos católicos aos orixás, sempre uma escolha que não é aleatória levando em conta características de certa forma semelhantes.

6.8.2 A Umbanda

Nas conversas com os religiosos da Umbanda no povoado da Lagoa do Gaudêncio foram citados vários nomes de orixás do Candomblé, mas constatei que a religião com elementos africanos mais utilizados no local é a Umbanda que surgiu das misturas que de formas heterogêneas, se propagando com influência acentuada do sincretismo religioso a partir de quatro matrizes dominantes: o negro, o índio, o católico e o espírita.



Foto 13. Casa de Umbanda do Pai de Santo Darlindo.

A Umbanda foi criada e é recriada a cada momento no Brasil, a questão social influenciou demais para o formato atual. Podemos chamar de polissincretismo a quantidade de misturas que aconteceu e continua a acontecer nas questões religiosas no país.

A palavra umbanda tem sua origem no vocabulário quimbundo em Angola, na África. Conta a história que a palavra se derivou de outra *Aumbandhanque* sendo passada de boca em boca se transformando em umbanda.

De acordo com história o índio não aceitou a escravidão, era de difícil trato, sempre acostumados às coisas da natureza, tinha costume de fazer suas pajelanças onde os espíritos eram invocados e incorporados pelos curandeiros das tribos.

Costumes dos caboclos descendentes dos indígenas se misturaram com os negros, católicos e espíritas e se propagaram surgindo assim a Umbanda que tem em suas características de incorporação de espíritos, curandeirismos, feitiços.

De acordo com Zespo (1953, p. 8 e 47) a Umbanda é considerada uma religião porque tem tudo que uma religião possui; culto, ritual, dirigente, oferenda. É também ciência porque não são impostos seus ritos sacerdotais e dogmáticos. Investiga o sobrenatural. “Servindo-se dos métodos mediúnicos espíritas (mesmo quando seus adeptos não conhecem a “Terceira Revelação”) e dos métodos mediúnicos de Papus e Elifas Levi (mesmo quando as fórmulas evocativas são diferentes)”.

A Umbanda é uma religião que tem como premissa a mistura de crenças do índio, do negro e do branco; desta mistura surgiu o caboclo (mistura do branco com índio) invocado como espírito, portanto.

A Umbanda, tanto quanto o Espiritismo é uma ciência de experimentação e passível de evolução em grau que se não pode limitar. É a Umbanda uma religião verdadeira? Para o católico nenhuma outra religião, além da sua, é verdadeira; e a sua fórmula dogmática é: “Fora da Igreja não há salvação”. Entretanto para o estudioso de religião comparada, que, à luz da história das civilizações e da ciência, concluiu que a fonte é uma só; a Umbanda não apenas é uma religião verdadeira como é também um vasto campo de pesquisa teosófica. É, portanto, a Umbanda, como antes dissemos, uma verdadeira religião e uma verdadeira ciência. (ZESPO, 1953, p. 8 e 47).

Ainda de acordo com seus praticantes não é catolicismo, mas aceita alguns santos e anjos, diz que não é culto afro, mas aceita e acata a crença nos orixás. A Umbanda é dita como religião brasileira e ela tem características de várias religiões, considerada uma religião com traços do cristianismo, das religiões africanas e dos indígenas.

A Umbanda tem três representantes em Lagoa de Gaudêncio, o Pai de Santo Darlindo e os Filhos de Santo: Napoleão e Dermival. O Darlindo tem como guia principal o preto velho; Napoleão e o Dermival têm como guias caboclos índios.

A religião sempre teve influência na educação de um povo, no Brasil não é diferente, no passado a educação foi confessional introduzida pela Companhia de Jesus. Mesmo com a perda de espaço e o estado brasileiro se declarando laico, ainda proliferam no país as escolas confessionais.

As religiões têm muitos poderes sobre o comportamento dos seres humanos e em Lagoa de Gaudêncio não é diferente, temos a seguir a narração das entrevistas do Pai de Santo Darlindo e dos Filhos de Santos Napoleão e Dermival.

Darlindo é um senhor de fala mansa, voz baixa, simples, não passou muito tempo na escola, mas sabe da importância dela, por isso sempre aconselha ao que podem estudar valorizar os estudos. Recebeu o chamado quando tinha dezenove anos de idade, estava trabalhando na roça quando por volta das cinco horas da tarde, passou uma boiada por cima da sua cabeça vinda do norte, imediatamente uma dor de cabeça intensa o acolheu e perdurou durante um ano e meio.

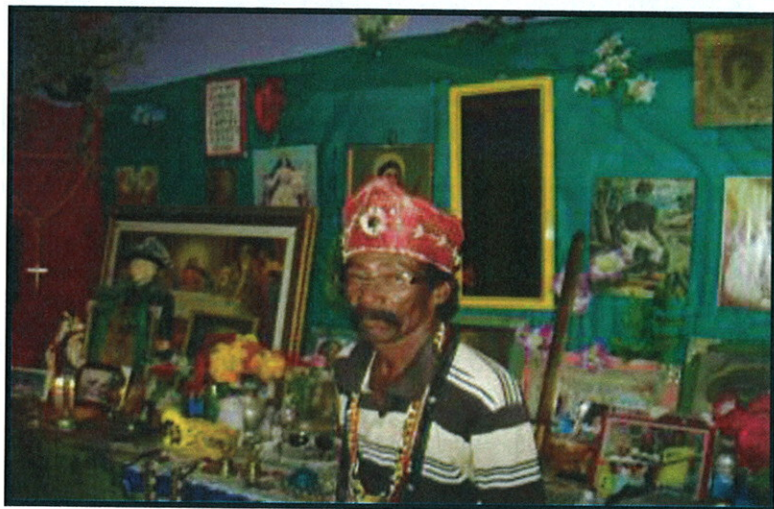


Foto 14. Pai de santo Darlindo do Nascimento.

A dor de cabeça que não passava então o levava a dois entendidos que disseram que só ia melhorar quando ele começasse a trabalhar com a religião. De lá para cá começou a trabalhar tendo como seu guia um boiadeiro, um caboclo⁶ que se manifestam em algumas ocasiões quando invocado, mudando totalmente o seu jeito de ser, passa a ser falante e com iniciativa, Darlindo não trabalha com os “encantos” (orixás), mas com Preto Velho⁷ que é um dos seus principais guias e seu primeiro trabalho foi feito com uma doida e nunca mais parou de trabalhar e que não pode parar e continua trabalhando todos os dias, qualquer hora que alguém precisar dele.

Sobre o sincretismo religioso, disse que não sabia, trabalha por dom, sobre a cultura popular inserida na escola falou que era importante, mas não sabia dar opinião, sobre a associação quilombola cujo sobrinho Gildemar é presidente, não queria se meter com política, quer atender a todos, disse que a comunidade foi reconhecida por conta do trabalho do presidente da associação e o grande problema da comunidade era político.

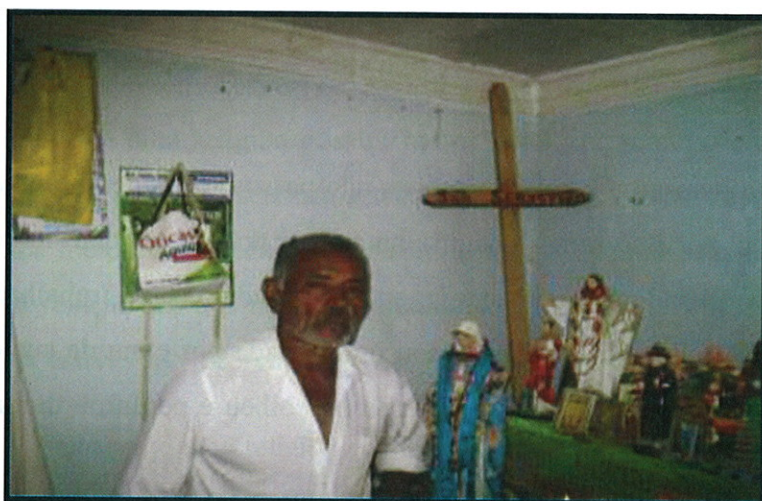


Foto 15. Filho de Santo – Napoleão Alves de Souza.

O Senhor Napoleão Alves de Souza, Filho de Santo é falante, comunicativo, nasceu e vive em LG, nunca morou em outro lugar e seus avôs foram descendentes de escravos. Quando tinha a idade de vinte e dois anos recebeu a “admissão” marcada por Deus, de acordo com ele “a

⁶Caboclo é a mistura do índio com o branco, na Umbanda são espíritos que viveram várias vidas encarnados atuando em diversas vibrações.

⁷Preto Velho é a entidade mais carismática da Umbanda, uma figura mítica com características vindas do povo negro sofrido vindo da África como escravos, dizem que em vida foram grandes sacerdotes.

gente tem que aceitar era coisa que a gente não estava querendo é preciso aceitar porque é riscado perder a vida, ou sofrer muito”.

Passou muitos pontos amargurados e começou a trabalhar aconselhando há mais quarenta anos, ajudando as pessoas, pessoas presentes e pessoas ausentes, sempre recebendo elogios, trabalha com gente de LG e também de São Paulo, Curitiba, Brasília, Anápolis, até para Argentina já fez trabalhos, são pessoas da Bahia que moram lá. Toca tambor faz saravá com guias tendo como dia principal do dia 17 de setembro. Filho de Santo, Napoleão se declara da Umbanda que para ele tem duas partes e se diz da parte do bem, não faz nenhum trabalho para prejudicar ninguém, suas orações não são decoradas e nem escritas em livros é uma coisa espontânea, seu primeiro Pai de Santo foi Darlindo, mas seu caminho é livre e não segue os ensinamentos dado por Darlindo, sempre confiando em Deus.

Não tem hora para trabalhar, faz o serviço a qualquer hora e não cobra por isso, se a pessoa quiser dar uma gratificação ela deixa, disse que não pega em dinheiro, cobrou uma vez e se arrependeu por isso, passou um ano e dois meses sem fazer outro, quando percebeu ia perder o juízo, resolveu voltar a não cobrar e tudo voltou ao normal.



Foto 16. Filho de Santo – Dermival Francisco de Souza.

Os avós dele estão entre os fundadores de LG, citou alguns moradores antigos: velho Totonho, Luís Meeiro, Gaudêncio, José Alves pai de Rosendo, Joaquim Preto, Venâncio. Seus guias são espíritos de índios e de nagôs, recebeu o chamado com espírito de boiadeiros, depois a família dos guias cresceu. A cultura popular para influenciar nas escolas depende muito dos dirigentes se eles permitirem e buscar estão prontos para ajudar.

O senhor Dermival é um senhor muito simples, humilde, de poucas palavras, geralmente suas respostas foram na maioria com monossílabos, não podia contribuir com a educação, pois, tinha estudado pouco, comparece a escola quando convocado e que é respeitado como líder religioso, assim como os outros líderes. Foi possuído por uma entidade e é este guia que tem o poder ele, os representantes religiosos são pessoas escolhidas pelo o dom que vem de Deus, trabalha a mais de vinte anos no povoado sempre fazendo o bem às pessoas e o dia reverenciado por ele é dezessete de setembro.

Percebe-se que a religião Umbanda incute na cabeça de seus seguidores e sacerdotes a importância de praticar o bem, contudo há muito preconceito por parte das religiões cristãs que atribuem as entidades cultuadas pelos negros e praticantes das religiões de matrizes africanas como de menos importância ou até como malignas, em Lagoa do Gaudêncio, há felizmente um convívio pacífico entre as religiões.

6.9 A cultura escolar

A diretora da EMTS Biderlândia nasceu e viveu em Lagoa do Gaudêncio, com familiares descendentes de escravos. Estudou até a terceira série primária na EMTS, depois foi para Aguada Nova, um povoado que fica cerca de 5 km da Lagoa do Gaudêncio, onde estudou da quarta série até o terceiro ano do magistério na Campanha Nacional das Escolas da Comunidade (CNEC).

Começou trabalhando na EMTS como professora leiga, depois de formada continuou ensinando até se tornar diretora eleita democraticamente em 1997 e continua na escola. Perguntei para ela como a escola passou a chamar Tome de Souza. A diretora disse que não se lembrava, mas de acordo com as histórias que ela ouviu uma professora chamada Neuraildes Barreto dos Santos, trazida por Rosendo em 1974, ela lecionava e o povo gostava dela, nesta época só existia um pequeno prédio, então ela pediu para colocar o nome da escola Tomé de Souza em homenagem ao primeiro governador geral do Brasil na Bahia.

Fez faculdade em geografia pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC), Educação a Distância (EAD) e pós-graduação em gestão educacional, pela UNILATUS. Na EMTS o

quadro de professores é composto por todos de outras comunidades, nenhum professor da localidade, que provoca um distanciamento da cultura escolar da cultura popular. Somente a diretora da escola é da comunidade. “Tinha os professores que não era da comunidade e alguns da comunidade. Os professores leigos, muitos só tinham até a quarta série e os alunos também não conseguiam chegar ao segundo grau muitos iam somente até a quinta série”.

O nível de escolaridade atualmente da comunidade tem mudado, um grande número de moradores que estão no segundo grau e outros cursando a universidade, alguns já terminaram, de 1997 para cá tem muita história para contar. Sobre a lei 10.639/03⁸ que orienta o Ensino da História Africana e Afro-brasileira. A diretora falou que era muito bom, para que todos tenham conhecimento de todas as raças e de todas as etnias, mas, na LG por ser um povoado quilombola o povo naturalmente já traz no sangue, no corpo, na alma, no cabelo, na própria ginga. Disse ainda que: “O que a gente tem dificuldade a gente vai atrás, pesquisa, precisamos conhecer mais, a gente não tem muito desta lei dos quilombolas”. Essa falta de conhecimento da lei 10.639/03 – Ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira, presente na fala da diretora explica o porquê da lei ser pouco utilizada na EMTS e em outras escolas. O documento elaborado sobre a direção de Pablo Gentili aponta esse dentre outros motivos. Os motivos são apontados para que esta lei não esteja sendo aplicada no Brasil.



Foto 17. A diretora da escola Tomé de Souza – Biderlândia.

⁸Lei 10.639/03 a lei incluir no currículo da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

- Há um reduzido número de especialistas em História Africanas no Brasil.
- Poucos cursos de graduação universitária em História incluem disciplinas de formação em História da África.
- Há uma ausência de critérios e conteúdos na normatização da lei, resultando em experiências distintas que muitas vezes não condizem com o esperado.
- Muitas escolas a nível municipal e estadual têm dificuldade de lidar com a exigência dessa lei, pois não dispõem de profissionais e os recursos financeiros suficientes.
- Não há uma articulação homogênea de Estado, Município e União com relação às verbas destinadas aos cursos e a produção de material didático.

Depois, mesmo sem ser muito utilizada a lei 10.639/03 foi substituída pela lei 11.465/08 que acrescenta o estudo sobre o povo indígena, com isto houve necessidade de modificação do artigo 1º da LDB 9394/97 ficando assim sua redação.

- Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.
- -1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e do povo indígena no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.
- -2º Os conteúdos referentes à história e a cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrado no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.

De acordo com a diretora. “Na comunidade a gente sabe da biblioteca quilombola, mas, é para uso de alguns e a escola nunca teve acesso a ela”. Sobre o motivo da escola não usar a biblioteca, retrucou que a comunidade ficou fragmentada depois que foi reconhecida como quilombola, ocorrendo uma divisão e o pessoal da outra associação pensa que só eles são quilombolas, citou como exemplo, a chegada de um caminhão carregado de livros que não veio para escola, mas para associação e ficou sabendo que estão em um depósito por aí, eu nunca vi nenhum livro, comentou ainda que só algumas pessoas usam os livros.

Em todas as conversas que envolvem a cultura popular as associações comunitárias ocupam bastante espaço. Em Lagoa do Gaudêncio tem duas associações, mas uma ficou afastada da

escola por questões política, “a escola está sempre aberta”. Citando que houve um momento antes dos registros do povoado como quilombola onde na programação do dia vinte de novembro⁹ (está na lei 10.639/03 no art. 79-B. O calendário escolar incluiu o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”). A comunidade era unida e a programação durava o dia todo e teve um momento em 2005 a nossa primeira programação, o pessoal veio nos prestigiar, pessoas de Irecê, de outras comunidades, e aí aconteceu este evento.

No ano seguinte houve a separação, a escola tentou fazer com a outra associação que não quis juntar, o porquê desconhece o motivo, pediu para uma professora do quadro ir até a casa do presidente pedir para ele vir à escola para negociar, ele não disse que vinha nem que não vinha, quando estava faltando quinze dias para a programação mandou de novo, com oito dias outra vez, quando estava faltando três dias um grupo de pessoas da Escola foi lá pedir ao presidente da associação para se juntar a eles, mas, ele disse que não, pois já tinha tudo programado, não queria o espaço da escola e já tinha ônibus para carregar as pessoas, tinha a estrutura do projeto dele.

Com isso a escola que também tinha um projeto pronto e já executava seguiu em frente, dessa forma houve um racha na comunidade ocasionando o surgimento de duas festas, a associação dele faz uma comemoração do vinte de novembro e a escola faz outra, de acordo com a diretora. “São duas festas, mas, não por conta da escola, nenhum momento a escola quis que isto acontecesse”.

A escola tentou em outras oportunidades estabelecer o diálogo, afirmou que já, há pouco tempo em virtude da confecção do Plano Plurianual Anual (PPA) da prefeitura municipal de Lapão, onde a escola tem sua parcela de contribuição junto com comunidade, foi solicitado ao presidente da associação quilombola que comparecesse a reunião para participar, foram enviados convites para toda comunidade, pessoas que tinham filhos na escola, as que não

⁹A data lembra a morte do líder Zumbi dos Palmares, que lutou pela libertação dos negros escravizados, durante o período colonial no país. A data foi instituída como o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra pela Lei 12.519/2011.

tinham, as que se preocupava com a educação, contudo, só compareceu uma pessoa da outra associação o José Nilton Afro dos Santos, participou durante o dia. O fechamento foi em Aguada Nova e a final em Lapão e o senhor José Nilton foi o único que participou. A escola faz eventos na comunidade e sempre convida os integrantes da outra associação, mas nunca comparecem.

A comunidade de LG é rica em manifestações culturais e como preciso observá-las, se trazem perspectivas de inovação pedagógica, perguntei a diretora como a escola pode utilizar a cultura popular e se a falta de professores pertencente à comunidade pode influenciar. Ao que ela respondeu assim:

“A escola chama as pessoas que fazem parte de manifestações culturais da comunidade como, por exemplo: o grupo de terno de reis na pessoa de Cassimiro José Alves que é o representante, o Darlindo do Nascimento que quase não vinha para escola, hoje ele vem, participa isto é muito gratificante, o Napoleão Alves de Souza e Dermival Francisco de Souza, Filhos de Santo são convidados a escola há também o movimento inverso de levar a escola para a comunidade, ou seja, existe uma mistura e são feitas apresentações, que acontecem com grande participação. Isto é muito bom”. (Biderlândia, diretora da EMTS).

A EMTS tem como coordenadora escolar, Lidiane Dourado Matos, que é uma pessoa bastante comunicativa, simpática, prestativa, dinâmica e consciente do seu papel, trabalha na EMTS desde 2001, começou como secretária da escola permanecendo por três anos no cargo, depois atuou como professora por um determinado período, atualmente é coordenadora da escola, concursada como professora desde o ano de 2000. Mora na comunidade de Macambira, que dista cerca de 3 km de LG, Formada em magistério pela CNEC em Lapão, graduada em Geografia, sua vida profissional foi construída toda em Lagoa do Gaudêncio.

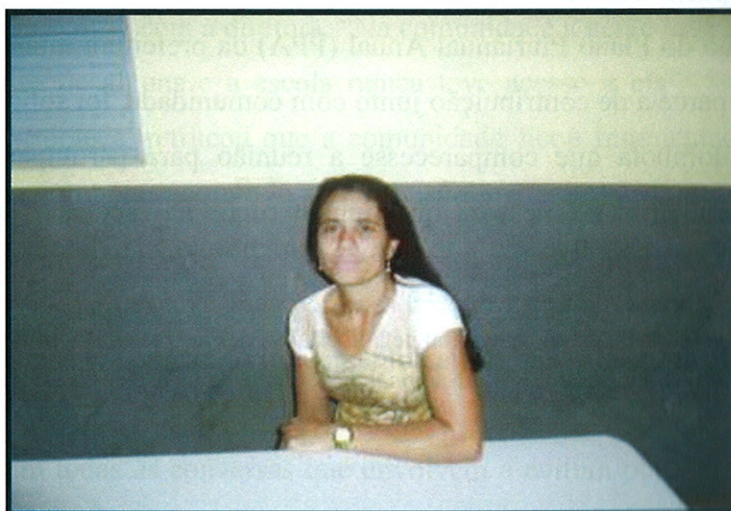


Foto 18. Coordenadora pedagógica - Lidiane Dourado Matos.

De acordo com o censo escolar de 2013 as matrículas de 2009 para cá vem diminuindo a quantidade de alunos matriculados na educação básica, é um fenômeno que acontece em todo Brasil, de acordo com o MEC uma das causas foi a retenção dos alunos diminuiu e as famílias passaram a ter menos filhos nas últimas décadas.

Segundo a coordenadora a clientela diminuiu muito (podemos observar pelas tabelas com número de 2013 e 2014, p 89 - 90).

ANO	TOTAL GERAL DE ALUNOS MATRICULADOS NO BRASIL
2007	53.028.928
2008	53.232.868
2009	52.580.452
2010	51.549.889
2011	50.972.619
2012	50.545.050
2013	50.042.448

Tabela com o número de alunos matriculados na educação básica de acordo com o censo de 2013

A tabela reflete bem o que a coordenadora disse na entrevista que há dez anos a EMTS tinha mais alunos e eram somente quatro salas e o número maior que hoje, caiu muito a quantidade, há algum tempo a EMTS não atendia a educação infantil, o aluno já era inserido no primeiro ano, acredita que o número vem caindo. O fenômeno ocorre em todas as escolas do país, as pessoas estão tendo menos filhos.

De acordo com a coordenadora um dos problemas que ocasionava a evasão era a falta de uma creche, pois, os pais iam para o trabalho e deixavam os filhos menores com o irmão mais velho, isto causava muito abandono, hoje já não acontece, pois a escola atende a educação infantil e todos vêm para escola, em Lagoa do Gaudêncio não tem evasão, quanto a repetência acontece com os alunos fora da faixa etária, estão sem motivação, são alunos sempre começando e nunca terminam, são alunos com dezessete e dezoito anos, portadores de necessidades especiais que a escola não consegue trabalhar com eles, na secretaria municipal tem psicólogas e psicopedagogas que atendem com relatórios e estes alunos necessitam de um acompanhamento mais de perto. Os alunos negros quase em sua totalidade, mas não tem

dificuldades de se aceitarem como tal, há dez anos tinham muitos conflitos por conta do cabelo, não era pela cor da pele, muitos apelidos por contas do cabelo.

Sobre como a cultura popular em sido inserida na escola. Disse que antigamente quando os professores pertenciam à comunidade era usada com maior frequência, hoje os professores são todos de outras comunidades não se envolvem tanto com a cultura da comunidade, quando eram da comunidade se via maior manifestação da cultura, hoje já não é visto, no vinte de novembro há uma dificuldade, enquanto antes os festejos eram uma atração, uma festa mesmo.

A coordenadora percebe a falta de envolvimento dos professores com a cultura popular “antigamente quando tinham professores do povoado havia muito envolvimento com as culturas locais como a capoeira, o reisado, hoje há uma conversa entre os professores sobre isto”.

Era costume de professores visitarem os alunos onde moravam para conhecer a realidade deles, existia esta parceria, este ano a escola tentou resgatar estas visitas e foi realizado o dia das avós, por um motivo especial. Na comunidade são elas que criam os netos, por isso foi feito visitas nas casas onde o neto entregava uma lembrancinha construída por ele na escola, em Lagoa de Gaudêncio tem muita mães solteiras elas têm filhos muito novas e deixarem por conta das avós, que fazem o papel de mãe.

“A escola tem trabalhado muito pouco, não contempla nem a questão da lei, dizem que a aplicação da lei não vai em frente por conta de falta de material ou do próprio livro didático por não ser de acordo a realidade”, mas, não vê assim, disse que “a escola já teve uma professora que se identificava muito com a cultura da comunidade, do negro e ia buscar e trazia esta realidade para sala de aula”.

A coordenadora falou de não ter visto nesses dez anos que trabalha em LG nenhum conflito, relatou que nunca tinha ido à casa de um Pai de Santo este ano foi e ele abriu seu altar para visita, disse que Darlindo já veio várias vezes a escola para acompanhar os netos. Passou a falar que uma coisa que influencia muito no funcionamento da escola é a questão política, os festejos do vinte de novembro eram da comunidade se transformou em algo partidário,

acrescentou que são questões que precisam ser trabalhadas, como as divergências das associações que acabam atrapalhando a própria escola, pois, o filho tem a influência do pai que faz parte de uma associação, há uma rivalidade na comunidade que separa as associações e como consequência atrapalha as atividades da escola.

Sobre o que a escola poderia fazer para aproximá-la, disse que é difícil, pois, o empecilho principal é política partidária mesmo. No primeiro momento quando foi tentado realizar o vinte de novembro foi muito bom veio gente de escolas de Irecê que a escola não suportou a quantidade de pessoas, então a escola preferiu realizar lá fora no segundo ano e foi feito em frente à escola, não havia a quadra naquela época. E a participação popular foi grande de novo.

No ano seguinte era tempo de política e a escola teve um apoio maior da secretaria da educação parecia querer mostrar aquele momento, o objetivo da comunidade escolar é ter uma continuidade, a secretaria da educação não deve intervir, pode até ajudar, mas não direcionar, no penúltimo vinte de novembro foi muito difícil, pois, ao realizar a programação durante o dia foram convidadas várias escolas, todas fizeram suas apresentações.

A noite era reservada para as apresentações culturais, a escola convidou a todos, mas como é do conhecimento há uma rivalidade entre as associações, complicado, pois, se um fizer uma apresentação pertencente a uma associação, o grupo do reisado não quer participar por ter ligação com a outra associação, a escola não que tenha duas programações na comunidade e tem conversado com eles, são entraves que ocasionam dificuldades para a escola, o ano passado não se realizou o vinte de novembro.

Ao terminar as apresentações das escolas a noite seria as apresentações culturais, havia dois palcos e a outra associação começou uma verdadeira baixaria, começou uma coisa política mesmo, partidária fala da coordenadora “bom seria que fosse um festejo da escola e da comunidade” há duas linguagens nas associações, não conseguem se comunicar, disse que não gosta de indicar caminhos, prefere que o pesquisador perceba, a escola tem feito à arte dela estabelecendo contatos mas sente muita dificuldade por conta da associação. Há uma clara percepção que as associações são campos de poder, os próprios moradores tratam assim

a associação de Cassimiro, a associação de Gildo. De acordo com ela “as associações não estão fazendo seus verdadeiros papéis de associação”

A professora entrevistada foi Claudete V. D. Cardoso, porque a sala de aula escolhida para observação a tem como professora, formada em magistério, equivalente ao segundo grau, pela CNEC em Lapão, leciona nesse estabelecimento de ensino há quatro anos, mas, como professora há trinta e três anos, ensina em dois turnos matutino e vespertino, no terceiro e quinto ano a sala por mim observada.



Foto 19. Professora do quinto ano, Claudete Vilela Dourado Cardoso.

É muito experiente, atenciosa com os alunos, apesar da pouca formação acadêmica, sua experiência lhe permite visualizar pontos importantes no seu campo de atuação. Sente que não existe nos alunos a dificuldade de se aceitar como negros, desde que chegou a LG não sentiu nenhum entrave a este respeito. Disse que a escola tem trabalhado com a cultura popular, com atividades como a capoeira, o Candomblé e os grupos culturais estão sempre presentes quando a escola os convoca.

A falta de material e os conteúdos não estão presentes nos livros didáticos isto impede, de acordo com ela “eu creio que se a gente for buscar, pode ser falha nossa também, falta de tempo”. A professora criticou como está sendo aplicado o Programa Mais Educação, disse que tá faltando mais planejamento e um maior entrosamento entre coordenação e monitores. Falou que tem três meninos fora da faixa etária, não ficam quietos, não ficam dentro da sala, tem uma aluna que não faz nada, só consegue copiar para eles aprenderem precisava de uma escola que atendesse as necessidades deles.



Foto 20. Alunos do quinto ano fazendo tarefa na sala de aula.

Entrevistei duas alunas pertencentes ao quinto ano que funciona no turno vespertino, moradoras no povoado, estudaram desde o início das suas vidas estudantis na EMTS, dizem que gosta de estudar e fazem isto para ser alguém melhor. S.S quer ser médica, gosta dos projetos de capoeira, percussão e de aula normal. Disse que a escola para melhorar precisa ter muitos alunos sabendo ler. A maioria dos alunos não sabe ler, os alunos que faz o quinto anos vão estudar em outra escola na próxima temporada e muitos dos colegas dela que não sabem ler também vão.



Foto 21. Aluna S.S do quinto ano da EMTS.

Sobre as religiões disse que os pais não têm nenhuma e raramente vão a uma igreja lembrando que em LG existem três opções: a Igreja católica e a Igreja Assembleia de Deus e as casas de Umbanda. Dentre as atividades que a escola promove gosta de dançar quadrilha junina, jogar capoeira, indagada sobre cultura, disse que a cultura ajuda a desenvolver mais, mas não sabe como.



Foto 22. Aluna L.S. P do quinto ano da EMTS.

L.S.P. falou não gostar de participar das programações promovidas na escola, mas participa de eventos na quadra, sobre o dia dos negros, dançando. Disse que vai à igreja, canta lá na Assembleia de Deus a qual a mãe dela toma conta, tem pouca gente na igreja e não gosta das outras igrejas, mas aceita, falou que as outras podem ir ao bar, por isso prefere a dela. Acha bom ter capoeira, mas não gosta porque a farda é branca e suja rápido. E só gosta das aulas para fazer os deveres, adora o reforço escolar. Pratica esporte, mas, gosta mesmo é de estudar.

6.10 O programa Mais Educação

A comunidade de Lagoa do Gaudêncio é reconhecida como quilombola pelo governo federal o que proporcionam alguns benefícios como investimentos em projetos via associação e escola, alguns projetos têm sido trabalhados na escola, o “Programa Mais Educação” (PME) é um programa mantido pelo Ministério da Educação que consiste em vários projetos que realizam atividades propostas pela escola, são aplicadas sempre no turno oposto ao estudado pelo aluno.

No momento somente algumas escolas são contempladas, o pensamento do governo federal é oferecer educação em tempo integral, pois, entende que os alunos devem permanecer um tempo maior na escola. Na escola Tomé de Souza é desenvolvido atividades como: capoeira, percussão e reforço escolar.

O programa Mais Educação foi um projeto criado pelo MEC através da portaria nº 17/2007 que tem como principal objetivo oferecer nas escolas públicas mais atividades educativas como acompanhamento pedagógico e atividades extras curriculares como: meio ambiente; direitos

humanos; cultura e artes; cultura digital; prevenção e promoção da saúde; educomunicação; educação científica e educação econômica.

As atividades visam melhorar o ambiente escolar e são feitas de acordo com estudos feitos pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e com uso do Índice de Efeito Escola (IEE), que é um indicador do impacto que as escolas pode fazer na vida dos alunos.

O programa tem como objetivo melhorar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) o que acarretou ações preferenciais nas escolas de periferias e municípios com baixos investimentos em educação e buscou também atender estudantes inscritos através de formulários eletrônicos captados pelo Sistema de Integrado de Planejamento, Orçamento e Finanças do Ministério da Educação (SIMEC). Estas ações começaram a ocorrer em 2008, participando de início 1.380 escolas. Já em 2010 a meta era atingir 10.000 escolas em regiões escolhidas através dos dados do IBGE.

O desenvolvimento de cada uma das atividades é financiado pelo governo federal, que repassa recursos para os materiais de consumo e apoio as realizações bem como o pagamento de monitores. Os materiais podem ser diversos como instrumentos musicais, buscam iniciativas para melhorar a participação e frequência do aluno a escola, apoiam também a criação de rádios escolas, etc. os materiais são adquiridos com recursos repassados as próprias escolas.

A EMTS foi contemplada com o programa Mais Educação e foram feitos dois projetos para serem aplicados em 2013. A capoeira é a percussão são desenvolvidas na escola Tomé de Souza, para os alunos que estudam pela manhã as atividades são à tarde e para os alunos que estudam a tarde as atividades são pela manhã, sempre oferecidas no período oposto ao que o aluno estuda.

A capoeira e a percussão são usadas de maneira ativa no programa Mais Educação, durante as observações e entrevistas. Eu separei as manifestações culturais do povoado em dois grupos, o primeiro as trabalhadas na escola e o no segundo as outras. Foram entrevistadas a seguir algumas pessoas ligadas ao programa, e também o mestre de Capoeira “Fura Coco”.



Foto 23. Maristélia Honorinda de Souza, coordenadora do programa mais educação em LG.

A professora Maristélia Honorinda de Souza, coordenadora do Programa Mais Educação, mora em Salgada a 2 km, pertinho, formada em magistério e licenciada em história, este ano está no programa Mais Educação, trabalhou quatro anos no pro jovem, é contratada, começou este ano, planeja junto com os monitores, faz atividades, trabalha de segunda a sexta, dois dias e meio na LG e dois dias e meio na Salgada. De acordo com ela o Programa Mais Educação tem como objetivo maior tirar as crianças das ruas, a criança participa no turno oposto as aulas, é um programa integrado, eles vão a casa tomam banho almoçam e vem para as oficinas de capoeiras, percussão e acompanhamento pedagógico, a direção da escola escolhe entre algumas opções as atividades para o próximo ano. Ela também confirma que os alunos não têm dificuldade de se aceitarem como negro em uma comunidade quilombola, ela acha que já é uma coisa natural, eles não demonstram ter preconceito um com o outro. Para melhorar o uso da cultura popular de acordo com ela, precisa ter mais participação dos pais, nas reuniões e os pais não estão bem frequentes, debatendo todo mundo junto é bem melhor para solucionar os problemas.

6.11 A percussão como instrumento de Educação

A percussão foi escolhida para um dos projetos pelo gosto natural herdado dos seus descendentes e mostrou ter sido uma escolha correta, pois, os alunos demonstram interesse e gosto pelos instrumentos. A seguir a entrevista com o monitor Eronildes.

Antes de entrevistar o professor Eronildes tive alguns contatos observando sua prática, considerado pela pedagogia como leigo. O monitor Eronildes Antônio do Nascimento nasceu

e se criou em LG, só estudou até o quinto ano na EMTS, seu talento para as artes é visível, consegue tocar vários instrumentos musicais como: violão, cavaquinho e instrumentos de percussão. Gosta muito de capoeira tanto que fez sete anos com João chamado de “fura coco”, no momento trabalha como monitor no Programa Mais Educação, dando aula de música lá em Aguada Nova com violão e cavaquinho, em LG dar aula de percussão e ajuda com a capoeira.

Acredita que a escola tem aproveitado a cultura popular com o projeto Mais Educação, a comunidade tem muitas manifestações culturais que podem ser aproveitada para melhoria da aprendizagem. O projeto Mais Educação deu oportunidade as áreas de capoeira e de percussão, a área de música possibilita aos meninos aprender o violão ou cavaquinho. Eronildes gosta de participar de tudo que diz respeito à cultura.

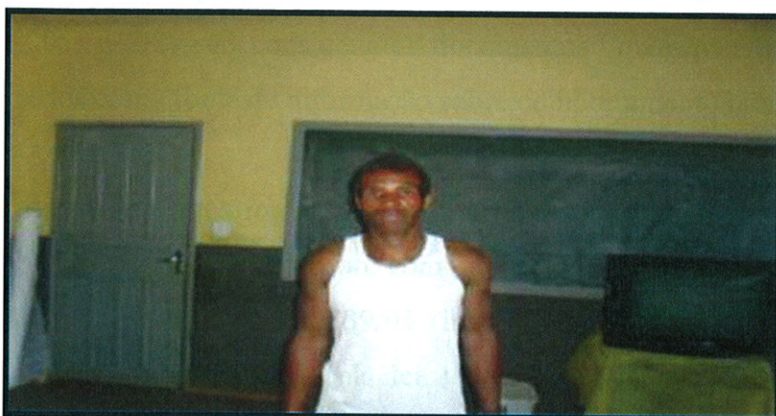


Foto 24. Eronildes Antônio do Nascimento, monitor de Percussão.

As oficinas vão ajudar muito os alunos, na área de capoeira a prática promove aprendizados, aprendendo a se respeitarem mutuamente. A música pode aprender tocar um instrumento. Não ver problema nenhum, nunca viu problemas com as religiões.



Foto 25. Alunos fazendo percussão – Programa Mais Educação.

De acordo com Eronildes o problema da comunidade está nas associações, pois não se unem mesmo, isto traz problemas para escola, pois, se elas se unissem era bom para escola. Sobre a biblioteca ele disse que não tem, nunca viu, disse que na escola tem livros, mas na comunidade não. Com respeito as religiões afros acha que não tem restrições, pois eles acreditam.



7 OS DADOS DA PESQUISA

No método etnográfico o pesquisador pode organizar os dados de forma livre e flexível, assim, preferi fazer uso dessa prerrogativa, colocando a parte teórica nos capítulos anteriores, descrevendo educação, cultura, inovação pedagógica. E agora a apresentação dos dados de forma crítica usando conceitos desenvolvidos anteriormente trabalhados, como suporte.

Os dados obtidos foram coletados com uso de entrevistas, observação participante e documentos Para Ludke e André (2005, p. 45), “analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições das entrevistas, as análises de documentos e as demais informações disponíveis”. Durante a pesquisa foram analisados alguns documentos e de acordo com André e Ludke (2005, p. 38) são considerados documentos “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre comportamento humano”.

Estes documentos foram: a Constituição Brasileira, a LDB 9394/97, o ECA, a lei 10.639/03 (instituiu dia 20 de novembro com dia nacional da consciência negra), Depois mesmo sem ser muito utilizada a lei 10.639/03 (instituiu o ensino de história dos afros descendentes nas escolas) foi substituída pela lei 11.465/08 (que acrescenta a história indígena). Além de documentos locais encontrados na escola.

Os dados obtidos nas observações e entrevistas foram agrupados, feito a triangulação e análise do que foi dito pelos entrevistados em contraponto com o que foi observado, assim procurei ter uma visão crítica do que foi exposto, buscando ainda identificar aspectos relevantes para responder a questão proposta no projeto de pesquisa.

Na triangulação dos dados busquei realizar uma análise das observações e entrevistas procurando estabelecer critérios prausíveis que validem a pesquisa embasada em um contexto, num locus com características singulares.

De acordo com Morin (2000, p.26) “O paradigma desempenha um papel ao mesmo tempo subterrâneo e soberano em qualquer teoria, doutrina ou ideologia. O paradigma é inconsciente, mas irriga o pensamento consciente, controla-o e, neste sentido, é também supra

consciente”. É importante compreender como é formado e como funcionam os paradigmas para que possa combatê-lo ou apoiá-lo. Já Kuhn (2005, p.95) diz que “O fracasso das regras existentes é o prelúdio para uma busca de novas regras.” Ou seja, quando um paradigma não está dando conta é preciso urgentemente de outro para substituí-lo. No caso da educação a saída do paradigma fabril para o inovador é muito difícil por conta das forças que o conserva. Percebemos assim que não há como ficar livre do paradigma, pois quando um sai aparece outro no lugar.

O estudo se desenvolveu usando de prerrogativas de Bogdan e Biklen (1994) que chamam de estratégias de mais representativas da investigação qualitativa que são “a observação participante e a entrevista em profundidade” e o investigador entra no mundo das pessoas que quer estudar, procura conhecê-las para melhor observar e ganhar confiança e conseguir elaborar uma escrita sistemática de tudo aquilo observado.

Procuramos ter uma visão crítica do que foi observado e colhido nas entrevistas e narrativas das quais foram coletados dados, de acordo com FINO (2008, p.2) “que incidem sobre relações entre escola e comunidade envolvente e que implicam observação participante”. Assim, com o uso de observações e entrevistas procuro colher dados para uma análise crítica da cultura popular e da cultura escolar em um locus com características próprias e diferenciadas por ser uma comunidade fecunda em manifestações culturais de culturas afrodescendentes.

Entendendo que a cultura escolar constituída pelo sistema de ensino brinda as transformações o que impossibilitam as quebras de paradigmas.

[...] O que é senão um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes? (FOUCAULT, 2001, p. 44-45).

Desta forma as mudanças não acontecem com frequência no interior das escolas, pois há uma predisposição para manutenção do que está posto e constituído. Assim o poder da cultura escolar carregada de símbolos históricos de dominação e alienação impossibilita as mudanças. Percebemos no locus a escola como principal espaço de aprendizagem, mas, percebe-se que

há outros locais onde transita a possibilidade de conhecimentos, com a necessidade de interação e estabelecimento de diálogo intercultural.

Neste contexto etnográfico pela visão de Geertz e Bruner onde a narrativa tem poder, buscamos compreender a perspectiva de uma Intercultura que possibilite a inovação pedagógica. E ainda de acordo com GEERTZ (1989, p.10) “[...] compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade”. Portanto ao falarmos de educação e cultura precisamos levar em conta sempre o contexto.

7.1 As entrevistas

A proposta das entrevistas passa pelo objetivo central de perceber como as culturas se relacionam no caso desta pesquisa o diálogo entre a cultura popular e a cultura escolar, aqui usamos a palavra intercultura que nos leva a busca da valorização e respeito pela diversidade de temáticas relacionadas à formação da identidade; a busca da concretização dos direitos da população afro-brasileira, etc.

As entrevistas juntas com as observações foram os instrumentos da coleta de dados desta pesquisa, fiz uso de artifícios com o objetivo de ter uma narrativa natural, pois muitas vezes nas entrevistas não é interessante fazer uma pergunta direta, mas sim fazer com que o pesquisado conte parte de sua vida. Para tanto o pesquisador pode muito bem ir suscitando a memória do pesquisado (BOURDIEU, 1999).

Foram selecionados alguns dados que achei pertinentes para formar juízo de valor sobre o objeto da pesquisa, contendo a opinião do entrevistado sobre o que lhe foi indagado. Por ser um povoado remanescente de quilombolas perguntei a cem indivíduos da comunidade sobre como eles se declaravam em relação a cor da pele, no universo pesquisado 99% dos entrevistados se declararam pretos e 1% pardo, o que dá para perceber que em sua quase totalidade os habitantes da Lagoa do Gaudêncio no seu locus assumem a sua negritude.

A questão da identidade é muito importante, pois indica o grau de pertencimento, no caso específico transparece que os habitantes do povoado pesquisado se aceitam como negros pertencentes à comunidade com as características peculiares, mas com todas as influências do

colonizador e do mundo capitalista. Assim os processos identitários socioculturais diferentes aqui são chamados de intercultura.

Nós como seres influenciados pelas culturas nos levar a pensar no que somos e no que não somos e a formação de nossa identidade perpassa pelas nossas aprendizagens durante nossa vida em relações com os outros sujeitos. A intercultura proporciona a oportunidade de diálogo entre culturas.

A comunicação entre as culturas é impossível ou limita enquanto não tiver aceito a referência a um duplo trabalho comum a todas as cultura, o saber, a criação dos sujeitos e a reunificação dos elementos da experiência e do pensamento humano que foram mutualmente separados pela força simultaneamente conquistadora e discriminadora da modernização ocidental. (TOURAINÉ, 1998, P. 215).

No quesito sobre como a escola utiliza a cultura popular, foram entrevistadas doze pessoas, sendo cinco da escola e sete da comunidade, 33% responderam que a escola usa a cultura popular como divertimento, uma alegoria, como lúdico. Acredito que o grande perigo de usar a cultura popular como algo alegórico se dar pela folclorização ocasionando a perda da criticidade e a desvalorização da cultura; Enquanto 25% dos entrevistados disseram que a escola usa da cultura popular suas histórias, seus casos, seus mitos, suas lendas. A importância dada pelos entrevistados às histórias da comunidade aponta como a escola poderia aproveitar melhor a cultura popular; Outros 25% disseram que a cultura popular tem sido usada na escola para ajudar no reforço escolar. Esta resposta se dar pela influência do programa Mais Educação patrocinado pelo MEC que utiliza de elementos culturais da comunidade para melhor funcionamento do programa Mais Educação; Já 17 % não sabem como a escola pode fazer uso da cultura popular. Nessa resposta aparece a opinião de parte da comunidade composta por analfabetos que não quiseram opinar, talvez por se acharem incapazes ou como uma forma de proteção.

A valorização da cultura popular pela comunidade escolar apresenta dados importantes enquanto a comunidade valoriza a cultura popular, isto não acontece na mesma proporção pela escola. A escola como observamos nas entrevistas é seletiva, reprodutora, aparelho ideológico do estado bem de acordo com o pensamento de ALTHUSSER (1985).

Os entrevistados aos serem perguntados se a cultura popular pode contribuir para a aprendizagem, e como pode ser aproveitada para melhoria da aprendizagem, responderam que a cultura popular tem sido usada na escola: como lazer, entretenimento, de forma lúdica; usada também como história que são contadas pelos mais velhos; a escola também aproveita como reforço escolar em projetos como o de capoeira e de percussão do Programa Mais Educação; houve ainda parte da população que não sabem como a escola pode fazer uso da cultura popular.

7.2 As observações

Durante a minha permanência no locus, fiz uso da observação colhendo informações e anotando no meu diário de bordo, que de acordo com Lapassade (2005) possibilita ao investigador uma interação com todos os membros investigados, observação participante é o nome dado às atividades desenvolvidas pelo investigador durante todo o percurso da sua chegada a saída do campo.

Seguimento	Cargo	Opinião
Escola	Diretora Biderlândia	A escola chama as pessoas que fazem parte de manifestações culturais na comunidade como, por exemplo: o grupo de terno de reis na pessoa de Cassimiro José Alves que é o representante, o Darlindo do Nascimento que quase não vinha para escola, hoje ele vem, participa isto é muito gratificante, o Napoleão Alves de Souza e Dermival Francisco de Souza, Filhos de Santo são convidados à escola há também o movimento inverso de levar a escola para a comunidade, ou seja, existe uma mistura e são feitas apresentações, que acontecem com grande participação.
Escola	Coordenadora	A escola tem trabalhado muito pouco, não contempla nem a questão da lei, eles dizem que a aplicação da lei não vai em frente por conta de falta de material ou do próprio livro didático que não é adequado à realidade, mas, ela, disse que a escola já teve uma professora que se identificava muito com a cultura da comunidade, do negro e ela ia buscar e trazia esta realidade para sala de aula.
Escola	Professora Claudete	“Eu creio que se a gente for buscar (a cultura popular), pode ser falha nossa também, falta de tempo”.
Associação quilombola	Presidente Gildemar	“A escola precisa ser mais aberta e não seja usada como objeto político de quem estar no poder”.
Capoeira	Mestre “Fura Coco”	“E está deixando cair cada dia mais”. “Estão trabalhando com cultura agora, passou muito tempo sem utilizar, precisa melhorar”.

Terno de Reis e associação	Presidente Napoleão	A escola sempre está aberta para a participação, mas, o Terno de Reis precisa de uma estrutura maior para difundir a cultura.
Religioso	Filho de Santo, Napoleão	A cultura popular para influenciar nas escolas depende muito dos dirigentes se eles permitirem e buscar, estamos prontos para ajudar.
Religioso	Pai de Santo, Darlindo	Sobre a cultura popular inserida na escola falou que era importante, mas não sabia dar opinião.
Religioso	Filho de Santo, Dermival	Não soube dar opinião.

Tabela 04 - A opinião dos seguimentos da comunidade sobre a EMTS e a Cultura popular.

No decorrer de minhas observações colhi alguns depoimentos que foram organizados em uma tabela trazendo a opinião de pessoas da escola e da comunidade. A diretora da escola falou que a mesma se encontra aberta para as manifestações culturais, e até convida os segmentos culturais para participar, contudo, nas minhas observações percebi que estas participações são emblemáticas, alegóricas, folclóricas, sem preocupação com as práticas pedagógicas e o diálogo entre as culturas.

A respeito da opinião da coordenadora escolar, creio ser sensata e condizente com as observações: a falta de livro didático voltado para a realidade do locus, da falta de preocupação dos professores, pois os mesmos não vivem na comunidade e não buscam entender a cultura local.

Já ao falar sobre a cultura popular a professora entrevistada e observada confessou que a falha da escola é não ir ao encontro da cultura dando como pretexto a falta de tempo, creio eu que a ausência é de vontade, motivação e compromisso com a valorização da produção cultural da comunidade.

O presidente da associação chamou atenção para um aspecto importante da escola: o político. A instituição não consegue se desvencilhar do seu papel de aparelho ideológico do estado, e continua sendo usada como reprodutora das vontades de quem estar no poder.

O mestre “Fura coco” se mostrou pessimista com respeito ao diálogo entre as culturas, criticando a distância entre elas e percebendo a falta de interesse da escola para as manifestações da comunidade, percebe que o PME utiliza-se de elementos da cultura de forma alegórica.

Nas observações percebi que as opiniões são mais ou menos salgadas em relação à escola de acordo como sua postura política, tende-se ser mais críticos quando não há muita afinidade política partidária encontradas nas palavras de: (João o “fura coco” e Gildemar), enquanto Napoleão (o Filho de Santo) tem clareza que “A cultura popular para influenciar nas escolas depende muito dos dirigentes se eles permitirem e buscar”.

Ao longo da pesquisa tive sempre a percepção de compreender todos os indivíduos como sujeitos que são influenciados pela cultura e simultaneamente são atores sociais contribuindo para preservação e modificação da cultura durante todo tempo. A cultura conduz as ações dos homens, mas eles também podem modificá-la, assim McLaren (1977) afirma que “[...] o indivíduo, um ator social, cria e é criado pelo universo social do qual faz parte”.

Nas observações feitas em Lagoa do Gaudêncio percebe-se a dificuldade do diálogo entre culturas, pois há uma relação de poder, onde claramente a cultura popular não consegue penetração na cultura escolar. Mesmo com reconhecendo do pluriculturalismo pelos Parâmetros culturais (Brasil, Ministério de Educação, 1987) e do multiculturalismo em uma perspectiva intercultural.

Se o diálogo intercultural mostra uma relação de conflitos, há uma dificuldade de reconhecer o fenômeno intercultural em uma perspectiva de direito, de valorização da alteridade, e, fortalecimento da democracia como proposta de respeito à igualdade de oportunidades.

As observações oportunizou o uso da etnografia como método de investigação e como instrumento a narrativa para compreensão da cultura da comunidade de Lagoa do Gaudêncio, feita de acordo com Fino (2008) com a possibilidade “compreender a maneira de viver do ponto de vista dos nativos da cultura em estudo”. Assim as observações condicionaram o observador a ver pelos olhos dos nativos na comunidade e buscando a compreensão de acordo com a visão destes.

Portanto nos envolver com a pesquisa etnográfica me presenteou com a prerrogativa de vivenciar situações de desafios, de ver o não exposto e ouvir o não dito, ir além e perceber em gestos de professores, alunos e cidadãos da comunidade o subtendido. Principal instrumento

de captação foi à observação que nos introduziu no conhecido e nos levando ao desconhecido. A pesquisa nos mostrou o quão interessante pode ser uma observação participante convivente com os princípios da imparcialidade e estranhamento de uma realidade.

8. CONCLUSÕES

A luta dos povos descendentes de africanos no Brasil vem de longa data, e deve ser valorizada, pois sua sobrevivência e preservação se deram pela resistência e lutas de seus antepassados, para sobreviverem muitos se organizaram em comunidades chamadas de quilombos, Somente em 2003 o decreto 4887/2003 regulamenta a identificação e reconhecimento dos remanescentes de quilombos. Este decreto deu direito a terra e fortalecimento da identidade dos quilombolas e valorização e respeito a sua cultura

De acordo com o trabalho de entrevistas, observações, análises e interpretações dos dados desta pesquisa foram possíveis concluir que o diálogo entre culturas não é fácil, mas é possível, se houver um movimento de respeito às singularidades. Outra vez trago o desafio do olhar sob as lentes do que Ruth Benedict chama de “padrões de cultura” com o intuito de entender as nossas várias visões de mundo condicionadas pelo apelo etnocêntrico.

O etnocentrismo é um perigo, pois, restringe a visão e opinião contrária com certa dose de racismo e intolerância o que produz violência justificada contra o outro. Enquanto a escola tem o papel de disciplinar os indivíduos na sociedade. Durante o trabalho de entrevista e observação, constatamos que para a direção da escola esta se encontra sempre aberta à cultura popular enquanto a associação de moradores diz que não é bem assim, a escola restringe a participação e a cultura popular é usada apenas como alegoria.

De fato a cultura entra na escola como alegoria e certa dose de folclorização. Em toda pesquisa foi nosso interesse estudar as culturas em especial a cultura escolar e popular na perspectiva da aprendizagem, como diz o Papert (1994) na ótica da matemática com a possibilidade heurística, a construção do conhecimento e valorização do diferente, não como alegórico, mas como premissa primeira para promoção e valorização da pessoa humana, do que ela produz em seu locus natural.

A escola que observamos é a principal referência educativa da comunidade, mesmo com vários pontos de culturas onde o aprendizado se dá, os conhecimentos adquiridos fora do contexto escolar precisam ser reconhecidos e valorizados, de acordo com Freire (1989) o que ele chama de conhecimentos prévios, onde a leitura do mundo antecede a leitura das palavras.

Interessante compreender a cultura como teia que possibilita aos sujeitos o sentimento de pertencimento e construção da sua identidade e como Geertz (1989: p. 15) afirma. O homem é amarrado a uma teia de significados construída por ele próprio e a cultura são essas teias e nesse contexto que o homem e cultura se constroem.

Com as observações, entrevistas e exercitando o ato de ouvir sempre motivado pelo objeto da pesquisa que direcionava e servia de leme para conduzir o trabalho da melhor maneira, foi possível concluir o estudo que me permitiu experimentar e vivenciar a etnografia com o uso da técnica observação participante.

No locus pude observar como a cultura popular pode sobreviver e contribuir com a educação em um contexto no qual a cultura de massa utiliza os meios de comunicação: rádio, televisão, filmes, internet e outros. Procurando unificar pensamentos, ações, e por outro lado à escola folcloriza a cultura popular que perde espaço e importância.

Cenário preocupante, pois acredito que a cultura popular precisa ser tratada pela escola com maior importância ir além do lúdico, do entretenimento, do uso para colorir e divertir, mas como fonte de saber que gera conhecimento e aprendizagem.

Nessa experiência etnográfica percebemos a extrema dificuldade das pessoas da escola valorizar a cultura popular, pois somos muito tendenciosos a hierarquização e fazemos parte do projeto que exclui e discrimina o que não é da cultura do ocidente da qual também nos incluímos.

Embora haja um discurso pronto acerca das produções culturais da comunidade, percebi, no decorrer da pesquisa, que os envolvidos no planejamento dessas ações desconhecem traços importantes da cultura dos afros descendentes. Permanece uma visão do negro como alguém de cultura inferior usada de forma folclórica e alegórica.

Pierre Bourdieu (1989, p. 7-8) define poder simbólico como “o poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” um poder representativo que se constitui pelos ditos e reconhecidos como não arbitrários.

É certo que a cultura “branca” se constituiu em supremacia, pois foram estes entendimentos historicamente adquiridos através de um processo de desvalorização do movimento afro, através da atuação da cultura do branco que desvalorizavam. Da imagem do negro exótico e inferiorizado, organizações não governamentais puderam manter-se financeiramente, produzindo um discurso que anuncia projetos inéditos e direcionados para a autonomia dos grupos.

Ao analisar os objetivos propostos no projeto de pesquisa compreendemos as dificuldades existentes para que haja um diálogo produtivo e colaborativo. O objetivo geral foi:

- Compreender como a cultura popular pode contribuir para modificar a cultura escolar no âmbito da escola municipal Tomé de Souza trazendo perspectivas de inovação pedagógica.

A compreensão foi à busca que moveu a pesquisa no caso da EMTS, percebi que apesar da cultura popular demonstrar ser forte, a cultura escolar se mostra fechada às mudanças, impossibilitando a inovação pedagógica. Entendo a valorização da cultura popular como via necessária para que haja um diálogo permanente com a cultura escolar sendo uma forma de prover a aprendizagem e estabelecer canais de comunicação que possibilite transformação de informações em aprendizagem.

O objetivo que moveu esta pesquisa foi meu interesse de perceber o diálogo entre a cultura escolar e a cultura popular com perspectivas de inovação pedagógica, usando como principal instrumento a observação participante, mas também com o uso de outras fontes como entrevistas e documentos. É certo que de acordo com Fino “o observador aprende, vivendo com as pessoas e partilhando as suas atividades”.

Ao chegar às conclusões da pesquisa percebi que dentre os objetivos inclusos no projeto poucos trazem soluções definitivas, vejamos:

- Observar situações que promovam as questões pedagógicas inovadoras;

Nas observações realizadas na escola e na comunidade percebemos uma dificuldade muito grande do diálogo entre as culturas o que acarreta, algumas situações da cultura popular dentro da escola ser usada de forma lúdica sem o interesse ou habilidade de transformar

informação em aprendizagem, ausência de criticidade e demonstração de clareza e sem preocupação social. Entendo a inovação pedagógica como um movimento dialógico envolvendo aluno e professor com este sendo facilitador, alimentador de sonhos, autonomia, do aprender com e construcionista, pois o professor bem preparado possibilita sendo prerrogativa para maior aprendizagem com menos ensino (PAPERT).

- Perceber como a cultura popular contribui na perspectiva de inovação pedagógica;

A cultura popular em LG pode sim oferecer perspectivas de inovação pedagógica, contudo, se percebe a dificuldade da mudança paradigmática de uma cultura escolar atrasada, inquebrável, usada como instrumento político e exploração estética. O caminho da inovação vai em direção a um paradigma dialógico, mas há dificuldades na mudança de percurso.

A mudança pode acontecer com a valorização dos saberes do povo, permitindo a entrada da cultura popular no ambiente escolar, onde a escola se encontra com um currículo fechado que impossibilita a quebra de paradigma, contudo para que tal perspectiva possa se realizar há uma necessidade de mudança de postura, embasada na criticidade, no diálogo e na solidariedade.

- Identificar as práticas pedagógicas inovadoras no cotidiano escolar;

A busca pelas práticas inovadoras fez parte e consumiram um tempo considerável das nossas observações, assim ao observarmos o cotidiano escolar percebemos uma preocupação com a fala dos seus pertencentes pregando a valorização da cultura popular, contudo as práticas pedagógicas visíveis em observações iniciais foram percebidas um distanciamento entre o discurso e as práticas.

As práticas pedagógicas inovadoras aqui entendidas como situações de ensino e aprendizagem envolvendo educadores e educandos, não só o uso da didática de Comenius, mas, também da matética de Papert. A aprendizagem dialógica na perspectiva do aprender junto o que Freire chama de aprender em comunhão, onde professores e alunos contribuem no processo com a valorização do que o outro tem de conhecimento, infelizmente ainda não é facilmente encontrada nas escolas, situação encontrada também na EMTS.

- Fazer uma análise crítica das práticas pedagógicas na unidade escolar;

Ao fazer uma leitura das práticas pedagógicas da EMTS percebem-se ações que colaboram com a cultura escolar buscam a manutenção do status quo e do paradigma dominante. As práticas pedagógicas na escola estão impregnadas por um currículo austero e dominador com ações reprodutoras da cultura escolar. Entendendo que cada unidade escolar precisa conhecer a si mesma, sua cultura, seus objetivos, para entender sua missão como agente social.

- Relatar as práticas pedagógicas inovadoras no âmbito da unidade escolar se houver.

Houve uma dificuldade muito grande de narrar práticas pedagógicas inovadoras, pois se percebe que mesmo com uma cultura popular presente e efervescente, não se encontra uma vontade política de mudança. Não há um movimento de dentro para fora da escola, o movimento no sentido oposto não encontra força, pois as práticas tradicionais perduram nesse local ancorada em um currículo que condiciona fazer mais do mesmo.

Desta forma as práticas pedagógicas no ambiente escolar são condicionadas em uma didática preocupada com o ensino e muito pouco com a aprendizagem, com teorias que primam pelas repetições, podemos observar ainda a existência de uma conspiração que trabalha com a inculcação de valores da sociedade dominante de forma sorrateira e pouco perceptível pelo menos curiosos.

A questão que se propôs a analisar no projeto foi:

- As práticas pedagógicas no âmbito da Escola Municipal Tomé de Souza podem ser consideradas inovadoras?

A conclusão após o trabalho de garimpeiro abraçado a observação e análise, não se podem considerar inovadoras práticas autoritárias com o protagonismo do ensino e da supremacia da cultura escolar, onde os conhecimentos prévios dos alunos são desvalorizados e a cultura popular usada de forma meramente alegórica.

Para que haja inovação pedagógica é preciso o que Fino chama de a tomada de consciência por parte do professor dos “constrangimentos” para desmontá-los. E só depois ter uma unidade educativa diferente, preparada para ir além. A escola observada por mim não consegue a inovação pedagógica, pois não há um canal de ligação entre as culturas e apresenta a valorização da cultura escolar sobre a cultura popular, havendo assim uma

hierarquização o que contribui para a falta de diálogo entre culturas impossibilitando a inovação.

Há ainda um viés que colabora com a dificuldade da escola em levar a sério a cultura popular, muito presente e observável em Lagoa do Gaudêncio a focalização das manifestações culturais usadas de forma lúdicas, sem preocupação com reflexão ou criticidade, ocorrendo uma desvalorização do seu conteúdo simbólico.

Ao observar a cultura escolar e a cultura popular na EMTS percebi a necessidade de um diálogo entre ambas, com ênfase na socialização do conhecimento, na valorização dos saberes populares com possibilidade de um olhar diferente, perspectiva diferente em busca de uma nova configuração paradigmática.

O presente estudo não tem o objetivo de encerrar o debate e a investigação sobre o diálogo entre cultura popular e cultura escolar, contudo é prerrogativa deixar aberto as discussões acerca dos elementos aqui pesquisados. Reiteramos nossa vontade de deixar uma semente plantada, adubada e molhada para que possa germinar crescer e dar frutos.

Assim, percebo que há muito a desenvolver a partir deste trabalho. Por outro lado, espero que meu texto possa ser útil para futuras pesquisas. É claro que guardo uma série de vivências e relatos que ficarão em minhas anotações no diário de bordo de observações e entrevistas, estive durante a escrita destas páginas, procurando amarrar fatos históricos, dados etnográficos com o intuito de cumprir o objetivo ensinado por Geertz: convencê-los de que estive no locus, desta forma estando lá, aqui estou a mostrar o desafio enorme para a cultura popular penetrar em um ambiente fechado da cultura escolar.

Em minhas observações evidenciei o poder simbólico da cultura popular que rege a maneira de viver dos cidadãos, mas rebatido e modificado pela cultura escolar em enfrentamento patrocinado por paradigmas instituídos.

Por fim a conclusão que cheguei foi que infelizmente as práticas pedagógicas na EMTS não podem ser consideradas inovadoras, pois há uma clara preocupação com a repetição do instituído onde a cultura escolar reina soberana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de estado: Nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Etnografia da prática escolar. Campinas, SP, Papyrus, 1995.
- _____. Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional. Brasília: Liber livros, 2005.
- ANGROSINO, Michael. Etnografia e Observação Participante. Porto Alegre, RS. Artmed Editora SA, 2009.
- APPLE, Michael. Poder, significado e Identidade. Ensaio de estudos educacionais críticos. Porto, Portugal; editora Porto, 1999.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo / Laurence Bardin; tradução Luiz Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo; Edições 70, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 2005.
- BENEDICT, R. Padrões de cultura. Tradução de Alberto Candéias. Lisboa: Livros do Brasil, [s.d.].
- _____. O Crisântemo e a Espada. Editora perspectiva S.A. São Paulo, SP. 1972.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas. In: Investigação qualitativa em educação. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. A miséria do mundo. Tradução de Mateus S. Soares. 3a edição. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008
- BRANDÃO, Carlos. R. O que é educação. São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos), 2005.
- BRASIL, Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1998.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Câmara dos Deputados, 2000.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, MEC/SEF, 1997a. 126p.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual*. Brasília, MEC/SEF, 1997b. 164p.

BRUNER, J. *Cultura da educação*. Coleção Ciências do Homem; Trad. Abílio Queirós. Lisboa: Edições 70, 1996.

CAVEDON, Neusa Rolita, LENGLER, Jorge Franciaco Bertinetti (org). *Pós-modernidade e etnografia nas organizações*. Santa Cruz do Sul. EDUNISC, 2005.

CHARTIER, Roger. "CULTURA POPULAR": revisitando um conceito historiográfico. *Estudo históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, Dº 16, 1995, p. 179-192.
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2005/1144>. Acesso em 11 de agosto de 2012 às 16h 38min.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. In: *Durkheim*. 2ª ed. Trad. de Margarida Garrido Esteves. São Paulo, Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores)

FINO, C. N. (2003). "O lugar das tecnologias na formação inicial dos professores: o caso da Universidade da Madeira" in Albano Estrela e Júlia Ferreira (Editores), *A Formação dos Professores à Luz da Investigação*, Actas do XII Colóquio Internacional da AFIRSE/APELF, (pp.). Lisboa: Universidade de Lisboa

_____. (2011). *Inovação Pedagógica, Etnografia, Distanciamento*. In Fino, C. N. (2011). *Etnografia da Educação*. Funchal: Universidade da Madeira - CIE-UMa, pp 99-118.

_____. (2008). "A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais". In Christine Escallier e Nelson Veríssimo (Org.) *Educação e Cultura*. Funchal: DCE – Universidade da Madeira, pp 43-53.

_____. (2008). "Inovação Pedagógica: Significado e Campo (de investigação)". In Alice Mendonça & António V. Bento (Org.) *Educação em Tempo de Mudança*. Funchal :Grafimadeira, pp 277-287.

_____. (2011). "Investigação e inovação (em educação)". In Fino, C. N. & Sousa, J. M. (2011). *Pesquisar para mudar (a educação)*. Funchal: Universidade da Madeira - CIE-UMa, pp 29-48..

_____. *Demolir os muros da fábrica de ensinar*. *Humanae*, v.1, n.4, p.45-54, Ago. 2011.

_____. (2009). "Inovação e invariante (cultural)". In Liliana Rodrigues & Paulo Brazão (Org.). *Políticas educativas: discursos e práticas*. Funchal: Grafimadeira, pp. 192-209.

FALTERI, Paola. *Interculturalismo e culturas no plural*. Florianópolis, MOVERINUP, 1998. p. 33-44.

FLEURI, Reinaldo Matias; FALTERI, Paola. (Org.). *Intercultura e Movimentos Sociais*. Florianópolis. MOVERINUP, 1998a.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. Vigiar e punir: nascimento da prisão. (Título Original: Surveiller et punir. Traduzido por Raquel Ramallete). 37. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro. LTC Editora, 1989.

FREIRE, Paulo, A importância do ato de ler: em três artigos que se completam / Paulo Freire. 23ª edição – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

_____. Pedagogia do oprimido. 17ª. Ed. Rio de Janeiro, paz e terra, 1987.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

_____. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Tradução de Vera Mello Joscelyne. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença A perspectiva dos estados culturais. Tradução: Tomaz Tadeu da silva. 11ª ed. Petrópolis, RJ; Vozes, 2002.

_____. A identidade cultural na pós-modernidade. 11 ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&id=12372&option=com_content Acesso em 14 de agosto de 2013, às 21h 38min.

<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/n10/n10a06.pdf>. Em busca do conceito de cultura escolar: Uma contribuição para as discussões actuais Milan Pol, LenkaHloušková, PetrNovotný, JiříZounek. Acesso em 14 de março de 2014, às 22h 30 min.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre: Bookman, 2001.

Kuhn, Thomas Samuel. A estrutura das revoluções científicas. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. 257 p. (série Debates - Ciência).

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1986.

LAPASSADE, Georges. As microssociologias. Série Pesquisa em Educação. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, E. D. A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2005.

MACEDO, Roberto Sidnei. Etnopesquisa critica Etnopesquisa formação. Brasília. Liber livro. 2006.

_____. Etnopesquisa e o critério de pertinência ética e sócio-profissional. Faced/Ufba. o rigor fecundo A Etnopesquisa crítica como analítica sensível e rigorosa do processo

educativo. Roberto Sidnei Macedo

www.portalseer.ufba.br/index.php/rfaced/article/download/2946/2110 acesso em 10/05/2013 as 12h07min.

MCLAREN, P. A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação. Trad. L. P. Zimmer. Porto Alegre: Arte Medica. 1977

Morin, Edgar, 1921- Os sete saberes necessários à educação do futuro / Edgar Morin; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MASI, Domenico de. *A sociedade pós-industrial*. 3a.ed. Trad. Anna Maria Capovilla. São Paulo: Editora Senac. 2000.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio histórico. São Paulo. 1ª Edição. Ed. Scipione, 2009

PAPERT, Seymour M. A Máquina das Crianças: Repensando a escola na era da informática / Seymour Papert; tradução Sandra Costa, - Porto Alegre, RS: Editora Artes Médicas, 1994

PRANDI, Reginaldo e PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira. Assim como não era no princípio: religião e ruptura na obra de Procópio Camargo. *Novos estudos Cebrap*. São Paulo. 1987.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993, p.144.

ROCHA, Everardo. O que é etnocentrismo. São Paulo. Brasiliense, 2008.

SACRISTÁN. J. Gimeno. La pedagogia por objetivos: obsesión por la eficiencia. Undécima edición, Morata, Madrid, 2002.

_____. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In_: NÓVOA, Antonio (Org.). Profissão professor. Portugal: Porto Editora, LDA: Porto, 1999.

SANTOS Milton e SILVEIRA Maria Laura, *O Brasil? Território e sociedade no início do século XX*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, Milton. *O Espaço Dividido*. São Paulo: EDUSP, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOUSA, J. M. *O Professor como Pessoa*. Porto: ASA Editores, 2000.

_____. O papel do professor face à tensão entre globalização e diversidade. In M. F. Patrício (Org.). *Globalização e Diversidade. A Escola Cultural, uma resposta*. (pp. 307-310). Porto: Porto Editora, 2002.

Sousa, J. & Fino, C. (2007). Inovação e incorporação de novos saberes: o desenho curricular de um mestrado em Inovação Pedagógica, in Actas do VIII Congresso da SPCE, "Cenários da educação/ formação: Novos espaços, culturas e saberes". Edição em CD-ROM.

TYLOR. La ciência de la cultura. In: KAHN, J. S. El concepto de cultura: textos fundamentales. Barcelona: Anagrama, 1975. p. 29-46

TOFFLER, Alvin. Choque do futuro. 4 ed. Rio de Janeiro: Ed Arte nova S/A, 1973.

_____. A terceira onda. 15 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

TOURANE, A. Podemos viver juntos?: Iguais e diferentes. Trad. Jaime, A. Clasen e Ephraim F. Alves. Petrópolis, RJ: vozes, 1998.

VYGOTSKY, L.S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIÑAO FRAGO, A. História de La educación e história cultural. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.0, p. 63-82, set./dez.1995.

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=291915>. Acesso em 16 de julho de 2013, às 22h08min h.

http://nau.ufsc.br/files/2010/09/DAMATTA_voce_tem_cultura.pdf Acesso em 28 de julho de 2013, às 10h16min.

<http://www.umbanda.com.br/a-umbanda/o-que-e-a-umbanda.html> Acesso em 8 de agosto de 2013, às 20h14min.

<http://www.fundacioncarolina.es/esES/publicaciones/avancesinvestigacion/Documents/AI76.pdf> Acesso em 15 de agosto de 2013, às 22h 38min.

<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf> Acesso em 18 de agosto de 2013, às 01h 23min.

<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2014-02-27/a-cada-ano-mais-estudantes-da-educacao-basica-migram-para-escolas-privadas.html> Acesso em 04 de maio de 2014, às 12h 43min.

ZESPO, Emanuel, Codificação da Lei de Umbanda Rio de Janeiro: Ed. Espiritualista, 1953.